



Floresta de Araucária: uma teia ecológica complexa

Editorial

Araucaria angustifolia é o nome científico daquela árvore portentosa que já foi conhecida como a *Araucaria brasiliensis* e *Araucaria brasiliana*, fazendo justiça à sua origem. Sim, estamos falando do pinheiro brasileiro ou do pinheiro-do-Paraná. Não por acaso Curitiba, o nome da capital do Paraná deriva da expressão tupi: *curi* (pinheiro) e *tiba* (muito abundante).

A floresta de araucária, constata o Prof. Dr. Carlos Roberto Fonseca, professor na Unisinos, "é constituída por centenas de espécies de plantas que abrigam um número incrível de mamíferos, aves, sapos, cobras, lagartos, insetos, líquens, fungos etc. Todos estes organismos integrados em uma teia ecológica altamente complexa de interações que persiste a alguns milhares de anos. Desse modo, a floresta de araucária é insubstituível".

Por isso, ela constitui, completa o Prof. Dr. Albano Backes, "um sistema único, exclusivo em todo o Planeta e que contém espécies que são exclusivas desse sistema florestal, começando pela própria araucária". Trata-se, segundo o professor, do segundo bioma mais importante em espécies endêmicas do sul do Brasil, sendo superado tão somente pelo bioma campos sulinos.

Símbolo da floresta e de rara beleza, a araucária, por sua configuração, determina um efeito paisagístico único. No entanto, segundo testemunhas, em nenhum outro país do mundo ela foi tão estúpida e absurdamente destruída e substituída, muitas vezes, pela monocultura de árvores exóticas como o pinus e/ou o eucalipto, dando origem ao que o movimento ecológico tem chamado de "deserto verde". Fenômeno que propiciou o ato de denúncia das mulheres camponesas no dia 8 de março deste ano.

Nesta semana, realiza-se na Unisinos o **Simpósio Floresta de Araucária: Ecologia, Conservação e Desenvolvimento Sustentável**. O evento, que inspirou o tema de capa da presente edição da revista **IHU On-Line**, acontecerá entre os dias 5 e 7 de junho e reunirá pesquisadores, estudantes, órgãos públicos e privados para debater a questão e chamar a atenção da sociedade brasileira para a urgente necessidade da floresta de araucária ser protegida em unidades de proteção integral.

Além dos pesquisadores supracitados, nesta edição, que é publicada no **Dia Internacional do Meio Ambiente**, também contribuem os professores Alexandre Fadigas de Souza, pesquisador no PPG em Biologia da Unisinos; Hermann Behling, pesquisador na Universidade de Bremen, Alemanha; Pedro Ignácio Schmitz, diretor do Instituto Anchietano de Pesquisas, Unisinos; Jorge Luis Waechter, do Departamento de Botânica da UFRGS.

Uma entrevista com o Prof. Dr. Carlos Cirne-Lima, pesquisador no PPG em Filosofia da Unisinos, cujo cd-rom *Dialética para todos* será lançado no dia 12 de junho, na Universidade, e o comentário do belo filme *Cachê*, de Michael Haneke, entre outros temas, completam esta edição.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

Editorial **pg. 2**

Tema de capa

Entrevistas

Alexandre Fadigas de Souza: Devastação humana diminui áreas com araucária **pg. 4**

Hermann Behling: Registros históricos da araucária **pg. 7**

Pedro Ignácio Schmitz: A araucária e os povos indígenas **pg. 10**

Jorge Luís Waechter: Refúgio de diversas espécies **pg. 15**

Carlos Roberto Fonseca: Araucária ameaçada **pg. 18**

Albano Backes: Ambientalistas e empresários: dois olhares sobre a floresta **pg. 21**

Brasil em Foco

Darc Costa: Integração energética na América do Sul é fundamental **pg. 31**

Destaques da semana

Memória:

Daniel Herz – 29/12/54 - 30/05/06

Pedro Luiz S. Osório: Por que deve um nome ser lembrado? **pg. 36**

Entrevista da Semana:

Carlos Cirne-Lima: Dialética para todos: Aristóteles com o controle remoto na mão **pg. 38**

Teologia Pública:

Maria Clara Bingemer: Os jesuítas e a expansão da cultura moderna **pg. 44**

Artigo da Semana:

Vândimer Ribeiro e Jairo Brasil Vieira: 5 de Junho – Dia Mundial do Meio Ambiente **pg. 46**

Filme da Semana:

Caché **pg. 50**

Alessandro Varela: Caché: lendo imagens **pg. 50**

Destaques On-Line:

pg. 53

Deu nos jornais:

pg. 55

Frases da Semana:

pg. 58

IHU em revista

Eventos

pg. 59

IHU Repórter

pg. 77

Devastação humana diminui áreas com araucária

Entrevista com Alexandre Fadigas de Souza



As araucárias se desenvolvem melhor em climas frios e úmidos, e em eras passadas, dominaram grandes extensões do atual território brasileiro.

As florestas com araucárias se estendem, no Brasil, pelas regiões de relevo mais alto, com climas mais frios e úmidos. Conhecer essa espécie foi o objetivo desta

entrevista por e-mail com o doutor em Ecologia, Alexandre Fadigas de Souza. O professor no Programa de Pós-Graduação em Biologia da Unisinos destaca que é importante o conhecimento desta espécie “para que as sociedades humanas possam interagir de forma harmoniosa com elas”.

Souza é pós-doutor pela UFRGS, doutor em Ecologia pela Unicamp com a tese intitulada *Aspectos da dinâmica populacional de uma palmeira clonal¹ na floresta paludícola² da reserva municipal de Santa Genebra³*. Ele é mestre em ecologia também pela Unicamp.

¹ **Palmeiras** são as plantas da família *Arecaceae* (anteriormente chamadas *Palmae* ou *Palmaceae* - a única família da ordem *Arecales*), que pertencem à divisão das plantas que produzem flores, e à ordem das *Monocotiledóneas*. Pertencem a essa família plantas muito conhecidas como o coqueiro e a tamareira. Clonal permite a propagação de populações geneticamente idênticas. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Floresta paludícola**, quando situada em solo permanentemente encharcado. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Campinas, São Paulo. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Como se configura uma floresta de araucárias e quais as características de uma araucária?

Alexandre Fadigas de Souza - As florestas que chamamos "florestas com araucárias" são tipos florestais da Mata Atlântica⁴. Elas têm como característica principal ter a espécie arbórea *Araucaria angustifolia*⁵ que é um pinheiro, como espécie dominante sobre as outras árvores, que são angiospermas⁶ (dão flores e frutos). As araucárias se desenvolvem melhor em climas frios e úmidos e, em eras

⁴ A **Mata Atlântica** é considerada uma das grandes prioridades para a conservação de biodiversidade em todo o continente americano. Em estado crítico, sua cobertura florestal acha-se reduzida a cerca de 7,6% da área original, que perfazia uma extensão de aproximadamente 1.306.421 km². Distribuído por mais de 17 estados brasileiros, este bioma é composto de uma série de fitofisionomias bastante diversificadas, determinadas pela proximidade da costa, relevo, tipos de solo e regimes pluviométricos. Essas características foram responsáveis pela evolução de um rico complexo biótico de natureza florestal. Apesar da devastação acentuada, a Mata Atlântica ainda contém uma parcela significativa da diversidade biológica do Brasil, com altíssimos níveis de endemismo. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ A espécie *Araucaria angustifolia* é nativa do Brasil e possui uma ampla área de distribuição, contribuindo para que o pinheiro-do-paraná se diferencie em raças locais ou ecotipos descritos em variedades, a saber: *Araucaria angustifolia: elegans, sancti josephi, angustifolia, caiova, indehiscens, nigra, striata, semi-alba e alba*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ As **Angiospermas** ou **angiospérmicas**, (das palavras gregas que significam *sementes escondidas*) - as **plantas com flores** - agrupadas na Divisão *Magnoliophyta* ou *Anthophyta*, do grupo das espermatófitas, são o maior e mais moderno grupo de plantas, englobando cerca de 230 mil espécies. As principais características das Angiospermas incluem óvulos e grãos de pólen encerrados em folhas modificadas inteiramente fechadas sobre eles, respectivamente o carpelo e a antera. Estes órgãos podem encontrar-se juntos ou separados em estruturas especializadas, as flores. Estas, por sua vez, são normalmente providas de um cálice (as sépalas) e uma corola (as pétalas), que têm a função de proteger os órgãos reprodutivos, ao mesmo tempo que podem atrair insetos polinizadores pelo seu colorido intenso, seu perfume, ou suas formas diferenciadas. (Nota da *IHU On-Line*)

passadas, dominaram grandes extensões do atual território brasileiro. Além das araucárias, outras espécies da família das mirtáceas⁷ (a mesma das goiabeiras, da cereja e da pitanga) também são muito mais frequentes neste tipo florestal do que nos outros.

IHU On-Line - Onde podemos encontrar florestas de araucária?

Alexandre Fadigas de Souza - As florestas com araucárias se estendem, no Brasil, pelas regiões de relevo mais alto, com climas mais frios e úmidos, desde o Rio Grande do Sul até o Paraná, com algumas ilhas de vegetação na Serra da Mantiqueira em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Estas são relictos⁸ da época em que as florestas com araucárias cobriam extensamente estes estados. Apesar desta grande extensão original, atualmente as florestas com araucárias estão reduzidas a poucos fragmentos mais ou menos isolados, devido à grande devastação feita pela sociedade humana.

IHU On-Line - Que tipo de animais e plantas podemos encontrar nos arredores das florestas com araucárias?

Alexandre Fadigas de Souza - As florestas com araucárias contêm um grande número de animais e plantas, muitos deles endêmicos deste tipo florestal. Endêmico significa que só vive naquele local ou naquele tipo de ambiente. Existe uma suspeita ainda não confirmada de que as florestas com araucárias dão suporte a um número

⁷ *Myrtaceae* é uma família botânica que compreende 130 gêneros e cerca de 3.000 espécies. São plantas arbustivas ou arbóreas representadas nas Américas principalmente pelas plantas frutíferas. Exemplo: jambo, pitanga e uvalha (*Eugenia spp.*); goiaba e araçá (*Psidium spp.*); jaboticaba e cambuí (*Myrciaria spp.*). (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ A palavra relictos é usada em biologia para designar os seres vivos animais e abundantes, que hoje estão em vias de extinção. (Nota da *IHU On-Line*)

mais elevado de animais como as cutias, os esquilos, e outros roedores de grande porte em função da grande abundância de pinhões produzidos pelas araucárias.

***IHU On-Line* - Quantas espécies de araucárias podemos encontrar e quais suas diferenças? Em que lugares do mundo podemos encontrar tais espécies?**

Alexandre Fadigas de Souza – Há diversas espécies de araucárias, mas no Brasil só há uma: a *Araucaria angustifolia*. No Chile, encontramos *Araucaria araucana*, que tem o tronco mais curto do que a espécie brasileira. Nas ilhas da Oceania, como a Nova Zelândia e a Nova Caledônia, existem outras espécies, assim como outros pinheiros aparentados com a araucária brasileira. Juntas, estas espécies formam um grupo conhecido como as "coníferas do Hemisfério Sul". Este grupo de pinheiros ainda é relativamente pouco compreendido e necessita de muita atenção dos cientistas para que as sociedades humanas possam interagir de forma harmoniosa com elas. Daí a importância de realizarmos o **Simpósio Floresta de Araucária: Ecologia, Conservação e Desenvolvimento Sustentável**⁹, aqui na Unisinos, em que diversos pesquisadores têm a oportunidade de trocar seu conhecimento a respeito.

***IHU On-Line* - O senhor pode falar da estrutura populacional da Araucária angustifolia?**

Alexandre Fadigas de Souza – É muito comum nas florestas com araucárias encontrarmos muitas árvores

adultas desta espécie e poucas ou quase nenhuma juvenil. Chamamos a isso de estrutura populacional dominada por adultos. Isso levou alguns pesquisadores do passado a acreditar que as araucárias representavam um tipo de plantas que estava sendo gradualmente expulso da natureza pelas espécies de árvores evolutivamente mais recentes e mais competitivas. Pesquisas recentes, porém, têm sugerido que, na verdade, as araucárias são pioneiras de vida longa. Isto significa que elas seriam especializadas em colonizar ambientes abertos pela natureza ou pelo homem, como os campos ou grandes clareiras formadas por deslizamentos de terra, grandes incêndios, tornados e terremotos. Com o tempo, embaixo das suas copas se desenvolveria a floresta formada por outras espécies, e os juvenis das araucárias não encontrariam mais a luz de que precisam para crescer. Como vivem muitos anos, até séculos, elas poderiam esperar como adultas uma nova oportunidade de ver o ambiente ser aberto por uma perturbação natural e assim voltar a produzir juvenis.

⁹ O evento chamado **Simpósio Floresta de Araucária: Ecologia, Conservação e Desenvolvimento Sustentável** acontecerá na Unisinos, entre os dias 5 e 7 de junho, e reunirá pesquisadores, estudantes e órgãos públicos e privados para debater a questão. (Nota da *IHU On-Line*)

Registros históricos da Araucária

Entrevista com Hermann Behling

Passando por todos os períodos na escala de tempo geológico, o biólogo com especialização em palinologia e paleoecologia, Hermann Behling, faz um panorama dos registros históricos da araucária. Behling, que também é pesquisador e professor na Universidade de Bremen, da Alemanha, mostrou, nesta entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*, a forte influência do clima sobre as florestas com araucárias e como as mudanças globais afetam esse ecossistema. “O entendimento da dinâmica paleovegetacional e da alteração da composição paleoflorística, dados fornecidos pela palinologia, podem subsidiar ações de preservação e manejo, deste ecossistema”, explica.

Behling é doutor em Biologia pela Universitat Göttingen, UG, Alemanha e mestre em Botânica pela mesma universidade. Já produziu mais de 70 artigos e participou de capítulos publicados em livros como: *Paleovegetação e Paleoclimas do Quaternário do Brasil*, 2005 e *A geologia da região de Caxiuana na Amazônia Oriental*, 2002.

***IHU On-Line* - Qual a origem das florestas com araucárias?**

Hermann Behling - A cobertura vegetacional da mata com araucárias, considerada à época do início da colonização européia, foi estimada com base nos dados botânicos, em 200.000 km². Ocorria de forma abundante nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e de modo esparso em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Vários estudos paleoecológicos foram realizados na floresta com araucárias e adjacências durante as últimas duas décadas. Dentre estes, o realizado em Cambará do Sul, Rio Grande do Sul, registrou a idade de 42.000 anos AP¹⁰ e proporcionou importantes dados sobre a história da mata com araucárias. O registro

polínico desta região indicou a presença de extensas áreas de formação campestre e ausência de vegetação arbórea durante o pré-Último Máximo Glacial¹¹ até o Último Máximo Glacial¹². O predomínio dos campos sugere a ocorrência de clima frio e seco sendo freqüente a ocorrência de geadas. A temperatura mínima inferior a -10° C e o período de seca sazonal impediram o desenvolvimento da araucária nas terras montanas. Durante o Último Máximo Glacial, a presença de grãos de pólen tipo *Eryngium*, a ocorrência de lagos rasos e intermitentes apontam, respectivamente, para a vigência de clima sazonal com um longo período de seca. Estas condições climáticas prevaleceram até o início do Holoceno¹³. Estes mesmos resultados

¹⁰ O termo **ap**, em arqueologia, significa "Antes do Presente". Assim, se um determinado fato ocorreu há 10.000 a.C., ele também pode ser notado como 12.000 ap. Sobre estudos paleontológicos ver *IHU On-Line* edição 126 do dia 6 de dezembro de 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

¹¹ Pré-último máximo glacial (cerca de 31.000 - 27.000 anos 14C AP). (Nota da *IHU On-Line*)

¹² Último máximo glacial (cerca de 27.000 - 13.000? anos 14C AP). (Nota da *IHU On-Line*)

¹³ Na escala de tempo geológico, o **Holoceno** ou **Holocénico** é a época do período Neogeno da era

foram encontrados para as regiões de Catas Altas e Lago dos Olhos (Minas Gerais), Botucatu e Morro de Itapeva (São Paulo) e Volta Velha (Santa Catarina). Portanto, o registro polínico ao longo do Pleistoceno¹⁴, em terras montanas e alto-montanas, não suporta a presença de Mata de Araucária, mas evidencia a ocorrência de extensas áreas de formações campestres para as regiões Sul e Sudeste do Brasil. Os poucos grãos de pólen arbóreos detectados nos diferentes sedimentos anteriormente enumerados, possivelmente transportados pelo vento, seriam oriundos de florestas estabelecidas nos vales profundos e protegidos dos planaltos. Em terras baixas do Rio Grande do Sul, estudos palinológicos¹⁵ têm evidenciado o mesmo panorama vegetacional com a vegetação herbácea dominando a paisagem.

Registros históricos

Durante o Holoceno Médio e Superior (em torno de 4.320 - 1.000 anos AP), a mata com araucárias sofreu ampliação, formando uma rede de florestas de galeria ao longo dos rios, enquanto regionalmente a vegetação herbácea predomina. Os registros polínicos da floresta com araucárias incluem, além da própria *Araucaria*, sucessivamente, grãos de pólen de *Myrsine*, *Mimosa*

Cenozóica do éon Fanerozóico que se iniciou há cerca de 11.500 anos e se estende até o presente. A época Pleistocena sucede a época Pliocena de seu período. Diferente das outras épocas de sua era, não se divide em idades. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁴ Na escala de tempo geológico, o **Pleistoceno** ou **Plistocénico** é a época do período Neógeno da era Cenozóica do éon Fanerozóico que está compreendida entre 1 milhão e 806 mil e 11 mil e 500 anos atrás, aproximadamente. A época Pleistocena sucede a época Pliocena e precede a época Holocena, ambas de seu período. Divide-se nas idades Pleistocena Inferior, Pleistocena Média e Pleistocena Superior, da mais antiga para a mais recente. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁵ Palinológico é o estudo de polens. (Nota da *IHU On-Line*)

scabrella, Myrtaceae, *Podocarpus* e *Ilex* e esporos de *Dicksonia sellowiana*. No topo do Holoceno Superior (1.000 - 430 anos AP), houve um acentuado aumento do registro polínico dos táxons¹⁶ da floresta com araucárias, sobretudo, *Araucaria angustifolia* e *Mimosa scabrella* as quais substituem a vegetação herbácea.

Influência do Clima

O registro polínico de táxons¹⁷ constituintes da floresta com *Araucaria* exibe um pequeno acréscimo, indicando que houve migração destas matas, provavelmente, seguindo o curso dos rios. Elementos polínicos relativos a grãos de pólen da Mata Atlântica também sofreram um aumento, denotando ampliação destas florestas através das escarpas litorâneas da Serra Geral. A associação dos conjuntos polínicos registrados para essa idade aponta a ocorrência de clima seco. Por sua vez, a troca na composição paleoflorística da vegetação campestre, do Pleistoceno para o Holoceno, sugere a vigência de clima quente. O registro polínico não detectou expansão da mata com araucária, demonstrando que as condições climáticas, quente e seca, não eram favoráveis ao seu desenvolvimento. A mudança na composição paleoflorística iniciada em 4.320 anos AP e acentuada após 1.000 anos AP, reflete variações para um clima mais úmido, com alta

¹⁶ **Táxon** é uma unidade taxonômica, essencialmente associada a um sistema de classificação. Táxons (ou *taxa*) podem estar em qualquer nível de um sistema de classificação: um reino é um táxon, assim como um gênero é um táxon, assim como uma espécie também é um táxon ou qualquer outra unidade de um sistema de classificação dos seres vivos. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁷ **Táxon** é uma unidade taxonômica, essencialmente associada a um sistema de classificação. Táxons (ou *taxa*) podem estar em qualquer nível de um sistema de classificação: um reino é um táxon, assim como um gênero é um táxon, assim como uma espécie também é um táxon ou qualquer outra unidade de um sistema de classificação dos seres vivos. (Nota da *IHU On-Line*)

pluviosidade e pequeno ou inexistente período de seca.

A planície costeira do Rio Grande do Sul tem sido palco de vários estudos palinológicos os quais consensualmente demonstraram a ausência de mata com araucárias ao longo da zona costeira. Esses estudos têm evidenciado o domínio da vegetação herbácea, sendo o estabelecimento e a expansão das matas de restinga datadas para o Holoceno, quando houve melhoria das condições climáticas.

IHU On-Line - O que podemos concluir desses dados precisos?

Hermann Behling - Os dados palinológicos mostraram que a floresta com araucárias nas regiões Sul e Sudeste do Brasil estabeleceu-se muito recentemente e sob condições climáticas específicas. A expansão deste importante ecossistema é resultado de trocas climáticas e de migrações de floras refugiadas nos vales das serras pelos cursos dos rios. Análises polínicas modernas demonstram o alto grau de perturbação a que estas florestas estão expostas devido à pecuária, exploração de madeira e atualmente pela substituição desmedida por essências florestais exóticas como o *Pinus*¹⁸. O estabelecimento da exata área de ocorrência da floresta com araucárias, o entendimento da dinâmica paleovegetacional e da alteração da composição paleoflorística, dados fornecidos pela palinologia, podem subsidiar ações de preservação e manejo, deste ecossistema. A compreensão da dinâmica paleovegetacional pode servir de base para a construção de modelos regionais de implantação e aceleração do

¹⁸ As espécies do gênero *Pinus* são amplamente utilizadas em reflorestamentos no Brasil, devido, principalmente, ao seu rápido crescimento. A madeira do pinus é usada em construções leves ou pesadas, na produção de laminados, compensados, chapas de fibras e de partículas, na produção de celulose e papel, entre outros. (Nota da *IHU On-Line*)

processo de sucessão e como banco de dados na busca de essências nativas úteis a projetos de reflorestamento.

IHU On-Line - Como as mudanças globais modificam a estrutura das florestas com araucárias?

Hermann Behling - A intensa exploração deste ecossistema reduziu sua cobertura florestal para cerca de 3% de sua área, ou seja aproximadamente 6.000 km², considerando florestas exploradas e matas em regeneração. Para preservar a floresta com *Araucaria* e seus remanescentes é preciso compreender os processos ecológicos que regulam seu funcionamento. O conhecimento acerca da distribuição e da dinâmica da paleovegetação são elementos importantes para a compreensão dos ecossistemas modernos, além de fornecerem uma visão sinótica dos fenômenos ecológicos que regem os mesmos. Entre 30-15 anos AP, houve uma expressiva diminuição do registro de grãos de pólen de *Araucaria angustifolia* como consequência da intensa exploração de sua madeira. A extração desmedida de caules de *Dicksonia sellowiana*¹⁹, utilizado como substrato para cultivo de plantas ornamentais, ocasionou diminuição de seu registro no espectro polínico nas últimas décadas. A introdução do gado e a derrubada seletiva da *Araucaria angustifolia* propiciaram condições ambientais favoráveis ao desenvolvimento de uma mata secundária, caracterizada pela presença freqüente de *Mimosa scabrella*²⁰, Myrtaceae, *Lamanonia speciosa*²¹ e *Ilex*

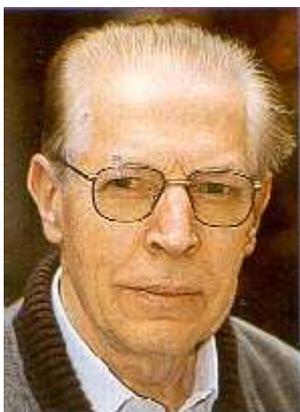
¹⁹ Xaxim. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁰ A *Mimosa scabrella Benth* (bracatinga) é uma espécie arbórea nativa da Mata Atlântica. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ Cedro-do-campo (Nota da *IHU On-Line*).

A Araucária e os povos indígenas

Entrevista com Pedro Ignácio Schmitz



Desde o pinheirinho do Natal até nos dias chuvosos e frios da serra, com uma lareira abastecida com “nós de pinho”, a araucária sempre esteve presente na vida humana. Os povos indígenas foram os primeiros a usufruírem da araucária, depois o uso do pinheiro mudou durante o período da colonização européia.

Essas mudanças e todos os aspectos culturais, envolvendo a araucária foram tratados nesta entrevista concedida por e-mail

à *IHU On-Line* pelo diretor do Instituto Anchieta de Pesquisas da Unisinos, Pedro Ignácio Schmitz.

Schmitz é graduado em Geografia, História, Filosofia e Teologia e doutor em História. Trabalha, entre outros assuntos, com populações indígenas e missões religiosas na América Latina. Publicou e organizou 23 livros, entre eles: *Aterros Indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul*. São Leopoldo: Unisinos, 1999; *Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina*. São Leopoldo: Unisinos, 1999; *Casas Subterrâneas nas terras altas do sul do Brasil*. São Leopoldo: Gráfica Unisinos, 2002 e *O estudo dos esqueletos escavados por Pe. João Alfredo Rohr S.J. no litoral de Santa Catarina*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

***IHU On-Line* - Quais foram os primeiros povos que usufruíram a araucária?**

Pedro Ignácio Schmitz - O Rio Grande do Sul foi povoado, desde aproximadamente dez mil anos antes de Cristo, por populações indígenas que viviam da caça e da coleta de frutos e pequenos animais. Restos de seus acampamentos, em abrigos rochosos e a céu aberto, são conhecidos das bacias dos grandes rios e da encosta do planalto, mas os arqueólogos ainda não encontraram vestígios deles nas terras cobertas pelos pinheiros da espécie *Araucaria angustifolia*. Talvez estas terras altas e frias oferecessem pouca densidade de recursos para populações nômades, constituídas por poucas famílias, ou, na sua migração pelo território, elas ainda não tinham chegado a ocupar este espaço.

Temos certeza de que exploravam os pinheirais os índios conhecidos como Kaingang²² e seus antepassados, que povoavam o planalto meridional desde aproximadamente Caxias do Sul até São

²² Os Kaingang são um povo pertencente à família lingüística Jê, integrando, junto com os Xokleng, os povos Jê Meridionais. Sua cultura desenvolveu-se à sombra dos pinheirais, ocupando a região sudeste/sul do atual território brasileiro. Há pelo menos dois séculos sua extensão territorial compreende a zona entre o Rio Tietê (SP) e o Rio Ijuí (norte do RS). No século XIX, seus domínios se estendiam, para oeste, até San Pedro, na província argentina de Misiones. Atualmente, os Kaingang ocupam cerca de 30 áreas reduzidas, distribuídas sobre seu antigo território, nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com uma população aproximada de 29 mil pessoas. Sozinhos, os Kaingang correspondem à quase 50% de toda a população dos povos de língua Jê, sendo um dos cinco povos indígenas mais populosos no Brasil. (Nota da *IHU On-Line*)

Paulo. Sua presença, na área, pode ser atestada desde os primeiros séculos de nossa era. Trata-se de uma população da grande família lingüística Jê²³, que se teria deslocado dos cerrados sempre quentes do Brasil Central, aproximadamente mil anos antes de Cristo, vindo fixar-se nas matas subtropicais, caracterizadas por quatro estações anuais, uma bastante quente e uma consideravelmente fria.

A geografia

No lugar de origem, de clima quente o ano todo, eles viviam em abrigos rochosos abertos e iluminados, e sua economia se baseava no cultivo de plantas tropicais, como o milho, a mandioca, o feijão, o amendoim, e ainda na caça e na exploração das muitas e saborosas frutas do cerrado. O abastecimento anual de alimentos teria uma distribuição satisfatória: na primavera, quando começam as chuvas e se faziam as plantações, havia grande disponibilidade de frutas, cujo amadurecimento acompanha o começo das chuvas; no verão e no outono estariam disponíveis os produtos agrícolas, que podiam ser estocados para cobrir também o inverno, estação de menores recursos.

Deslocando-se do ambiente tropical para se instalar num ambiente frio, com recursos ambientais diferentes, foi necessário produzir um novo tipo de habitação e um novo sistema alimentar. A língua, a estrutura social e muitos elementos da cultura permaneceram iguais, mas são hoje considerados arcaicos se comparados com os de sua área de origem, devido ao longo tempo de separação. Outros elementos tiveram de ser modificados. As grutas abertas e ensolaradas, em que tinham vivido nos trópicos, foram substituídas por casas

²³ Os povos indígenas de **língua jê** encontram-se sobretudo no Brasil Central. Distinguem-se de vários outros povos das terras baixas da América do Sul por possuírem uma organização social bem definida com aldeias circulares divididas em metades. (Nota da *IHU On-Line*)

escavadas no chão, as chamadas “casas subterrâneas”, na realidade, casas circulares feitas com estruturas de troncos e varas, cobertas com palha, completamente fechadas e com o piso profundamente rebaixado. Mantendo o fogo aceso no seu interior, elas permaneceriam aquecidas no tempo frio e chuvoso, mas teriam o inconveniente de ser escuras e enfumaçadas. Elas eram construídas nas colinas, em pendentes suaves, longe dos rios e munidas de pequenas barreiras para evitar a entrada da água do subsolo e das chuvas. Por serem escuras, a maior parte das atividades seria realizada no exterior, debaixo da copa dos pinheiros. Outra adaptação importante seria a troca da exploração das frutas suculentas do cerrado pelas sementes secas, mas altamente nutritivas do pinheiro, conhecido como araucária, que não amadurecem na primavera, mas no outono.

***IHU On-Line* - Que tipo de atividades os povos indígenas desempenhavam usando a araucária?**

Pedro Ignácio Schmitz – O pinhão²⁴, nesse novo ambiente, passou a ser o recurso crítico desses grupos. Como as famílias se multiplicaram, passaram a formar tribos numerosas, que encheram o espaço com aldeias de casas subterrâneas. Com isso, o controle da colheita e da conservação do pinhão

²⁴ O pinhão é a semente do pinheiro, assim consideradas várias espécies de *pinaceas* e *araucariaceas*, que são gimnospérmicas (cuja semente não se encerra num fruto). O pinhão se forma dentro de uma pinha, fechada, que, com o tempo vai-se abrindo, e liberta o pinhão. Nas *pináceas*, (como exemplo o *Pinus elliotti*) as sementes são dotadas de uma película como uma espécie de asa, com a qual se descola da pinha madura e proporciona-lhe ser espalhada pelo vento, iniciando-se assim o processo de crescimento de um novo pinheiro. No caso das araucárias, e notadamente da *Araucaria angustifolia* ou "pinheiro do Paraná", a pinha atinge proporções razoáveis, constituindo-se de uma esfera compacta com diâmetro entre 15 e 20 centímetros. (Nota da *IHU On-Line*)

para meses pouco abastecidos, passou a ser requisito importante da sobrevivência da população. Um engenheiro, que ficou preso no meio deles durante alguns meses, no século XIX, escreve que cada chefe de grande família tinha um território delimitado nos pinheirais que dominavam o planalto. Os limites desse território estavam bem assinalados e a lei da sobrevivência era rigorosa: indivíduo, que fosse pego colhendo pinhão sem autorização, podia ser morto; e quando um grupo entrava no espaço reservado para outro grupo, a consequência era a guerra. As casas subterrâneas, antigamente, e as aldeias de casas de palha, posteriormente, marcavam fortemente o espaço de cada tribo e de cada grande grupo de famílias. Como o pinhão amadurece no outono, era preciso concentrar as forças para colher o máximo possível da semente madura, não só para o consumo imediato, mas para estocá-lo para o inverno e começo da primavera, quando outros recursos de alimentação eram mais escassos. Para que o pinhão colhido não apodrecesse, brotasse ou fosse infestado por parasitas, fazia-se “conserva” de pinhão: a semente era colocada num cesto impermeabilizado com cera e colocada no fundo de arroios ou banhados; depois de um tempo ela era retirada, seca ao sol, moída e transformada em pães cozidos nas cinzas. Um viajante que viu estes pães achou que eles não tinham nem o cheiro, nem o gosto dos nossos, mas alimentavam.

O uso predominante de pinhão em certas épocas do ano produzia nos seus consumidores uma erupção da pele semelhante ao escorbuto, que afligia os navegantes que viviam de biscoito, ou à pelagra²⁵, consequência do mau e

²⁵ **Pelagra** é uma doença causada pela falta de niacina (ácido nicotínico ou vitamina B ou vitamina PP) ou do aminoácido essencial triptofano e conhecida por seus três sintomas que começam com a letra **D**. São eles: o aparecimento de uma cor escura na pele (**D**ermatite, que fica seca e áspera. Mais tarde aparecem **D**iarreias e

exclusivo uso do milho no continente europeu.

O sistema Kaingang de aproveitamento do pinhão não era uma coisa única no mundo. Os índios de regiões áridas do sul da América do Sul faziam algo parecido com a semente do algarrobo²⁶, cujas vagens, semelhantes às do ingá, eram colhidas, conservadas, moídas e a farinha transformada em pão: o “pão dos patagões”. Os índios das terras áridas do sudoeste dos Estados Unidos colhiam as bolotas do carvalho, que tratavam para tirar a toxicidade, conservavam-nas e transformavam-nas em pães para o sustento.

***IHU On-Line* - Que diferenças o senhor vê para o uso que é feito da araucária hoje em dia?**

Pedro Ignacio Schmitz - O uso do pinheiro mudou durante o período da colonização europeia. Os imigrantes italianos, que se estabeleceram na área dos pinheirais, inicialmente usavam o pinheiro para construir suas casas, comiam o pinhão abundantemente e com ele engordavam porcos, soltos no pinheiral. Em meados do século passado, o pinheiro, transformado em tábuas, passou a ser muito valorizado para exportação. Com isso, os pinheirais entraram em rápida extinção. Hoje, o pinheiro, como árvore nativa, está fortemente resguardado pelas novas leis ambientais, que proíbem qualquer corte ou utilização do pinheiro, com exceção de suas sementes. Não é permitido o corte nem mesmo de uma planta nova para pinheirinho de Natal, nem é permitido o uso econômico de um tronco derrubado por uma tempestade. A proibição de fazer uso econômico dos

alterações mentais (**D**emência); também conhecida como doença dos três **D**'s. O nome 'vitamina PP' faz referência à ação Preventiva à Pelagra. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁶ **Algarrobo** é uma comuna da província de San Antonio, localizada na Região de Valparaíso, Chile. Possui uma área de 175,6 km² e uma população de 8.601 habitantes (2002). (Nota da *IHU On-Line*)

pinheiros fá-los serem menos numerosos, conservando-se principalmente nos parques, porque ninguém vai plantar para não poder colher.

IHU On-Line - Existem aspectos místicos, culturais e mitológicos que envolvam as florestas com araucárias? Quais seriam?

Pedro Ignácio Schmitz - O pinheirinho de Natal é a mais importante tradição mística. Ela foi trazida pelo imigrante alemão, que transferiu para o pinheiro brasileiro uma tradição européia. Como na Alemanha, por ocasião do Natal, a única árvore verde é um “pinheiro”, uma planta muito diferente da nossa, a função simbólica passou para o nosso, por analogia no nome. Nos dias chuvosos e frios da serra, a lareira é abastecida com “nós de pinho” e a família reunida degusta pinhão cozido ou assado, com chimarrão ou vinho da própria cantina, consegue-se o máximo aconchego de um final de semana feliz. Pinheiros velhos no campo, com os ramos simulando um cálice, são associados a orantes de braços erguidos e produzem uma sensação de intimidade com a natureza.

O pinheiro é usado como identificador regional. A araucária também é conhecida como Pinheiro do Paraná, o Estado muitas vezes se identifica com ele, o termo tupi Curitiba significa pinheiral, e uma cidade da região metropolitana de Curitiba é denominado São José dos Pinhais. Diversas outras localidades incluem o seu nome.

Se para o índio Kaingang ou seus antepassados o pinheiro tinha algum significado mítico ou místico, além da forte ligação econômica, os antropólogos e arqueólogos não o têm destacado.

IHU On-Line - Que ligações o senhor faz da araucária com a arqueologia e a antropologia?

Pedro Ignácio Schmitz - Quando, em 1965, começamos a pesquisa arqueológica no Instituto Anchieta de Pesquisas, um dos primeiros e mais instigantes temas foram as casas subterrâneas nos pinheirais do planalto, que estávamos começando a descobrir. A escavação dessas casas, decifrando com o auxílio da pá, da enxada, da colher de pedreiro e do pincel de cabelo, a forma e técnica de construção, os artefatos abandonados, os esqueletos guardados nas fendas das rochas, foram sensações inesquecíveis. A repercussão no grande público do Estado também era enorme porque a RBS cobria e divulgava generosamente todos os trabalhos. Reconstruídos os elementos básicos da cultura, começou a busca pela identidade dos antigos moradores: quem teriam sido? Os únicos índios de que se tinha informação para a região do planalto eram os Kaingang, antigamente chamados de Goianazes, Ibirajaras, Caáguas, Coroados. Desta busca nasceu um levantamento completo e a organização dos dados sobre o grupo. O livro que daí nasceu, *O Índio Kaingang no Rio Grande do Sul*, de autoria de Ítala Irene Basile Becker, publicado pelo Instituto Anchieta de Pesquisas, em 1976, já foi reimpresso várias vezes porque sua procura não acaba. Como provamos que os habitantes das “casas subterrâneas” são os índios Kaingang, hoje somando ao menos 15.000 indivíduos no Estado? Basicamente por meio da datação das antigas casas por carbono quatorze. Hoje temos suficientes datas, que vão do século V de nossa era até meados do século XIX, momento em que os moradores da região são descritos pelo engenheiro belga encarregado da primeira abertura de estradas pelo seu território. Esta já é uma longa história, cheia de peripécias e ela ainda não acabou. O Instituto Anchieta de Pesquisas continua escavando “casas subterrâneas” e os mestrandos e doutorandos de História da Unisinos escrevem sobre o modo de

vida, as lideranças, a colonização do território, a formação das reservas indígenas e a perspectiva de sobrevivência dessas populações pelas novas adaptações que, desta vez, incluem “aldeias urbanas”, complementando a vivência nas reservas do interior.

Toda essa história começou com a expansão do pinheiral nos frios planaltos do Sul do Brasil, a chegada de um pequeno grupo de índios de língua Jê deslocados do Brasil Central e da

criação de uma economia baseada no pinhão. A história já se perpetua por aproximadamente oitenta gerações humanas que, depois da primeira, fizeram várias outras adaptações. Hoje seus descendentes formam uma população Kaingang com mais de 20.000 pessoas no Sul do Brasil, ainda uma vez em busca de um novo destino, desta vez, num mundo urbano e globalizado, no qual o pinheiro e sua semente já têm muito pouco valor econômico e mesmo simbólico.

Refúgio de diversas espécies

Entrevista com Jorge Luis Waechter



“Qualquer árvore pode servir de apoio, refúgio ou substrato para um número mais ou menos diversificado de animais, plantas, fungos e microorganismos”, é o que diz o professor do Instituto de Biociências, Departamento de Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Jorge Luis Waechter.

Nesta entrevista concedida por e-mail a *IHU On-Line*, Waechter falou de um grande número de relações ou interações que alguns organismos possuem com as araucárias. O professor diz que o ambiente epidêndrico, ou seja, sobre as árvores, oferece vantagens e desvantagens. Segundo ele, essas relações são importantes para o funcionamento e a manutenção de processos que garantem o equilíbrio e a preservação de todos os componentes.

Waechter é doutor em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR, com a tese *O epifitismo vascular na Planície Costeira do Rio Grande do Sul*, 1992. É mestre em Botânica pela UFRGS e tem inúmeros artigos publicados e capítulos em livros como *Estrutura do componente arbóreo da floresta arenosa de restinga do Parque Nacional da Lagoa do Peixe, Rio Grande do Sul*, São Paulo: Hoehnea, 2004.

IHU On-Line - Que tipos de organismos podem ser encontrados sobre as araucárias?

Jorge Luis Waechter – Qualquer árvore pode servir de apoio, refúgio ou substrato para um número mais ou menos diversificado de animais, plantas, fungos e microorganismos. Os animais podem ser divididos em três grupos principais: 1) arborícolas que vivem a maior parte do tempo no dossel²⁷; 2) voadores, que, em geral, pousam temporariamente nos ramos; 3) escansoriais, que escalam as árvores, subindo e descendo para o solo.

As plantas que vivem sobre árvores também costumam ser divididas em três grupos nas abordagens científicas: 1) líquens, que, na realidade, são fungos simbiotes com algas, muitas vezes, utilizados em pesquisas de qualidade do ar; 2) epífitos avasculares, compreendendo os musgos e as hepáticas; 3) epífitos vasculares, que constituem o grupo mais evidente em florestas tropicais e subtropicais úmidas ou chuvosas. Os dois últimos grupos se distinguem, respectivamente, pela ausência ou presença de tecidos condutores elaborados. A separação dos três grupos de plantas se prende, em grande parte, à dificuldade taxonômica de lidar com organismos muito

²⁷ Copa das árvores. (Nota da *IHU On-Line*)

diferentes e porque as florestas temperadas apresentam, com raras exceções, apenas líquens e epífitos avasculares. Nas florestas sul-brasileiras com araucária, representantes de todos esses grupos podem ser encontrados com facilidade.

IHU On-Line - Qual o nome dessa relação entre as araucárias e estes organismos?

Jorge Luis Waechter – Um grande número de relações ou interações em geral ocorre simultaneamente entre árvores e outros organismos. De maneira simples, estas interações podem ser separadas em alguns grupos distintos: 1) relações benéficas para as árvores, incluindo os organismos que polinizam as flores e dispersam os frutos ou sementes; 2) relações prejudiciais para as árvores, incluindo, sobretudo, os herbívoros e os parasitos; nesta última categoria se enquadram muitos fungos e também algumas plantas, como as conhecidas ervas-de-passarinho; 3) relações neutras para as árvores, nas quais comumente se incluem as plantas epifíticas de modo geral. Muitas interações também acontecem abaixo da superfície do solo, como a associação com fungos, presente em muitas espécies de coníferas, e a associação com bactérias fixadoras de nitrogênio, presente na maioria das leguminosas. Os nomes das relações podem ser simplesmente referidos como polinização, dispersão, herbivoria²⁸, parasitismo, epifitismo, etc, sendo amplamente usados em estudos ecológicos.

IHU On-Line - O que são epífitos vasculares? Eles só existem nas florestas de araucárias?

Jorge Luis Waechter – Epífitos vasculares são plantas que vivem sobre outras plantas, apresentam tecidos

condutores especializados e raízes aderentes externas, que não penetram nos tecidos vivos internos das plantas portadoras. Embora plantas epifíticas sejam denominadas de “parasitas” em algumas regiões, trata-se efetivamente de categorias ecológicas diferentes. Os epífitos podem ser cultivados em diversos substratos, aliás, muitas espécies são amplamente apreciadas como plantas ornamentais, entre orquídeas, bromélias, antúrios, cactos, peperômias e samambaias. Os parasitos geralmente morrem após a retirada dos ramos, devido à desconexão com as raízes internas especializadas (haustórios), que estabelecem a relação antagônica com a árvore hospedeira. Os epífitos vasculares são geralmente separados em dois grupos ecológicos principais, os holoeplífitos ou epífitos permanentes, que dependem unicamente da árvore portadora como substrato, e os hemieplífitos ou epífitos temporários, que estabelecem contato inicial ou tardio com o solo. Nesta última categoria, são também incluídos os mata-paus ou figueiras estranguladoras, embora estas plantas possam eventualmente causar a morte das árvores hospedeiras, quando em estádios avançados de desenvolvimento. As florestas sul-brasileiras com araucária, como formações tipicamente intermediárias entre tropicais e temperadas, apresentam diversidade epifítica diminuída, mas ainda assim fascinante pela diferenciação florística e adaptativa, tanto no interior das comunidades florestais como no espaço geográfico ocupado pela araucária.

IHU On-Line - O que as florestas de araucárias proporcionam para estes organismos que habitam seus ramos?

Jorge Luis Waechter – De modo geral, o ambiente epidêndrico, ou seja, sobre as árvores, oferece vantagens e desvantagens. A principal vantagem para os epífitos, e que certamente condicionou a evolução desta forma

²⁸ O consumo de tecidos vegetais vivos - herbivoria - é um processo fundamental em virtualmente todos os ecossistemas da Terra. (Nota da IHU On-Line)

adaptativa, é a maior disponibilidade de radiação ativa para a fotossíntese. No interior das florestas tropicais e subtropicais úmidas, uma proporção muito pequena da radiação incidente no topo da floresta atinge a superfície do solo, em parte na forma de pequenas manchas que variam rapidamente no espaço e no tempo. Ao longo do perfil vertical de uma floresta, existe um gradiente crescente de radiação no sentido solo-copa, de modo que a maioria dos epífitos cresce no dossel, que é a camada mais ou menos contínua de copas, acima do sub-bosque mais sombrio e úmido. A principal desvantagem é o substrato formado pelos ramos das árvores, que não apresenta o mesmo potencial de armazenar água e nutrientes que o solo. Deste modo, os epífitos vasculares apresentam adaptações notáveis para a captação e retenção de água das chuvas e de matéria orgânica em decomposição. Muitas espécies suportam longos períodos de estiagem. Analisando a araucária como árvore portadora, também aparecem vantagens e desvantagens. A disposição horizontal dos ramos de árvores adultas pode ser favorável a uma maior retenção de diásporos (esporos e sementes), porém a exposição ao frio e ao vento pode limitar a ocorrência de espécies de caráter mais tropical.

IHU On-Line - Qual a importância desses organismos para as araucárias?

Jorge Luis Waechter - Epífitos vasculares, assim como os demais organismos que convivem e interagem em qualquer ecossistema, são importantes para o funcionamento e a manutenção de processos que garantem o equilíbrio e a preservação de todos os componentes. A relação entre epífitos e árvores portadoras tem sido considerada mais comumente como um caso de comensalismo, uma interação em que um participante é favorecido (epífito) e outro aparentemente nem favorecido,

nem prejudicado (árvore). Embora o conjunto de epífitos sobre uma árvore possa eventualmente causar algum dano, pelo excesso de peso exercido sobre os ramos (que poderia facilitar a quebra em dias de ventania) ou pelo acúmulo de umidade na interface das raízes com a casca (que poderia facilitar o ataque de fungos ou parasitos), antes disso são plantas úteis e indispensáveis aos sistemas ecológicos em que ocorrem naturalmente. Espécies epífíticas podem ser importantes para árvores de interesse econômico, pois ajudam a sustentar polinizadores e dispersores ao longo do ano. A araucária, assim como as coníferas de modo geral, é polinizada pelo vento, mas podem ser beneficiadas pelo menos pela matéria orgânica produzida pelos epífitos, que, mais cedo ou mais tarde, acaba por cair no chão, integrando a ciclagem de nutrientes da floresta.

IHU On-Line - Como as mudanças globais, que parecem estar modificando o clima da terra, podem alterar esses organismos nas florestas com araucárias?

Jorge Luis Waechter - O clima da terra mudou diversas vezes no passado e certamente mudará no futuro. A questão mais importante é saber se o clima está mudando para um novo período glacial, mais frio e seco, ou então para um período interglacial, mais quente e úmido. Além disso, até que ponto a grande interferência humana, em todas as esferas terrestres, pode acelerar ou reverter tendências naturais. Araucárias e epífitos vasculares, na paisagem atual, representam uma interessante união de floras antagônicas. As araucárias são atualmente árvores de climas mais temperados ou montanhosos, embora no passado geológico (mesozóico) fossem mais amplamente distribuídas na terra. As folhas duras e espinhosas correspondem a um tipo comumente encontrado em climas mediterrâneos (verões secos e invernos chuvosos). Já os epífitos vasculares são mais abundantes

e diversificados em climas tropicais úmidos. Com esta constatação, pode-se imaginar dois cenários contrastantes para o futuro, sem considerar o efeito desastroso da fragmentação florestal causada pelo desmatamento: 1) florestas

de araucárias desprovidas de epífitos vasculares, no caso de uma glaciação; 2) florestas mais heterogêneas com maior diversidade epifítica, no caso de um aquecimento global.

Araucária ameaçada

Entrevista com Carlos Roberto Fonseca



“A Floresta de Araucária tem sido desmatada pelos mesmos motivos que outras florestas ao redor do mundo também estão sendo. A população humana cresceu muito neste último século e com isto aumentou tremendamente a nossa demanda por madeira, energia, alimento e outros bens de consumo”, diz o professor de biologia e da pós-graduação da Unisinos Carlos Roberto Fonseca, em

entrevista por e-mail a *IHU On-Line*.

A necessidade de um debate acerca da Araucária é imprescindível para a sobrevivência das espécies associadas à Floresta, e de grande importância para o desenvolvimento sustentável da região. Entre outros problemas, Fonseca explica que a introdução de espécies exóticas, como *Pinus* e *Eucalyptus*, é uma das maiores causas mundiais da extinção de espécies. Contudo, ele ressalta que aplicando-se técnicas modernas de manejo florestal, mesmo estas espécies podem contribuir para a conservação da biodiversidade.

Fonseca é doutor em Biologia pela Universidade de Oxford, Inglaterra. Sua tese se chama: *Evolutionary Ecology of Amazonian Ant-Myrmecophyte Mutualisms*, 1996. Também é mestre pela Universidade Estadual de Campinas, autor da dissertação, Interação entre *Tachigalia* (Caesalpinaceae) e formigas associadas, 1991. Além disto, fez pós-doutorados pela Macquarie University (Sydney, Austrália), UFRJ e UNICAMP. Fonseca tem publicado diversos trabalhos em revistas internacionais de grande impacto.

***IHU On-Line* - Ao contrário das florestas naturais, plantações de pinus e eucalipto têm se expandido bastante nas últimas décadas. Por quê?**

Carlos Roberto Fonseca – A floresta de araucária tem sido desmatada pelos

mesmos motivos que outras florestas ao redor do mundo também estão sendo. A população humana cresceu muito neste último século e com isso aumentou tremendamente a nossa demanda por madeira, energia, alimento e outros bens de consumo. O modelo tradicional de

ocupação das áreas de florestas tem sido retirar a madeira, derrubar, colocar fogo e ocupar a área desmatada com pasto para gado ou utilizá-la para a agricultura. Com o desaparecimento progressivo das florestas, nós não temos mais de onde tirar madeira para a produção de celulose, para a confecção de produtos de madeiras e para a geração de energia. Assim, muitas empresas privadas, pequenos produtores e o estado passaram a investir maciçamente nos ditos projetos de “reflorestamento”. De fato, o Brasil já é o sexto país do mundo em produção de madeira de pinus e eucalipto²⁹.

***IHU On-Line* - O plantio de espécies nativas é preferível a pinus e eucaliptos?**

Carlos Roberto Fonseca – A introdução de espécies exóticas é uma das maiores causas mundiais da extinção de espécies. Espécies exóticas penetram nas comunidades naturais, causando grandes impactos. Pinus e eucaliptos são espécies exóticas com grande potencial de expansão³⁰. A invasão por pinus é um dos maiores problemas ambientais na Lagoa do

²⁹ **Eucalipto** é a designação dada a várias espécies vegetais do género *Eucalyptus*, das quais uma das mais comuns, na Península Ibérica, é o *Eucalyptus globulus*. Na América do Sul, existem também extensas plantações das espécies *E. urophylla* e *E. grandis*. São árvores (em alguns raros casos, arbustos) espontâneas na Austrália. O género inclui mais de 600 espécies. A maioria destas fazem parte da flora característica do continente australiano, existindo apenas um pequeno número de espécies próprias dos territórios vizinhos da Nova Guiné e da Indonésia. De fato, nenhum continente é tão marcadamente caracterizado por um só género de árvore como acontece na Oceania, com os eucaliptos. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ Sobre o caso da ocupação, pela Via Campesina, da Aracruz Celulose em Barra do Ribeiro, RS, foi publicada uma entrevista no sítio do IHU com a jornalista e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos no dia 16 de março de 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

Peixe³¹. A utilização de pinus e eucaliptos, no entanto, é defensável por suas altas produtividades. Certamente é muito melhor estarmos plantando pinus do que retirando árvores de matas nativas. No entanto, vale aqui uma reflexão. O Brasil é o país com maior número de espécies vegetais do mundo, cerca de 60 mil. Será que nós não conseguimos encontrar espécies brasileiras com o mesmo potencial madeireiro?

***IHU On-Line* - Qual é o principal debate entre ambientalistas e a iniciativa privada sobre o uso da terra para fins de produção madeireira?**

Carlos Roberto Fonseca – De um lado, temos argumentos ambientalistas que defendem que a biodiversidade biológica só pode ser conservada dentro de redomas ecológicas, fora das quais o homem deve ser mantido. Para estas pessoas, monoculturas florestais são verdadeiros desertos ecológicos. Do outro lado, temos algumas empresas madeireiras que visam a maximizar somente o retorno econômico de seus investimentos. Para estas empresas, a eliminação das espécies de dentro de suas propriedades é somente um mal necessário para que seus objetivos sejam cumpridos. Atualmente, sabemos que uma terceira via é possível, na qual se compatibiliza a sustentabilidade econômica com a sustentabilidade da biodiversidade.

***IHU On-Line* - Que soluções se apresentam em nosso país para o dilema entre a sustentabilidade**

³¹ A Lagoa do Peixe está situada no Parque Nacional da Lagoa do Peixe, que tem uma área total de 34,3 mil hectares, na estreita faixa situada entre o mar e a Lagoa dos Patos, no litoral sul do Rio Grande do Sul. Tem um comprimento aproximado de quarenta quilômetros, e um perímetro de cerca de 160 quilômetros, incluindo, na verdade, uma sucessão de pequenas lagoas (cerca de dez), interligadas por estreitos canais, abrangendo áreas dos municípios de São José do Norte, Tavares e Mostardas. (Nota da *IHU On-Line*)

econômica e a sustentabilidade da biodiversidade?

Carlos Roberto Fonseca - Na realidade, nós ainda estamos procurando estas soluções. O projeto de lei recém-aprovado pelo Congresso Nacional (Nº 4776), que dispõe sobre a gestão de florestas públicas para a produção sustentável, pode gerar grandes respostas no futuro. A lei permite que o Estado ceda florestas públicas para que a iniciativa privada as utilize de maneira racional, mantendo a floresta em pé. O que estaremos vendo em breve é uma série de tentativas, pois não existem modelos a serem seguidos. Muitas com certeza vão ser mal sucedidas e nestes casos questionaremos a existência da lei. No entanto, temos uma grande oportunidade para criarmos novos modelos de utilização florestal. Alguns, inclusive, vão procurar inspiração em modelos alternativos já existentes, por exemplo, aqueles adotados pelas populações indígenas, pelos ribeirinhos, pelos seringueiros e pelos demais povos da floresta. Parte da solução é sabermos valorizar e aproveitar todos os potenciais produtos que temos dentro das florestas, incluindo novos alimentos, materiais alternativos, plantas ornamentais, novas formas de lazer e fármacos.

IHU On-Line - No caso da floresta de araucária, é possível encontrarmos esta terceira via?

Carlos Roberto Fonseca - Sim. O Projeto Mosaico, uma iniciativa multidisciplinar e multiinstitucional, coordenada pela Dr.^a Gislene Ganade (PPG-UNISINOS) e por mim, demonstrou que sob um regime de manejo adequado, monoculturas florestais podem abrigar uma boa porção da biodiversidade associada à floresta de araucária. Esses resultados foram obtidos na Floresta Nacional de São Francisco de Paula que apresenta um modelo de manejo florestal bastante diferenciado quando comparado às práticas normalmente adotadas pela

iniciativa privada. Os talhões florestais da FLONA são antigos, chegando a ter mais de 60 anos, e estão próximos a manchas de florestas nativas. O espaçamento entre as árvores é grande. Permite-se que a vegetação se desenvolva embaixo das árvores. Grande parte da área plantada utiliza a araucária, uma espécie nativa, e não pinus e eucaliptos que são espécies exóticas. Alguns talhões, inclusive, contêm mais do que uma espécie de árvore. Tudo isso e outros detalhes técnicos permitem que mais de 70% das espécies registradas em áreas de florestas de araucária tenham sido registradas também nas monoculturas florestais. Recentemente foi registrada até mesmo a presença de onça-parda!

IHU On-Line - Que características do Projeto Mosaico destacaria?

Carlos Roberto Fonseca - A principal característica que eu gostaria de ressaltar do Projeto Mosaico, que explica o sucesso alcançado até o momento, é a cooperação que tem existido entre dezenas de pessoas para solucionarmos um problema comum. E estamos falando aqui em pesquisadores, alunos de pós-graduação, alunos de graduação e técnicos de instituições tão diversas como a Unisinos, UFRGS, PUC, Fundação Zoobotânica, Unisc, USP, Instituto Butantã, Unicamp e Ibama. Frequentemente, pesquisadores definem o seu projeto de pesquisa individualmente e procuram parcerias apenas esporadicamente. Desta vez, conseguimos costurar uma grande aliança. Como os desafios para a conservação da biodiversidade são imensos, alianças como essas deveriam existir mais frequentemente.

IHU On-Line - Algum outro aspecto que considere importante e não foi perguntado?

Carlos Roberto Fonseca - Eu só gostaria de esclarecer que a floresta de araucária é constituída por centenas de espécies de plantas que abrigam um

número incrível de mamíferos, aves, sapos, cobras, lagartos, insetos, líquens, fungos etc. Todos estes organismos integrados em uma teia ecológica altamente complexa de interações que persiste há alguns milhares de anos. Desse modo, a floresta de araucária é insubstituível e deve ser devidamente protegida em unidades de proteção integral. O ponto levantado pelo Projeto

Mosaico é que áreas de reflorestamento, se corretamente manejadas, podem contribuir bastante para a conservação da natureza. O nosso desafio agora é encontrar parcerias com o setor privado. Empresas que assumam hoje a sua responsabilidade ambiental vão colher grandes dividendos em um futuro próximo.

Ambientalistas e empresários: dois olhares sobre a floresta

Entrevista com Albano Backes

“Um dia perguntei a um madeireiro o que passava na sua mente quando estava perante uma araucária de 40 m de altura e mais de 2 m de diâmetro em sua base. Respondeu-me que *no primeiro momento, calculava quantas tábuas daria tal árvore, quantas casas poderiam ser construídas e, sobretudo, quanto dinheiro renderia*”. A constatação é do biólogo Albano Backes, para ele, vegetações naturais são vistas como algo inútil, e o valor atribuído corresponde ao interesse que cada um tem do recurso natural. Nesta entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Backes explica que, em decorrência da descontrolada exploração, processou-se a mais avassaladora devastação sistemática de florestas, somente suplantada pelas devastações que ocorreram nos últimos 15 anos, principalmente na região amazônica.

Backes é doutor em Ecologia pela Universidade de São Paulo, USP. Sua tese é intitulada *Contribuição ao Conhecimento da Ecologia da Mata de Araucária*, 1973.

IHU On-Line - Qual é o principal debate entre os ambientalistas e a iniciativa privada sobre o uso da terra para fins de produção madeireira no que diz respeito à araucária?

Albano Backes – O debate é motivado pela visão que cada pessoa, cada grupo, tem de um recurso natural. Durante muito tempo e ainda hoje, para muitos, a floresta e os diferentes tipos de vegetação natural são vistos como algo muito ou um tanto inútil e o valor

atribuído corresponde ao interesse que cada um tem do recurso natural. Um dia perguntei a um madeireiro o que passava na sua mente quando estava perante uma araucária de 40 m de altura e mais de 2 m de diâmetro em sua base. Respondeu-me que *no primeiro momento, calculava quantas tábuas daria tal árvore, quantas casas poderiam ser construídas e, sobretudo, quanto dinheiro renderia*. Sempre existiu na mente de muitos o princípio o qual diz que *a floresta é tanto mais*

odiada quanto mais próxima e é tanto mais admirada quanto mais longe estiver. É freqüente ouvir as pessoas falarem: *esse aí vem do "mato"; a horta virou puro "mato", que horror!* sempre com a conotação de que "mato" é algo ruim, e que é conveniente manter-se longe do "mato". Numa outra ocasião, conversando com um produtor rural perguntei-lhe se ainda mantinha algum remanescente florestal em suas terras. Respondeu-me que *infelizmente ainda existem uns hectares de "mato" e que iam dar um trabalhão para tirar, pois vale mais ter a terra totalmente limpa e poder plantar mais soja, pois o "mato" não produz nada.* Para o primeiro, interessava a madeira, e a floresta valia em função da quantidade de madeira em pé que ela oferecia, para outros é um horror e para o terceiro a floresta valia muito menos, pois não produzia nada.

Responsabilidade ambiental

Para o ambientalista, a floresta é fonte de recursos múltiplos e muitos deles mais importantes do que a produção de madeira, sem, no entanto, esquecer que a madeira é um produto florestal importante. Muitos produtos só podem ser obtidos em florestas nativas e ou regeneradas, enquanto a madeira pode se produzida em bosques, isto é, em plantios de árvores. Os dois primeiros exemplos são típicos de uma visão unívoca da floresta enquanto o ambientalista tem uma visão de usos múltiplos. Para os primeiros, a floresta tem um uso muito limitado e subaproveitam o recurso natural, num único momento, ou não aproveitam nada, ao passo que o segundo aproveita a plenitude dos recursos que a floresta oferece e, sobretudo, por tempo ilimitado, não a destruindo.

A devastação de grande parte das terras ocupadas originalmente pelas florestas com araucária, com a conseqüente, imediata e total destruição da floresta, foi motivada, em primeiro lugar, pela exploração madeireira sem a mínima responsabilidade ambiental, sem

nenhum respeito pela diversidade biológica e sem a mínima responsabilidade com as gerações futuras. Em segundo lugar, mas como conseqüência da primeira, foi pela expansão, sem critérios, das frentes agrícolas e pastoris com a supervalorização da produção primária de ciclo anual, com o retorno imediato do recurso financeiro investido.

IHU On-Line - Que soluções se apresentam em nosso país para o dilema entre sustentabilidade econômica, manejo florestal e sustentabilidade da biodiversidade?

Albano Backes - A história da exploração das reservas florestais brasileiras confunde-se com a própria história do País. Muito cedo, os portugueses iniciaram a exploração das florestas da terra recém-descoberta e já em 1511, a nau Bretoa³² conduzia cinco mil toras de pau-brasil para Portugal. De 1500 a 1532, Portugal exportou 300 toneladas, em média, por ano, de madeiras brasileiras. Após, surgiram os monopólios, os privilégios e toda sorte de devastação, culminando, no período de 1994-1995, na maior devastação da história do País com a destruição de 29.059 km², seguida pela segunda maior devastação no período de 2003-2004 com a perda de mais de 26.130

³² Um dos dados mais antigos que se conhece sobre a economia brasileira é o registro de viagem da nau Bretoa. Esta embarcação transportou para Portugal, em 1511, cinco mil toras de pau-brasil, com pesos entre 20 e 30 quilos. Declarado monopólio da Coroa, o pau-brasil foi inicialmente explorado e exportado, em regime de concessão, pelo comerciante português Dom Fernão de Loronha. Entre outras exigências, o contrato de concessão obrigava o arrendatário a realizar três embarques por ano. Em contrapartida, Portugal fechava seu mercado às importações do Brasil asiático. Passados os primeiros anos de exploração irregular, o negócio foi, aos poucos, se mostrando muito mais atraente para a Coroa do que para o arrendatário. (Nota da **IHU On-Line**)

km² de florestas, muitas delas em áreas de preservação permanente. Nos últimos 10 anos, foram devastados mais 188.095 km², isto é, uma área não muito menor à área do Estado do Paraná. Em 2003, a exportação de madeira e derivados representou 3,8 bilhões de dólares, ocupando o terceiro lugar em importância no agronegócio do Brasil.

Araucária: no limiar de sua extinção

Com a expansão do comércio do pinho, isto é, da araucária, no mercado externo teve início uma das maiores devastações florestais em todo o sul do País, alcançando seu apogeu no período entre 1920 e 1960. Em decorrência da descontrolada exploração, processou-se a mais avassaladora devastação sistemática de florestas, somente suplantada pelas devastações que ocorreram nos últimos 15 anos, principalmente na região amazônica. Num período de, aproximadamente 40 anos, foi dilapidada, no sul do Brasil, uma das maiores e mais importantes reservas florestais do País, estando o bioma³³ floresta com araucária, hoje, no limiar de sua extinção.

De 1511 a 2006, europeus, asiáticos, africanos, que aqui chegaram e seus descendentes não aprenderam a conviver de forma sustentável com as florestas e, durante esses 500 anos, deixaram um rastro de destruição. No entanto, os povos primitivos da América conviveram, de forma sustentável com as florestas, durante milhares de anos. A relação do brasileiro com as florestas foi, e continua sendo, caracteristicamente insustentável. É consequência de uma visão unívoca dos valores da floresta, e, enquanto se guiar por esta visão, os procedimentos dificilmente vão mudar e as devastações vão prosseguir, aliás, o que é

³³ Em ecologia, chama-se **bioma** a uma comunidade biológica, ou seja, fauna e flora e suas interações entre si e com o ambiente físico: solo, água e ar. (Nota da *IHU On-Line*)

plenamente comprovado pelos dados disponíveis. Veja os dados a seguir:

Áreas ocupadas pelos diversos sistemas de vegetação e os respectivos percentuais em relação à área total do Estado do Rio Grande do Sul (área do Estado = 282.062,00 km²). Baseado em IBGE (1986), Inventário Florestal (2001), Maltchik et al.(2003) e informações da SEMA (2005)*

Bioma	original	%/RS	1986	%/RS
Floresta	72.165,	25,58	7.408,	2,62
Savana/estepe	137.176,	48,63	74.784,	26,51
Áreas úmidas	30.332,	8,80		
F.Pion/Ten.E.	47..950,	17,00		
Outras				
Total				

Análise de dados

O aumento verificado em 2001 foi determinado por uma questão de conceituação e, sobretudo, por não ter sido feita a distinção entre florestas nativas originais e florestas regeneradas. Em decorrência do intenso abandono das atividades agropastoris, principalmente na encosta da Serra Geral, em muitas áreas teve início um processo de regeneração florestal espontâneo. Por ocasião da coleta de dados, a regeneração, em muitas dessas áreas, estava nas fases iniciais. Os dados de 2005 mostram a reversão desse processo. As áreas de campo (savana/estepe) tiveram diminuição constante no decorrer dos anos e ficaram reduzidas a tão somente 6,64% da área original. Grande parte dessas áreas corresponde às unidades de conservação localizadas na região de domínio do bioma Campos Sulinos. A seqüência de degradação das demais formações seguiu o mesmo ritmo.

As pessoas confundem, muitas vezes, uso com destruição e conservação com não-uso.

Planos de manejo sustentável: coleta de pinhão e turismo ecológico

O uso sustentável de florestas supõe necessariamente planos de manejo florestal. Planos de manejo não são planos de destruição, mas todo plano criteriosamente elaborado estabelece critérios do uso dos recursos florestais. Definem o quanto de cada recurso pode ser usado, em que período, para não causar danos irreversíveis ao sistema. Como exemplo pode ser lembrada a coleta de pinhão em remanescentes de floresta com araucária. O plano define em que período pode ser colhido o pinhão? Quanto pinhão pode ser colhido sem causar dano ao sistema? Não esquecendo os demais comedores de pinhão, pois se for colhido todo o pinhão o que os demais habitantes e ou visitantes da floresta vão comer, sobretudo num período em que os demais recursos alimentares são escassos? Os povos que habitavam primitivamente as florestas com araucária exploravam intensamente o pinhão, mas sempre o compartilhavam com os demais para que o sistema tivesse continuidade. Outro exemplo pode ser o turismo em áreas de floresta com araucária: o plano deve estabelecer quantas pessoas o sistema comporta, quais os períodos, que procedimentos devem ser observados para que o sistema não sofra impactos maiores. Hoje o turismo chamado ecológico é, em todo mundo, um dos usos que mais recursos geram. O turismo ecológico, como o turismo em geral, é a atividade que mais cresce no mundo e representa um imenso potencial para gerar recursos. Tudo isso, contudo, exige administrações atuantes, funcionalidade à base de infra-estrutura adequada, de acessibilidade e de capacidade instalada para atender ao público em geral.

Brasil a maior biodiversidade do planeta

Hoje o mundo preserva, de uma forma ou outra, aproximadamente 750

milhões de hectares de ecossistemas continentais e marinhos, representando 1,5% da superfície total e 5,1% dos territórios dos países. As florestas tropicais e sistemas associados representam 7% da superfície do Planeta, mas contêm mais da metade da totalidade da biota. O território brasileiro, predominantemente tropical, concentra em seus diversificados biomas a maior biodiversidade do Planeta, isto é, o País é detentor de 10 a 20% do número total de espécies e apresenta também a maior diversidade intra-específica e de ecossistemas. A floresta com araucária, se não é de primeira grandeza em relação à diversidade biológica, mas constitui um sistema único, exclusivo em todo o Planeta e que contém espécies que são exclusivas desse sistema florestal, começando pela própria araucária. A responsabilidade de conservar a floresta com araucária deveria ser cobrada de europeus, de norte-americanos, de outros e mais outros povos, e de NÓS, sul-brasileiros, descendentes de antepassados que, juntamente com estrangeiros, levaram o bioma floresta com araucária ao limite da extinção.

***IHU On-Line* - Como reverter este quadro?**

Albano Backes - Algumas iniciativas tomadas nos últimos 20 anos, foram sem dúvidas importantes. Entre outras podem ser lembradas: o Brasil foi sede, em 1992, no Rio de Janeiro, da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável³⁴, criou o Ministério do Meio Ambiente, implantou Secretarias de Meio Ambiente ou órgãos similares na maioria dos estados e em centenas

³⁴ A **ECO-92**, como é popularmente conhecida a **Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento** (CNUMAD) ou **Rio-92**, aconteceu em 1992, no Rio de Janeiro, com a presença de representantes de mais de 178 países, sendo a grande maioria chefes de governo. O objetivo era conciliar o desenvolvimento com a conservação dos ecossistemas. (Nota da *IHU On-Line*)

de municípios por todo o País, subscreveu a Convenção da Biodiversidade³⁵ e a Convenção de RAMSAR³⁶, assinou a Agenda 21³⁷ e o tratado de Kyoto³⁸, implantou um dos mais completos sistemas de vigilância

³⁵ A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) ou Convenção da Biodiversidade, como é mais popularmente conhecida, é um dos tratados internacionais da ONU assinados durante a Rio 92. Trata-se de umas das convenções que possui maior número partes, como são chamados os países que integram esta cúpula. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁶ A **Convenção sobre Zonas Húmidas de Importância Internacional, especialmente como Habitat de Aves Aquáticas**, conhecida como **Convenção de Ramsar**, foi adotada na cidade iraniana de Ramsar, de 02 de fevereiro de 1971, e entrou em vigor em 1975. É um tratado internacional sobre a conservação e a utilização responsável das terras úmidas e seus recursos, seja por regulamentação nacional, seja por projectos de cooperação internacional. Até janeiro de 2006, a Convenção havia sido ratificada por 150 países, com 1.578 sítios incluídos na Lista das Terras Húmidas de Importância Internacional, totalizando 133,8 milhões de hectares. A Convenção foi promulgada no Brasil em 16 de maio de 1996. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁷ A **Agenda 21** foi um dos principais resultados da conferência Rio-92, ocorrida no Rio de Janeiro, Brasil, em 1992. É um documento que estabeleceu a importância de cada país se comprometer a refletir, global e localmente, sobre a forma pela qual governos, empresas, organizações não-governamentais e todos os setores da sociedade poderiam cooperar no estudo de soluções para os problemas socioambientais. Cada país desenvolve a sua Agenda 21 e, no Brasil, as discussões são coordenadas pela Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional (CPDS). (Nota da *IHU On-Line*)

³⁸ O **Protocolo de Kyoto** é consequência de uma série de eventos iniciada com a *Toronto Conference on the Changing Atmosphere*, no Canadá (outubro de 1988), seguida pelo *IPCC's First Assessment Report* em Sundsvall, Suécia (agosto de 1990) e culminou com a *Convenção Marco das Nações Unidas sobre a Mudança Climática* (UNFCCC) na ECO-92 no Rio de Janeiro, Brasil (junho de 1992). Também reforça seções da UNFCCC. Constitui-se no protocolo de um tratado internacional com compromissos mais rígidos para a redução da emissão dos gases que provocam o efeito estufa, considerados, de acordo com a maioria das investigações científicas, como causa do aquecimento global. (Nota da *IHU On-Line*)

do território nacional, criou uma das melhores legislações relativas ao Meio Ambiente, surgiram por todo o País, um sem número de Organizações Não-Governamentais ligadas à questão ambiental, os cursos de graduação e de pós-graduação em biologia e áreas afins multiplicaram-se por todo o País durante os últimos 20 anos, mas paradoxalmente, os resultados reais relativos à conservação estão, até hoje, muito aquém do desejável.

A devastação continua crescendo

Todas aquelas iniciativas parecem estar de acordo com a grandeza da biodiversidade que o País encerra e, no entanto, as devastações parecem que caminham numa escala de grandeza ainda maior, e os resultados concretos de conservação permanecem muito tímidos e por mais contraditório que parece ser os anos que seguiram a Conferência do Rio de Janeiro e paralelamente ao desenvolvimento das iniciativas acima mencionadas, o País assistiu ao apogeu de sua devastação, e como já foi mencionado acima, culminou, no período de 1994-1995, na maior devastação por ano de toda a sua história, com a destruição de 29.059 km² somente de florestas, seguida pela segunda maior devastação no período de 2003-2004 com a perda de mais de 26.130 km² igualmente de florestas, muitas delas em áreas de preservação permanente. Nos 10 anos, entre 1994 e 2004, foram devastados mais 188.095 km², isto é, uma área, não muito menor, à área do Estado do Paraná. Além do mais, e devido principalmente aos milhares de incêndios que são registrados anualmente em áreas de florestas e de savanas por todo o território nacional, 75% das emissões de gás carbônico do Brasil, provêm das queimadas somente na Amazônia, deixando o País entre os cinco maiores poluidores com gases de efeito estufa do Planeta.

IHU On-Line- Seria possível, então, algum tipo de reversão?

Albano Backes - É uma pergunta, num primeiro momento difícil de ser respondida. Pensando um pouco, porém, se chega à conclusão de que o problema não está em todas as iniciativas acima mencionadas, que são muito válidas. Poucos países dispõem de uma diversidade de sistemas de vegetação e de cenários naturais como o Brasil. No entanto, são ainda raros os programas visando ao uso sustentável desses recursos. O País criou uma das melhores legislações relativas ao ambiente e, no entanto, os resultados reais de conservação continuam sendo muito tímidos. As leis são absolutamente necessárias para disciplinar e dar sustentação legal às ações, mas não bastam em si para alcançar os resultados almejados. Toda a lei deve ser precedida, sustentada e constantemente acompanhada por programas eficientes de educação ambiental, a exemplo dos países que incrementaram programas consistentes de conservação dos recursos naturais, implantaram paralelamente programas sérios de educação ambiental, de recreação na natureza e de turismo ecológico organizado, utilizando intensamente os próprios sistemas naturais como laboratórios pedagógico-didáticos, implantando neles a infraestrutura necessária e procurando, dessa maneira, convertê-los em centros de excelência para alcançar seus objetivos.

Incrementar a educação ambiental, recreação e turismo em torno da Araucária

Organizar em cada unidade de conservação da floresta com araucária um centro multifuncional de educação ambiental, de recreação e de turismo, deveria ser o escopo principal para desenvolver programas de uso sustentável dos recursos naturais que cada unidade encerra em si mesma e constituir, dessa maneira, uma das

principais justificativas da existência da própria unidade.

Conversando com um agricultor, lá nos campos de Vacaria, perguntei a ele o que pensava em relação à araucária. A resposta foi: *para nós é totalmente inútil, pois não podemos usar para nada e por isso não deixamos mais crescer. Se aparece uma muda, tratamos de destruí-la logo ou pelo fogo ou roçando. E se precisamos cortar uma já crescida, fazemos isso durante a noite. Lá na serraria, poucos distinguem o que é um pinheiro ou outra coisa e o homem da serraria nem se preocupa com isso.* A lei proíbe o corte da araucária, mas essa lei não foi acompanhada por programas de informação, de esclarecimento e, sobretudo, de educação e daí o princípio: se eu não posso usar, para que deixar crescer? É a visão unívoca dos recursos florestais.

O País, o Estado, a sociedade civil, devem implantar programas consistentes de educação, sem os quais tudo vai continuar como foi durante os 500 anos de exploração e de destruição dos recursos florestais do País e este vai se tornando uma terra vermelha, enquanto o verde está sumindo.

IHU On-Line - O que efetivamente o cidadão pode e deve fazer para trabalhar na preservação da araucária?

Albano Backes - É preciso ampliar os estudos e pesquisas relativas à floresta com araucária, pois programas mais consistentes de pesquisa e de conservação de áreas significativas de floresta com araucária demoraram muito para serem incrementados. Providências mais concretas somente foram tomadas quando a maior parte da floresta já tinha sido devastada ou totalmente destruída. Foi somente na segunda metade do século passado, mas com maior ênfase nos últimos 25 anos, quando e, sobretudo, com a criação dos cursos de graduação e de pós-graduação em biologia, em ecologia, em ciências florestais e áreas afins,

surgiram pesquisas consistentes capazes de subsidiar programas de conservação e de manejo de remanescentes e criar um programa de preservação de fragmentos representativos das primitivas florestas.

A partir de 1990, começou a desenvolver-se um programa de pesquisas em remanescentes de floresta com araucária, pelo corpo de professores pesquisadores do Curso de Biologia e posteriormente pelo Curso de Pós-graduação em Biologia da Unisinos. A partir de 1994, os estudos concentraram-se, em grande parte na Floresta Nacional de São Francisco de Paula.

Banco de dados sobre biodiversidade

A partir de então, diferentes projetos individuais ou em equipes foram desenvolvidos naquela unidade de conservação. Posteriormente, outros projetos foram desenvolvidos no Parque Nacional de Aparados da Serra, na Estação Ecológica de Aracuri³⁹, assim como também, em remanescentes em diversos outros municípios do Estado. Os projetos visavam a ampliar os conhecimentos referentes à flora, à fauna, fluxo de nutrientes, produtividade, fitossociologia, fenologia, determinação da idade das araucárias e regeneração, entre outros. Dessa maneira, foi possível iniciar a criação de um banco de dados relativos à biodiversidade, à estrutura e à dinâmica do bioma em questão. É preciso, todavia, ter presente que os resultados da pesquisa não promovem por si a preservação. Elas são fundamentais para traçar planos de manejo e de uso sustentável da floresta. Elas se tornam duplamente importantes desde o momento que geram ações de preservação.

Paralelamente devem ser desenvolvidos programas consistentes de educação

ambiental, visando a todas as classes sociais, profissionais e etárias, procurando atingir, com tais programas, as pessoas que, direta ou indiretamente, estão envolvidas com tudo que diz respeito à araucária e principalmente à floresta com araucária.

Cada cidadão deve se sentir responsável pela preservação do que sobrou da grande floresta e deve se converter num guardião desse patrimônio pátrio, pois dos remanescentes nada mais pode ser destruído e deve incentivar o mais possível, a regeneração natural da floresta.

IHU On-Line - Quais os principais usos econômicos da araucária?

Albano Backes – O uso praticamente único até hoje foi à madeira. Nenhuma floresta do sul do Brasil tinha a produção de madeira como a floresta com araucária. Segundo os especialistas, chegava a produzir mais de 600 m³ de madeira de primeira qualidade só da araucária e mais ou menos outro tanto, das espécies associadas. Esta alta produção foi uma das causas da devastação dessa floresta. Além do mais, como se tinha criado a idéia de que a araucária levava muito tempo para chegar ao ponto de corte, a espécie não foi usada para plantios, o que contribuiu para que a araucária entrasse na lista vermelha do estado de conservação de espécies da flora regional. Hoje, em vastas áreas originalmente ocupadas pela floresta com araucária, encontram-se extensos bosques de espécies exóticas.

Invasões biológicas

A introdução de espécies exóticas, sem a mínima responsabilidade com o ambiente, deu origem às invasões biológicas sem precedentes em toda a região e hoje essas invasões constituem uma das formas mais agressivas à biodiversidade local. A araucária, contudo, também produz semente geralmente em abundância e esta

³⁹ A Estação Ecológica de Aracuri fica no município de Esmeralda, Rio Grande do Sul. (Nota da IHU On-Line)

constitui um recurso alimentar de grande valia. Hoje já existem pessoas mais conscientes e preferem a produção do pinhão ao corte da árvore, pois a árvore pode ser cortada uma única vez e constitui um recurso único, mas preservando a árvore, o pinhão pode ser colhido por centenas de anos. Aí está em jogo a teoria de ganhos a curto prazo versus ganhos a longo prazo. Os ganhos em longo prazo, talvez por centenas de anos, com benefícios para inúmeras gerações, seguramente são muito maiores. Esta é, sem dúvida, uma teoria que fundamenta o uso sustentável dos recursos florestais.

A rara beleza da Araucária

A araucária constitui uma das árvores símbolo da floresta e por sua configuração determina um efeito paisagístico único e de rara beleza. Um pesquisador francês que esteve por anos no Brasil, escreveu que a araucária foi à árvore mais linda que conheceu. A araucária constitui um componente singular na paisagem e por isso seu uso em projetos de paisagismo, é de todo recomendável. Durante muitos anos, e isso poderia continuar, a araucária era a árvore símbolo de festas populares e principalmente religiosas. Quem não se lembra da árvore de natal e como a araucária fazia bem o papel de árvore de natal, em todo o sul do Brasil. A araucária também possui princípios medicinais, fornece resinas e lenha.

***IHU On-Line*- Poderia sintetizar as razões fundamentais que fazem das florestas algo tão necessário para o País?**

Albano Backes - Eu diria que, em primeiro lugar **São centros de biodiversidade**

O bioma floresta com araucária abriga centenas de espécies de plantas, de animais e de microorganismos. Já foram identificadas cerca de 1.500 espécies botânicas, entre herbáceas, arbustivas,

arbóreas, epífitas e briófitas. Entre as espécies arbóreas, 13,3% são exclusivas da floresta com araucária, 45% ocorrem preferencialmente neste sistema florestal e o restante são características de outros sistemas. A presença de espécies de procedência andina e antártica constitui, muitas vezes, determinante fisionômica, contribuindo decididamente na caracterização de toda a paisagem. A fauna é igualmente muito diversificada, com numerosas espécies endêmicas em praticamente todos os grupos. É uma das regiões de “megadiversidade” de mamíferos, com espécies endêmicas recentemente descritas para a ciência e outras que existem na região, seu limite de dispersão austral. Os anfíbios e répteis são particularmente abundantes e com numerosas espécies endêmicas, assim como diversos grupos de invertebrados. Os resultados de numerosos estudos revelaram que o bioma floresta com araucária é o segundo mais importante em espécies endêmicas do sul do Brasil. É superado, tão somente, pelo bioma campos sulinos. É único e sem similar em todo o continente. A preservação de áreas significativas de floresta ombrófila mista, constitui, portanto, a única forma de dar continuidade ao bioma e à maneira mais eficiente e de menor custo para preservar sua diversificada biodiversidade, pois programas de conservação devem incluir, não somente as espécies individualmente, mas as comunidades na sua totalidade. Conseqüentemente, o uso da floresta visando a preservar o bioma e, conseqüentemente sua biodiversidade, constitui um dos usos mais nobres e mais importantes que o homem pode fazer da floresta com araucária.

Importantes reguladores climáticos

Regulam o escoamento da água da chuva e são eficientes protetores do solo. As florestas têm grande importância na regulação do clima. Estudos realizados revelaram que as copas das árvores absorvem ou refletem

77 a 94% da radiação solar que incidente sobre as mesmas, determinando conseqüentemente um ambiente umbrófilo no interior da floresta. No entanto, uma conseqüência maior é o destino que a floresta dá à energia absorvida e refletida. Caso toda esta energia incidisse sobre o solo desnudo, a maior parte dela seria convertida em calor que, por sua vez, provocaria um aumento da temperatura regional e uma perda muito grande de água pelo aumento da evaporação. Por isso, além de criarem um microclima próprio, determinando as condições particulares em seu interior, as florestas têm influência fundamental na determinação do clima regional. O aumento da temperatura em escala mundial é conseqüência da destruição em grande escala dos sistemas florestais.

As florestas constituem um dos sistemas mais eficientes na retenção da água da chuva e agem como esponjas que rapidamente absorvem grande volume de água da chuva e a drenam lentamente para manter a perenidade das nascentes e dos cursos de água que têm origem em sua área de domínio. Dessa maneira, as florestas constituem, geralmente, imensos reservatórios de água, a garantia de suprimento hídrico para a biota e fonte inesgotável para as populações humanas que vivem em seu entorno.

Fontes de inúmeros subprodutos

Produzem: celulose, resinas, óleos, lenha, medicamentos e espécies ornamentais.

Fontes de recursos genéticos

Importante matriz de seleção natural e de evolução. A fim de proteger uma parte significativa da diversidade genética necessária para o melhoramento, em longo prazo é necessário proteger populações e *habitats* suficientemente variados. Os programas de conservação do patrimônio genético devem dar

prioridade às espécies que dificilmente podem ser conservadas *ex situ*, como são em geral as espécies florestais. A conservação da riqueza de espécies da floresta com araucária, que contém um grupo considerável de espécies endêmicas e conserva associações exclusivas formadas por espécies muito antigas, entre as quais se destaca a própria araucária e as espécies andinas e austral-antárticas. O bioma floresta ombrófila mista constitui um patrimônio genético único e de valor inestimável em todo o mundo. A perda de espécies, assim como a exaustão ou a perda de um bioma reduz as opções da natureza, portanto das populações humanas de superar as mudanças globais do mundo atual. Os recursos genéticos são necessários, não somente para incorporar novos genes nas espécies das quais o homem depende diretamente, mas também para a manutenção e evolução das espécies selvagens. A conservação *in situ* é, sem dúvida, a melhor forma para garantir a continuidade das espécies e é, até hoje, a forma quase exclusiva de conservação das espécies que compõem a floresta ombrófila mista do sul do Brasil.

Constituem centros de excelência para programas de pesquisa de educação ambiental e de recreação e de turismo

As florestas constituem centros de excelência para despertar quer na criança, quer no adulto, quer no idoso, sentimentos de profunda curiosidade e desejo de conhecer e gera, ao mesmo tempo, respeito por tudo que ela é em si mesma. Os países que incrementaram programas consistentes de conservação dos recursos naturais implantaram paralelamente programas sérios de educação ambiental, de recreação na natureza e de turismo ecológico organizado, utilizando intensamente os próprios sistemas naturais como laboratórios pedagógico-didáticos, implantando neles a infra-estrutura necessária e procurando, dessa maneira,

convertê-los em centros de excelência para alcançar seus objetivos.

Constituem centros de seqüestro de gases de efeito estufa

As florestas assumem um papel de importância ainda não totalmente avaliada, pois constituem fonte alternativa de energia e podem contribuir de forma muito eficiente para reduzir os efeitos negativos dos impactos ambientais determinados pelos gases de efeito estufa. O excesso de combinações de carbono que se encontram na atmosfera sob uma forma agressiva, são constituintes fundamentais não-agressivos contidos nas estruturas moleculares das plantas. As plantas, principalmente as árvores constituem imensos estoques de carbono não agressivo. Neste contexto, as florestas assumem papel fundamental, pois contêm mais de 90% de toda a biomassa do planeta.

Pela fotossíntese o CO₂ é retirado da atmosfera e é usado para a construção de moléculas orgânicas, células, tecidos e órgãos. As plantas são de ciclo curto ou anual ou de ciclo longo ou perene. As primeiras formam estruturas ditas herbáceas de curta duração ao passo que as outras formam estruturas lenhosas de longa duração. As estruturas de curta duração são rapidamente decompostas, e o carbono retorna à atmosfera sob a forma de CO₂. As de longa duração, as madeiras são formadas predominantemente por carbono (45%), oxigênio (42%), hidrogênio, nitrogênio e sais minerais. Em média, um metro cúbico de madeira seca contém entre 915 a 950kg de CO₂.

A biomassa vegetal total de um ecossistema engloba a fitomassa viva em um dado intervalo de tempo e a fitomassa morta representada pelas árvores mortas em pé e pela serapilheira. A fitomassa varia consideravelmente em função dos diferentes estágios de regeneração. Estudos realizados em fragmentos de

floresta de araucária, em General Carneiro, no estado do Paraná, os dados mostram que, com o incremento da idade, aumenta a biomassa e conseqüentemente o total de carbono, destacando, portanto a importância das florestas nativas longevas em relação aos plantios de árvores, de ciclo geralmente muito curto. A fixação de carbono está diretamente vinculada com o crescimento das plantas e à medida que diminui o incremento diminui o seqüestro de carbono atmosférico. Porém, nos processos de sucessão natural caracterizados pelo nascimento e pela morte de determinado número de indivíduos sempre vão existir plântulas, indivíduos juvenis, adultos e senis e o sistema em seu todo, continuará sendo altamente dinâmico no seqüestro de carbono atmosférico.

Fonte de madeira

Nenhuma floresta do sul do Brasil tinha a produção de madeira como a floresta com araucária. Segundo os especialistas, chegava a produzir mais de 500 m³ de madeira de primeira qualidade só da araucária e mais ou menos outro tanto, das espécies associadas. Esta alta produção foi uma das causas da devastação dessa floresta.

A partir da metade do século XIX, houve um incremento na ocupação das terras do interior, em conseqüência do aumento da procura de madeira. Para isso, contribuíram decisivamente a abertura de estradas, principalmente estradas de ferro que davam acesso a portos. Dados de 1937 indicam que a produção de madeira serrada em Santa Catarina era de mais de quatro milhões de dúzias de tábuas por ano e no Paraná era de 3.430.000 de dúzias. Em 1940, o estado de Santa Catarina era responsável por mais de 50% de toda a madeira exportada pelo Brasil. Dados do Instituto Nacional do Pinho indicam que, em 1948 havia 2.807 serrarias registradas somente nos estados do Sul, a maioria trabalhando exclusivamente

com a araucária. Desde total, 1.150 estavam instaladas no Rio Grande do Sul. Em 1952, a produção de madeira na região sul era de mais de quatro bilhões de metros cúbicos, sendo 80% de araucária. Em 1968, o País exportou mais de um bilhão de metros cúbicos de madeira. Desse total, 45% era proveniente de Santa Catarina e 55% do Paraná e do Rio Grande do Sul. De 1915 a 1960, o Brasil exportou 18,5 bilhões de metros cúbicos de madeira extraída, sobretudo, da floresta com araucária. Dessa maneira, em 45 anos o País exauriu a sua maior riqueza florestal e levou ao limiar da extinção um dos biomas mais importantes de sua cobertura florestal.

Para tanto, contribuiu também o avanço da fronteira agrícola e da pecuária, feitas, muitas vezes, sem a menor

preocupação com a preservação, à revelia de qualquer legislação, e, não poucas vezes com a omissão e ou conivência dos governantes. Gigantescas florestas de araucárias foram, total ou parcialmente degradadas ou reduzidas a cinzas. Segundo testemunhas, em nenhum outro país do mundo a floresta foi tão absurdamente destruída. A devastação tornou-se generalizada em toda a vasta área do domínio da floresta com araucária, no período de 1915 a 1960, mas sem dúvida a maior devastação ocorreu em Santa Catarina, na região do Contestado e por responsabilidade da maior madeireira da América Latina da época, a Lumber, com sede em Três Barras. Calcula-se que ela tenha cortado, em 40 anos, mais de 15 milhões de araucárias, além de tantas imbuías, cedros, canelas etc.

Brasil em foco

Integração energética na América do Sul é fundamental

Entrevista com Darc Costa

Para o engenheiro Darc Costa, deveria haver uma união de esforços para integrar os países da América do Sul, sobretudo no campo energético. “Temos que olhar o mundo, para frente, imaginando que, separados, não vamos a lugar nenhum. Juntos, podemos ter uma posição central no mundo do século XXI.” Sobre a economia brasileira, ele disse que sua política econômica não tem no momento vocação para o crescimento, mas para o controle da moeda. “E moeda é meio, não é fim. Economicamente, temos um problema sério nos últimos 20 anos, porque temos uma política econômica que se estrutura com o único objetivo de combater a inflação, e não se estrutura com o objetivo de fazer crescimento, gerar emprego. As consequências nós estamos vendo.” As

declarações foram feitas nesta segunda-feira, 29 de maio, em entrevista exclusiva, por telefone, à *IHU On-Line*, no intervalo do *Seminário sobre a Nova Política da América do Sul*, acontecido em Curitiba, no dia 29 de maio de 2006.

Darc Costa é graduado em Engenharia Civil e especialista em Técnico em Análise de Sistemas pela PUC-Rio. Tem, ainda, especialização em Altos Estudos de Política e Estratégia pela Escola Superior de Guerra (ESG), mestrado em Engenharia de Produção pela PUC-Rio e doutorado em Engenharia pela UFRJ, com a tese *Um discurso de estratégia nacional: a cooperação sul-americana como caminho para a inserção internacional do Brasil*.

Atualmente, leciona na ESG. Foi vice-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). É autor de *Brasil: defesa do Estado*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos, CEBRES, 1996.

***IHU On-Line* - Como foram os bastidores de sua longa conversa com Chávez, em 2003, sobre a questão da integração sul-americana? O que se mantém dela hoje?**

Darc Costa - A conversa que tive em 2003 com Chávez não foi exclusivamente com ele. Essa foi uma conversa que quem teve foi, basicamente, o governo brasileiro. Não foi a pessoa física Darc Costa. Na época, eu era vice-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e o objetivo era mostrar que, num processo de integração sul-americano, era possível uma grande sinergia. Acredito que as coisas ficaram melhores do que imaginávamos, porque a Venezuela acaba de adentrar ao Mercosul. A Venezuela é um membro pleno do Mercosul desde terça-feira, dia 23 de maio.

***IHU On-Line* - Como o senhor definiria o presidente Chávez e o chavismo? É um novo tipo de populismo?**

Darc Costa - Esse discurso do populismo não traz nada de novo, porque, na verdade, existe desde a época de Roma. É a idéia de que aqueles que estão com o povo são populistas. Os

senadores romanos que estavam do lado do povo eram populistas. Isso nem é do populismo, é uma idéia que tentam colocar na América do Sul como se aqui fosse o espaço onde haveria uma passagem direta do líder para um povo, vendo isso como um problema sério, de que não haja mediação. Eu não vejo assim, porque se não tiver o populismo, teremos o quê? O elitismo? O populismo é uma idéia que tentam colocar na América do Sul a fim de mostrar que os líderes populares são populistas. Kennedy era populista? É uma pergunta que fica... Pessoas que tinham a grande simpatia do povo podem ser consideradas populistas? A única maneira que vejo quando tratam esse processo é buscar nesse termo denegrir a imagem da liderança. Só isso.

***IHU On-Line* - Como o senhor percebe a integração energética da América do Sul? Por onde ela viria? Pelo gasoduto Venezuela-Brasil?**

Darc Costa - O gasoduto é uma das partes dessa integração. Na verdade, nós temos que criar um anel energético na América do Sul. Claro que o gasoduto é um elemento bastante importante, mas o que é interessante é colocarmos dentro do processo todos os ofertantes e demandantes. Na verdade, temos uma

estrutura única na qual o conceito de dependência se estrutura. As pessoas fazem um discurso contra a idéia da dependência, mas sem integração, sem independência, não é possível haver integração. A integração traz como pressuposto uma idéia de dependência.

***IHU On-Line* - Com que outros projetos de energia o Brasil poderia contar? Qual a principal importância da integração do mercado sul-americano?**

Darc Costa - Seriam vários os projetos que poderiam ser considerados integradores na área de energia. Existe o projeto do gasoduto, o gasoduto da Bolívia foi um processo que ocorreu no passado e se insere dentro desse contexto, mas temos usinas hidrelétricas como Garabi, num conjunto misto Brasil-Argentina, o Rio Madeira, que pode levar energia a todo Peru e nordeste da Bolívia. Existem outros projetos de integração, como o Linhal, que vai a Boa Vista e Manaus. São projetos que estruturam uma idéia de integração da América do Sul do ponto de vista energético.

***IHU On-Line* - Como o senhor vê a crise das *papeleras* entre Uruguai e Argentina? Acha que o Uruguai vai sair do Mercosul e assinar o acordo bilateral com os EUA?**

Darc Costa - Acredito que isso seja difícil de ocorrer, na medida em que os interesses do Uruguai estão muito mais presos ao Cone-Sul do que poderia se pensar, pois ele poderia se libertar do Cone-Sul e com isso fazer um tratado de livre comércio com os EUA por conta de uma crise conta de uma crise decorrente do problema das *papeleras*. O problema das *papeleras* é decorrente também de um processo histórico no qual o Uruguai assumiu determinados compromissos diplomáticos com a Argentina e que, segundo dizem os argentinos, a questão das *papeleras* descumpriu esses compromissos diplomáticos. Por trás de tudo isso, há

um discurso ambientalista, a idéia de que as *papeleras* trarão poluição, problemas sérios ao Rio Uruguai.

O Uruguai é um país que, diferentemente do Paraguai, que teve Itaipu, da Bolívia, que teve o gasoduto, necessita de algumas atividades industriais para que consiga efetivamente se desenvolver. O Uruguai é um país que tem regredido em função de sua situação econômica. É um país no qual é necessário que haja atividade industrial para que possa haver ocupação, emprego etc. Isso é uma questão que deve se resolver. O grande problema é que a crise das *papeleras* transformou-se numa questão direta entre os dois países, onde não é possível mediação de terceiros. No entanto, isso se resolverá com o tempo.

***IHU On-Line* - Qual sua opinião sobre a proposta de Gilberto Dupas, da criação de um mercado sul-americano de nações, aproveitando sinergias que existem em três eixos principais, sendo um deles o eixo energético: "Juntando Brasil, Bolívia e Venezuela, somamos o gás da Bolívia, o petróleo da Venezuela, os recursos hídricos e biomassa do Brasil"?**

Darc Costa - É uma visão clara do problema. É isso mesmo. Temos que olhar o mundo, para frente, imaginando que separados, não vamos a lugar nenhum. Juntos, podemos ter uma posição central no mundo do século XXI. Essa integração está presente no imaginário coletivo dos povos da América do Sul.

***IHU On-Line* - Como o senhor caracterizaria a economia brasileira atual? Alguns economistas falam de *stop and go*, isto é, crescimento econômico baixo e muito volátil?**

Darc Costa - Basicamente, a política econômica que aí está, não está vocacionada para o crescimento, e sim para o controle da moeda. E moeda é meio, não é fim. Economicamente,

temos um problema sério nos últimos 20 anos porque a nossa política econômica se estrutura com o único objetivo de combater a inflação, e não com o objetivo de fazer crescimento, de gerar emprego. As conseqüências nós estamos vendo.

***IHU On-Line* - Outra é a caracterização feita por José Carlos Braga. Ele descreve o padrão de desenvolvimento capitalista implantado a partir de 1994, como não-furtadiano (do Celso Furtado). Para ele, trata-se de um padrão que é neodependente-americano-associado. Segundo o professor Braga, dentro desse padrão, a população fica a depender "eternamente" de programas como o**

bolsa-família. É um capitalismo do tipo Bolsa de Valores & Bolsa-Família. O que o senhor acha dessa opinião?

Darc Costa - Essa é uma forma interessante de colocar o processo que estamos vivendo. Na verdade, o fundamental em uma economia é gerar emprego, porque é pelo de emprego que o indivíduo se socializa. O emprego é central, uma atividade fundamental num país feito o Brasil. Se não caímos num processo assistencialista, como José Carlos Braga menciona, no qual os ricos ficam cada vez mais ricos, e os pobres, cada vez mais dependentes da assistência do Estado.

Destques da Semana

Memória	pg. 36
Entrevista da Semana	pg. 38
Teologia Pública	pg. 44
Artigo da Semana	pg. 46
Filme da Semana	pg. 48
Destques On-Line	pg. 51
Deu nos Jornais	pg. 51
Frases da Semana	pg. 56



Memória

Daniel Herz

29/12/1954 – 30/05/2006

Por que deve um nome ser lembrado?

Por Pedro Luiz S. Osório

O depoimento a seguir é de autoria de Pedro Luiz da Silveira Osório, colega e amigo de Daniel Herz. Pedro Osório é jornalista, mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS e professor do Curso de Comunicação Social da Unisinos. Integrou a equipe da revista *IHU On-Line* entre os anos 2003 a 2005.

“Há homens que lutam um dia, e são bons; / Há homens que lutam por um ano, e são melhores; / Há homens que lutam por vários anos, e são muito bons; / Há outros que lutam durante toda a vida, esses são imprescindíveis.” Bertolt Brecht

O poema acima é tão conhecido quanto é difícil apontar alguém que o mereça como possível epitáfio. Daniel Herz foi um desses homens. Diplomado em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos no ano de 1977, é seu filho mais brilhante. Falecido em 30-05-2006, aos 51 anos, morreu vítima de um câncer de medula que o acometia há seis anos. Lutou com tenacidade pela vida. Mesmo durante a doença manteve-se ativo, exercitando a extraordinária força de vontade que o distinguia. Homem de posses, usou-as na luta pela democracia, especialmente na democratização da comunicação, causa que nunca abandonou.

Praticou o jornalismo na grande imprensa e na imprensa alternativa – como nos jornais Movimento e Informação. Militou no extinto Partido Revolucionário Comunista. Filiou-se ao Partido dos Trabalhadores e, como secretário de Comunicação do Governo

Municipal de Porto Alegre implantou na Prefeitura, no primeiro governo daquele partido, uma estrutura de comunicação revolucionária, à qual se deve boa parte dos bons resultados obtidos pela Administração Popular.

Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília, da sua dissertação resultou o clássico *A história secreta da Rede Globo*⁴⁰, que atingiu 14 edições. No livro, relatou e documentou os métodos historicamente antidemocráticos utilizados nas concessões dos canais de rádio e televisão e demonstrou como a Rede Globo construiu o seu monopólio ao arripio da lei, apoiada pela ditadura militar e a ela servindo. Implantou o Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, do qual foi coordenador e professor. De lá

⁴⁰ HERZ, Daniel. *A história secreta da Rede Globo*. Porto Alegre: Tchê!, 1987. (Nota do autor)

desencadeou, na década de 1980, as lutas por uma informação democrática, mobilizando alunos e professores, introduzindo no cenário universitário uma postura comprometida com a realidade cultural e comunicacional brasileira e latino-americana.

Vida universitária e políticas públicas

Deixou a vida universitária para dedicar-se, às suas custas, à construção de políticas públicas de comunicação. Insatisfeito com a placidez e a inconseqüência das pesquisas acadêmicas na área da comunicação, conseguiu criar, na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom), o Grupo de Trabalho Políticas de Comunicação.

Foi um dos principais dirigentes da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), que lhe deve as suas melhores formulações, entre as quais o Programa de Estímulo à Qualidade de Ensino de Jornalismo. Liderou a organização e a fundação do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), implantando centenas de comitês regionais e municipais por todo o País, disseminando a luta por uma comunicação democrática.

Enfrentou a tradicional postura denunciante que caracterizava essa luta, travando-a com base no diálogo aberto, plural e na conceituação precisa. Sustentava que “a luta pela democratização da comunicação é um esforço sem fim previsível, pois as novas tecnologias e a complexidade das relações humanas sempre criarão novos desafios e novas lutas”. Não se tratava, portanto, de impor uma comunicação “popular” (como se ela representasse a “verdade”), nem de tomar o poder e “inverter” o sinal do discurso emitido (como se o nosso discurso fosse, inquestionavelmente, o “verdadeiro”). Mas se tratava de construir um equilíbrio entre as variadas demandas e tensões, assegurando o controle social

sobre os meios e garantindo as múltiplas expressões da sociedade. Para isso era preciso uma política pública de comunicação.

Daniel catalisou as discussões sobre as novas tecnologias de comunicação, especialmente a televisão a cabo, cuja legislação articulou e formulou mediante uma intensa interlocução com os setores empresariais e sociais. Deve-se à chamada “lei do cabo” as TVs de caráter público, como as legislativas (Câmara, Senado, Assembléias e Câmaras Municipais), as universitárias e as comunitárias. A primeira TV comunitária do País foi, aliás, instalada em Porto Alegre, sob a sua liderança.

Comunicação democrática

Do FNDC também resultou a instalação, em 2002, do Conselho de Comunicação Social, órgão consultivo do Congresso Nacional que ele integrou, criado pela Assembléia Nacional Constituinte – onde igualmente atuou, representando a Fenaj e buscando incluir, na Constituição de 1988, dispositivos benéficos à comunicação democrática.

Fundou o Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação (Epcom), publicando diariamente o boletim eletrônico AcessoCom, especializado em comunicação. Sua principal preocupação era a de transformar os complexos conceitos da comunicação em notícias e análises acessíveis à cidadania. Em 2001, o AcessoCom recebeu o prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação – Categoria Grupo Inovador, atribuído pela Intercom.

Nos últimos anos dedicou-se aos temas relacionados à digitalização, com ênfase na televisão. A partir do Epcom (onde constituiu um sólido banco de dados aberto a todos os interessados), do FNDC e da Fenaj, junto com outras entidades, Daniel vinha lutando pela adoção de uma plataforma tecnológica

condizente com as demandas culturais e estratégicas do País.

Daniel foi um homem de pensamento e de ação. Intelectual, pesquisador, militante, ativista, sindicalista, conferencista chamado a todos os cantos do País, revolucionário, colocava o conhecimento acima da ideologia e fez da sua vida uma obra (da qual este texto dá uma pálida idéia) que, sabe-se, sintomaticamente não era considerada “acadêmica” em alguns ambientes universitários – embora ninguém tenha ousado sustentar publicamente tal afirmação. Pois Daniel fez pelo Brasil mais do que centenas de pesquisadores supostamente comprometidos com uma “visão crítica”.

Tive o privilégio e a honra de com ele trabalhar e conviver, de desfrutar da sua

amizade e da sua presença. Devo-lhe, como muitíssimas outras pessoas, lições ativas de retidão, honestidade, solidariedade e amor ao próximo. São muitos (nunca saberemos quantos) os homens e mulheres que receberam o seu apoio material e intelectual e foram alvos de sua interessada atenção.

Daniel foi um camarada – no sentido que os lutadores das causas sociais atribuíam a esse termo –; foi um companheiro, solidário; foi um amigo amoroso que dividia o pão. Nestes tempos de exacerbada individualidade e de renovada exploração do homem pelo homem, seu nome será lembrado pelos seus gestos generosos e comprometidos, pelo que disse fazer e fez. Quem de nós poderá aspirar a tanto?

Entrevista da semana

Dialética para todos: Aristóteles com o controle remoto na mão

Entrevista com Carlos Cirne-Lima

O próximo dia 12 de junho terá um significado além da data comercial do “Dia dos Namorados”. Será dia de falar de filosofia na Unisinos. É nessa noite, a partir das 19h30min, no Auditório Central da Universidade, que ocorrerá o lançamento do Cd-rom *Dialética para todos*, do professor Carlos Roberto Velho Cirne-Lima, do PPG em Filosofia da Universidade.

O Cd-rom, uma versão multimídia do livro *Dialética para principiantes*, de autoria de Carlos Cirne-Lima, apresenta a dialética e a história da filosofia em linguagem atual e dinâmica, com muitos recursos multimídia. Trata-se de um excelente recurso para o estudo e uma ferramenta prestimosa para o ensino de Filosofia, sobretudo para o público estudantil. Possui diversos bancos de dados,

com informações rigorosas. É uma realização importante para a atualização da Filosofia na era digital, especialmente no meio educacional.

No lançamento oficial, ocorrido no dia 31 de março de 2006, foram entregues 20.000 exemplares do Cd-rom ao secretário estadual de Educação do Rio Grande do Sul, José Fortunatti, para ser utilizado pelos professores como recurso didático em meio eletrônico na formação e divulgação filosófica dos alunos das escolas públicas.

O Cd-rom alia um acabamento técnico de imagens e esquemas explicativos com uma exposição sintética do conhecimento filosófico dialético presente nos pré-socráticos, em Platão, em Hegel, até os dias atuais.

Por iniciativa do Ministério da Educação, mais 50.000 exemplares serão distribuídos aos secretários de Educação de outros Estados da Federação. A distribuição gratuita é feita somente às escolas públicas do Brasil. Demais interessados em adquirir o Cd-rom, como escolas particulares e pessoas físicas, poderão fazê-lo no Studio Clio e em algumas livrarias, entre elas, a Livraria Cultural, na Unisinos. Durante o lançamento, haverá um estande da livraria disponibilizando os Cds aos interessados.

Confira, a seguir, a entrevista exclusiva que o professor Cirne-Lima concedeu, por telefone, à *IHU On-Line* nesta semana, comentando a importância e as características deste trabalho:

***IHU On-Line* - Qual a importância de um CD-Rom de filosofia para a formação e divulgação filosófica fora da academia e das salas de aula convencionais? Qual o significado que isso pode ter?**

Cirne-Lima - Conforme a pergunta, o Cd-Rom foi feito para ambas as finalidades. Não só para ser um suporte da sala de aula, mas também para todos aqueles interessados em ter uma visão geral (mas não superficial) da filosofia que, ou já se formaram, ou ainda não chegaram à universidade. Então, ele tem uma finalidade dupla. Dentro da escola, esse Cd-Rom será muito importante, porque nós não temos nada de material didático desse nível para a escola. Além disso, temos poucos livros de introdução à filosofia que sirvam para as classes do curso secundário e, inclusive, para os primeiros semestres de qualquer curso de Filosofia, Pedagogia etc. São realmente poucos os bons livros,

publicados em português. Creio que são só dois ou três. Os demais são tremendamente superficiais e não ensinam a pessoa pensar. E filosofia é sempre isso: o pensamento crítico, a educação do espírito crítico para construirmos, nós mesmos, uma cosmovisão que nos permita avaliar o mundo em que nós vivemos, os valores com os quais construímos a vida pública e privada.

Os aspectos inéditos da iniciativa

Esse instrumento moderno (cd-rom), que é visual e interativo ao mesmo tempo, em filosofia, ainda não existia. Há alguns instrumentos visuais de apoio em outros setores didáticos. Por exemplo, a Universidade de Erechim recebeu uma gigantesca verba da Finep para construir CDs didáticos, mas eles ainda estão em construção e não têm o aspecto artístico como esse cd-rom, que realizamos, tem. Comparando em

âmbito internacional, esse cd-rom tem como concorrência artística e em profundidade, que eu saiba, apenas o cd-rom do Stephen Hawking, sobre a breve história do tempo. O livro, com o mesmo título, foi colocado em forma de cd-rom pelo Scientific American e esse cd-rom americano, traduzido para o alemão, pelo menos, é uma aula que corresponde ao livro, mas é mais complicado do que o meu. Os artistas Maria Tomaselli e Maurício Santos conseguiram dar um nível artístico fantástico ao cd-rom. Levaram cerca de sete anos trabalhando, três horas a cada noite.

Uma questão política no ensino de Filosofia

O cd-rom também será útil nas escolas porque há um problema de política envolvendo o ensino da Filosofia. O Congresso Nacional sempre diz que não coloca a Filosofia como disciplina obrigatória porque não temos livros, nem suporte suficiente. Então, como Filosofia não é matéria obrigatória, ninguém escreve livros para essa finalidade. É um círculo vicioso. Não tem livro porque não é obrigatório e não é obrigatório porque não tem livro. Estamos nesse vai e vem desde o fim do regime militar, que aboliu a Filosofia com toda a razão, porque ela ensina a pensar criticamente. No entanto, quando houve a redemocratização do País, já devíamos ter reintroduzido a Filosofia para os garotos e garotas de 11, 12 anos. E isso não foi feito. Agora nós temos mais um instrumento, ao lado de dois ou três bons livros que já existem.

IHU On-Line - Qual é basicamente o conteúdo do Cd-rom?

Cirne-Lima - Ele tem três partes: a primeira é uma introdução geral à filosofia, principalmente da dialética, com base na filosofia grega. Nessa **primeira parte**, são expostos e discutidos os sistemas filosóficos, principalmente de Platão e Aristóteles. Na **segunda parte**, são discutidas a estrutura e as objeções

que foram levantadas contra a dialética no mundo da modernidade. Formulamos um resumo geral com base em um conceito corrigido da dialética, porque o conceito de Hegel e de Marx, que são os dois últimos grandes pensadores dialéticos, tem graves erros, inclusive levam ao totalitarismo político, como de fato ocorreu na União Soviética. Em Hegel, encontramos um hegelianismo de direita, que é tão ruim quanto o hegelianismo de esquerda. Ele e Marx têm problemas com a lógica, porque falam em contradição como motor da dialética, o que é um problema de terminologia. E na **terceira parte**, há uma visão do conjunto sobre como um sistema neoplatônico e neo-hegeliano como hoje deve ser imaginado e concebido, e quais são as suas linhas mestres. É uma visão geral, em resumo, do que é filosofia.

IHU On-Line - Quais as maiores dificuldades de transformar um livro técnico num Cd-rom?

Cirne-Lima - A dificuldade é muito grande. É preciso ter muita paciência. Primeiro, temos que pegar um livro e traduzi-lo, de tal maneira, que não percamos a idéia e a exatidão, mas que procure evitar os termos técnicos o máximo possível. Quando não podemos evitar o termo técnico, ele deve estar muito bem explicado, para inclusive uma criança poder entender. A maioria dos meus trabalhos, exceto esse livro de dialética para principiantes, são trabalhos técnicos. Um dia, me dispus a escrever um livro sem termos técnicos. E ele não tem uma única nota de pé de página e apenas palavras do português dialogal, já que é exatamente a erudição o que torna um livro pesado. Um ou outro termo técnico que ficou inevitável eu expliquei para que uma criança pudesse entender.

A busca das imagens que ilustrem o conteúdo filosófico

Tendo o livro, nós passamos para a etapa de buscar imagens, jogos, para

ilustrar o livro. Isso foi muito mais difícil. Para escrever um livro, é só sentar na frente do computador e imaginar que eu tinha na minha frente uma criança, um jovem estudante, e um jovem no começo da universidade. Então, escrevi para esse grupo, dos 12 aos 17, 20 anos. Esse era o leitor que eu tinha na minha imaginação. Por isso o livro saiu mais fácil de ler. O Cd-rom é a mesma coisa que o livro, só que potenciado. Com as imagens, o conteúdo fica mais próximo daquilo que no dia-a-dia o aluno tem. A criança hoje já nasce com a televisão.

Aristóteles com um controle remoto na mão

O Cd-rom foi testado por colegas meus da UFRGS. Podemos dá-lo sem dizer nada para um rapaz de 14 anos, que está interessado em filosofia. Ele fará tudo sozinho: entra, navega e acha muito bom e bonito. O adulto talvez tenha muito menos facilidade de navegar pelo Cd-rom e de aprender do que o jovem, porque o Cd-rom fala a linguagem do jovem. Colocar Aristóteles com um controle remoto na mão pode deixar alguns adultos ofendidos. Outros poderão achar ridículo. O garoto de 15 anos vai achar fantástico. Ele sabe que Aristóteles não tinha controle remoto, mas vai achar o máximo que, com o controle remoto, ele está lá abrindo vários caminhos. Essa é a diferença de linguagem de um livro técnico para um livro mais acessível e para o Cd-rom.

IHU On-Line - O que caracteriza a teoria sobre a dialética lançada no Cd-rom?

Cirne-Lima - A teoria que aparece ali é de uma dialética corrigida. A dialética tinha vários erros que vêm de longa data. Um deles é que ela sempre falou de contradição e o termo correto deveria ter sido, desde a Antigüidade, *contrariedade*. Porque, de acordo com o quadrado lógico, a contradição e a contrariedade são duas coisas completamente diferentes e obedecem a leis lógicas diferentes. Desde a

Antigüidade, sempre houve uma objeção de que a dialética negava a lógica e o princípio de não-contradição. Isso é pura bobagem. E eu demonstrei abundantemente em trabalhos técnicos que isso é bobagem. A dialética trata de contrariedades, no sentido aristotélico e moderno do termo. No livro e no Cd-rom, isso é passado, sem discussão anterior. Se alguém quer uma discussão técnica, terá que pegar meus outros artigos específicos sobre isso.

A dialética e a historicidade

A segunda grande coisa é que a dialética usualmente desemboca em totalitarismo, porque elimina a verdadeira historicidade. Então, tinha que ser corrigida a dialética de Hegel, de Marx e dos anteriores, para que a historicidade voltasse em seu pleno valor, porque em Marx, por exemplo, a historicidade legítima não existe, nem em Hegel. As leis da história são, segundo eles, inexoráveis, e é por isso que os velhos marxistas achavam que a revolução vinha de forma inexorável, porque segue as leis inexoráveis da história. Isso é bobagem. Não há lei inexorável da história. A história é aberta e depende da nossa liberdade. Isso é um erro da dialética clássica e que eu tive que corrigir.

O esmagamento do indivíduo

O terceiro erro, que tinha que ser corrigido, é que a dialética provoca um esmagamento do indivíduo. Isso é o que vimos na União Soviética e que ainda se vê hoje na parte chinesa, que ainda é marxista. Todos os chineses têm roupa igual, rosto igual, de maneira que o indivíduo é esmagado em benefício do coletivo. Isso é uma idéia errada dos dialéticos desde Platão até Hegel e Marx.

IHU On-Line - Essas seriam, então, as principais divergências historicamente estabelecidas em torno da dialética?

Cirne-Lima - As divergências que havia são essas três objeções, motivo pelo qual,

desde a Antigüidade, a árvore da filosofia se divide em dois grandes galhos: a corrente dialética, que no começo é muito forte e depois vai ficando mais fraca, principalmente nos últimos 200 anos, e a corrente aristotélica, que depois vai entrar em Thomás de Aquino e na Igreja Católica, e no século passado e atual, desembocou na filosofia analítica. Hoje, essa segunda corrente da filosofia, a analítica, é muito mais numerosa do que a dialética. E não há diálogo entre uma e outra, porque esses três grandes problemas não foram tratados de uma maneira correta. E eu trato esses problemas, que são dialéticos, mas usando uma linguagem analítica. Então, os analíticos dizem: "se é assim, não temos nada contra". É quando aproximamos as duas correntes.

IHU On-Line - Em que o senhor baseia a sua crítica à dialética negativa de Adorno?

Cirne-Lima - A dialética negativa de Adorno tem um motivo pessoal, histórico. Ele vivia em um mundo em que o nazismo estava ficando mais poderoso, e ele estava simpatizando com o marxismo, mas via Stalin transformando o marxismo numa câmara de horrores. Então, ele não podia ser nem nazista, nem marxista. E optou filosoficamente por um método dialético, como ele chamava. Só que ele e seus colegas de Frankfurt cortaram a síntese, ou seja, o marxismo dizia que a síntese seria o comunismo em estágio final. O marxismo seria uma primeira etapa, a segunda etapa seria o socialismo real, e a terceira etapa, sintética, seria o comunismo, como etapa final. Adorno, Horkheimer e o grupo de Frankfurt, com toda a razão, disseram: "Isso é uma utopia que nunca será realizada. Então, temos que fazer uma dialética sem síntese". A minha crítica é esta: eles não usaram a dialética nos outros campos do saber, da teoria do conhecimento ou da epistemologia. A dialética sempre é sintética e na história ela também é, desde que tenhamos uma história aberta

e que não vá desembocar num sistema totalitário como o stalinismo. Porque, porém, eles não conseguiram pensar nisso, e para evitar o totalitarismo de Stalin, cortaram a síntese, o ápice da pirâmide, porque eles não encontraram outra solução.

IHU On-Line - Em que sentido a visão da dialética apresentada no Cd-rom aborda a questão do dever-ser, do norte de nossas ações?

Cirne-Lima - Ela aborda o dever-ser porque eu mostro que a categoria de necessidade mais ampla que há num sistema dialético corrigido e correto, é o dever-ser, ou seja, a necessidade dura da matemática e da lógica vale para subsistemas dentro do universo do mundo e das coisas. A necessidade do dever-ser é o círculo maior que abrange tudo. O dever-ser amplo que eu falo, inclui até os átomos, inclusive a mecânica quântica. Não tem nada de especial, porque as partículas subatômicas não obedecem a leis lógicas duras, como a matemática dura, em que dois mais dois são sempre quatro. Nem o homem, nem o macaco obedecem a isso. A lei mais ampla do universo permite contrafatos e, portanto, diz que deve ser assim, mas de repente é um fato contra. E esse fato contra, quando se aplica ao homem, nos permite dizer: "é um ato anti-ético, ou é um pecado", em linguagem religiosa. Eu digo que o operador modal que abarca todo o universo é o dever-ser e que a necessidade no sentido duro da matemática e da lógica pega apenas alguns setores dentro desse universo, que é muito maior. Então, o dever-ser é um círculo grande, e dentro dele há pequenos círculos, que são a necessidade dura.

IHU On-Line - Como o Cd-rom pode ajudar a responder aspectos relacionados às dúvidas existenciais do ser humano na contemporaneidade?

Cirne-Lima - As ciências particulares, como a física, a biologia, a sociologia, não conseguem dizer de onde viemos, para onde vamos e qual o sentido da nossa vida. Isso só a filosofia faz. Não há outra disciplina que consiga fazer isso. A que chega mais perto disso é a literatura, mas ela traz autores que, ao escrever, têm no fundo uma concepção filosófica. A literatura, quando se trata de grandes autores clássicos, está sempre trazendo uma filosofia. Sem filosofia, não há jeito de dizer qual o sentido da vida. Para que viver? Essa pergunta continua desde Platão e Aristóteles até hoje, uma pergunta filosófica.

IHU On-Line - Como os filósofos, normalmente bem tradicionais, estão reagindo à divulgação de conteúdos filosóficos numa plataforma tão moderna?

Cirne-Lima - Hoje meus colegas da Filosofia têm um problema muito grave, porque ela foi sendo apertada por todos os lados, já que a física pegou um pedaço, a biologia pegou outro, a sociologia pegou outro, a antropologia pegou outro, e a filosofia foi ficando com um campo cada vez mais restrito. Como os cientistas têm linguagem muito técnica, os filósofos foram obrigados a também ficar com uma linguagem muito técnica para não receber a pecha de não serem cientistas, porque, se não escrevemos um texto incompreensível, cheio de termos técnicos e de notas de pé de página, ele não é científico, e a universidade vai olhar aquilo e dizer: "Isso é texto de jornalista para jornal, não é ciência". E a filosofia, então, nos últimos cem anos, foi ficando com uma linguagem muito técnica, pesada. Ela teve vantagens, é claro, progrediu em alguma coisa, mas perdeu muitas vezes a visão do conjunto.

A diferença entre o técnico e o acessível

Dependendo da pessoa para quem mostrarmos o cd-rom, ela vai dizer que é muito interessante, mas é coisa de jornalista. Se eu não tivesse escrito durante a vida inteira artigos altamente técnicos, cheio de termos técnicos e de citações, eu não teria condições de fazer esse cd-rom. Se esse fosse o meu primeiro trabalho, eu nunca entraria numa universidade por concurso público, porque iriam dizer que isso é bom jornalismo, talvez até pedagogicamente muito bom, mas carece do cunho científico. E sobre a expressão "cunho científico" eles entendem termos técnicos, citações etc.

Trajatória que dá crédito

Eu posso me dar o luxo de escrever um livro assim e lançar um Cd-rom assim, porque tenho tantos artigos antigos e modernos altamente técnicos que faz as pessoas saírem que o Cirne-Lima é um filósofo técnico, acadêmico, o que, aliás, observamos também em Humberto Maturana. Ele atualmente está fazendo conferências no estilo do que os franceses chamam de "alta vulgarização". É para o grande público, sem termos técnicos, mas feito por um especialista que conhece a fundo o assunto do qual ele está falando. No meu caso é a mesma coisa. Agora, se um dos meus alunos no mestrado apresentasse esse trabalho em Cd-rom ou em livro, como tese, eu diria: "Lamento, isso não é tese". Ele me perguntaria: "Mas por que, professor?". Eu responderia: "Faltam as notas, falta o termo técnico, falta o linguajar científico, o aparato científico que os livros técnicos de filosofia têm que ter". Nós exageramos tanto, porém, com o técnico, que ninguém mais entende um livro de filosofia. Então, o que fiz agora, depois de passar quase 50 anos produzindo livros e artigos técnicos, é ir para o outro lado. Fiz uma coisa que é de alta vulgarização, sem termo técnico, mas sem perder a profundidade e a exatidão.

Os jesuítas e a expansão da cultura moderna

Entrevista com Maria Clara Bingemer

”Os jesuítas são artífices cristãos da cultura moderna”, afirma Maria Clara Bingemer, teóloga e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Para ela, a autonomia do sujeito, da ciência, a liberdade individual, própria da modernidade, é uma marca dos jesuítas desde seus inícios, refletindo-se, por exemplo, na experiência dos exercícios espirituais. Além disso, o espírito profundamente católico de Inácio de Loyola, mas assimilando o melhor da reforma protestante, deu uma abertura e uma liberdade de espírito não-usual. Bingemer é graduada em Jornalismo, mestre em Teologia e doutora em Teologia Sistemática.

A entrevista a seguir, foi concedida pela teóloga, por e-mail, comemorando o Ano Jubilar Inaciano que celebra os 450 anos da morte de Inácio de Loyola e o quinto centenário de nascimento de Francisco Xavier e Pedro Fabro. As universidades jesuítas brasileiras, lideradas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos por meio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio e pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, estão organizando, durante o Ano Jubilar Inaciano, a realização do Seminário Internacional A globalização e os Jesuítas: origens, história e impactos nos dias: 25, 26, 27 e 28 de setembro de 2006, na Unisinos. O evento pretende debater a trajetória e a marca da ação jesuíta no Brasil e no mundo, precursoras do fenômeno da globalização, e sua programação completa pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

IHU On-Line - Qual é a importância do ano jubilar inaciano? Que novidades ele pode trazer para a Companhia de Jesus e a Igreja?

Maria Clara Bingemer - Creio que o ano jubilar inaciano, mediante a evocação das três grandes figuras de Inácio, Xavier e Fabro pode trazer para a Igreja algo de que estamos muito necessitados: modelos, paradigmas,

histórias de vida que empolgam, que suscitam admiração e desejo de emulação, que inspiram decisões e conversão de vida, que possam fazer o coração das pessoas, sobretudo das novas gerações, vibrar e arder de desejo. Colocar esses três companheiros de Jesus em evidência, com sua coragem, sua experiência de Deus, seu espírito largo e missionário pode fazer um

grande bem à Igreja, refrescando-a nas fontes do Evangelho.

IHU On-Line - Como surgiu a iniciativa de abordar no Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas: origens, história e impactos? Quais as principais necessidades que levaram a definir esse foco de reflexão?

Maria Clara Bingemer - Pensamos que seria importante dar ao seminário um enfoque que falasse às pessoas de hoje, que soasse bem laico e não muito de Igreja. Assim, o tema da globalização, que nos pareceu se entrelaçar, bem com o da universalidade da Companhia, além de ser atual, foi o escolhido. Pensamos que abordar a questão do carisma jesuítico nas origens e na atualidade pode ajudar a perceber a grande influência que tiveram os jesuítas, por exemplo, na formação da história do Brasil. E na evangelização da Ásia, e na criação de um modelo de educação que até hoje vigora e é eficaz na formação das novas gerações, e na criação de um modelo de liderança que inspira ainda hoje executivos de alto nível em grandes empresas multinacionais. A palestra do professor Chris Lowney cremos que poderá ser muito importante neste sentido, assim como outras.

IHU On-Line - Qual tem sido a importância dos jesuítas na expansão da cultura moderna?

Maria Clara Bingemer - Os jesuítas são, por assim dizer, os artífices cristãos dessa cultura. O gênio de Inácio fez que ele, assim como havia assimilado toda a espiritualidade medieval, com as contemplações dos mistérios da vida de Cristo, a devoção aos santos, etc., tenha assumido igualmente o novo que a modernidade trouxe, com a autonomia do sujeito, da ciência, a liberdade individual, que se reflete inclusive na experiência dos exercícios espirituais. Em relação à religião, igualmente, Inácio é profundamente católico, mas

assimila o melhor da reforma protestante, o que lhe dá uma abertura e uma liberdade de espírito impressionante. Os jesuítas seus seguidores continuaram seu itinerário, e assim foram inserir-se apostolicamente nos grandes areópagos da cultura moderna: as universidades, os colégios, os meios de comunicação, o apostolado social, intelectual etc.

IHU On-Line - Poderíamos afirmar que o papel dos jesuítas hoje na América Latina e no Brasil continua sendo tão importante quanto foi na formação do Brasil e do continente?

Maria Clara Bingemer - Hoje em dia, há uma retração de visibilidade e tangibilidade de todo o fato cristão, e não só na América Latina, mas no mundo inteiro. O papel dos jesuítas foi chave nas origens do continente, é um fato. Hoje não tem mais a mesma centralidade, mas continua tendo importância. Eu afirmaria que a Companhia de Jesus ainda é o grupo religioso mais forte, que dá o tom do caminho que o restante da vida religiosa vai seguir. E isso não apenas no continente latino-americano, mas no mundo inteiro.

IHU On-Line - Com base em sua experiência como teóloga ligada à Companhia de Jesus, quais assinalaria como principais autocríticas e, portanto, desafios que os jesuítas enfrentam na contemporaneidade?

Maria Clara Bingemer - Acho que hoje os jesuítas têm que enfrentar as críticas de sempre, que lhes deram historicamente reputação de falsos, dissimulados, devido ao modo de proceder que lhes é muito próprio, feito da indiferença e do discernimento, que são categorias inacianas que configuram sua maneira de viver e acarreta-lhes incompreensão por parte do mundo. No entanto, creio que igualmente eles têm diante de si muitos e instigantes desafios. Um deles, talvez o

maior, seja como integrar os leigos para partilharem a mesma espiritualidade e viverem um verdadeiro companheirismo na missão. Neste ponto, creio que algumas críticas se fazem necessárias. Ainda se percebe um grande medo e preconceito por parte dos jesuítas em relação aos leigos. Insegurança diante do novo fato eclesial que o leigo maduro e bem formado representa como interlocutor. Faço também uma autocrítica. Creio que nós,

leigos, mesmo os mais próximos como eu, recebemos muitíssimo da Companhia, sobretudo quanto à formação, e, muitas vezes, não sabemos reconhecer. Assim também não temos paciência com o ritmo com o qual eles assimilam nossa presença. Há que compreender que quatrocentos e cinquenta anos não é pouco tempo de viver sempre um estilo de vida. Mudar de uma hora para outra não é nada fácil.

Artigo da semana

Dia Mundial do Meio Ambiente

Por Vândiner Ribeiro e Jairo Brasil Vieira

Em comemoração do Dia Mundial do Meio Ambiente, recebemos o artigo a seguir, de autoria de Vândiner Ribeiro e Jairo Brasil Vieira, ambos estudantes do Mestrado em Educação da Unisinos. Vândiner Ribeiro é mineira, graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), especialista em Saneamento Ambiental, pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais CEFET-MG. Jairo Brasil Vieir é graduado em Estudos Sociais pela UPIS, Brasília e especialista em História pela mesma instituição.

É complexo decidir se esse dia convém às comemorações de como evoluímos no cuidado do meio ambiente ou às reflexões a respeito de como temos tratado o lugar onde habitamos. Dia estabelecido em 1972 pela Conferência de Estocolmo, 5 de junho passou a ser considerado, desde então, o Dia Mundial do Meio Ambiente em todos os cantos do Planeta. Entretanto, parece que a data é mais uma daquelas onde se realizam plantios de árvores, limpeza de nascentes de rios e aulas de reciclagem. Na volta para casa, uma parada para lanche num daqueles fast foods famosos, e lá se vai uma quantidade de papel, plástico e madeira

para a lata de lixo. Um amontoado de supérfluos num desperdício irracional de tão caros e escassos recursos naturais.

Vivemos em tempos em que o novo e o velho perdem as significações que as acepções das palavras indicam. As tecnologias mais recentes se tornam um desejo insaciável, culminando numa neopatia, doença moderna que tem como principal sintoma adquirir o mais recente lançamento comercial. Um velho provérbio popular pode caracterizar bem esta doença: “o olho é maior do que a barriga”, já que não se trata mais de uma necessidade. A

sensação, porém, de “barriga cheia” tem aparecido em alguns casos, resultando numa crise de consciência vivida pelo sujeito-consumidor, que tem assumido a roupagem do sujeito-bonzinho que leva para a usina de reciclagem todos os produtos “velhos”, comumente chamados de LIXO. Os reducionismos a que são submetidas as questões ambientais são resultado de discursos interessados que nos deixa uma interrogação: deve-se comemorar ou refletir neste dia 5 de junho?

Não negamos a importância do dia, sendo, inclusive, movidos a aproveitar o momento para convidar você, leitor, para refletir conosco: estamos realmente sensibilizados quanto aos desperdícios dos recursos de nosso planeta? Quando vamos às compras, procuramos por produtos biodegradáveis, ou por aqueles que menos causam degradação do meio ambiente? Temos sido consumidores conscientes e ensinado aos nossos filhos a lição de pioneiros que tanto labutaram por essa causa? Ou temos nos deixado influenciar pelo convite incansável do marketing, apelando para que tenhamos sempre o último lançamento do mercado? Conclame seus pares para uma reflexão nesse dia. Não há uma solução mágica para os problemas ambientais.

Sabemos que o processo de degradação ambiental vem se desenvolvendo ao longo de muitos anos, contando com hábitos, valores e atitudes arraigados em formas culturais enraizadas. E bem sabemos também, que de um dia para o outro não mudamos nossa maneira de pensar e agir. Aquele antigo trabalho de formiguinha é o que tem colaborado para os avanços, ainda que não suficientes, para a conservação e a preservação do meio. Lembrando sempre que o meio ambiente inclui também o humano, que, aliás, se tornou a maior vítima deste processo de destruição. Como afirma o cientista

ambiental inglês James Lovelock⁴¹, autor da teoria de Gaia: “Eu preciso dizer a vocês, como familiares da Terra e parte integrante dela, que vocês e a civilização em especial estão em grave perigo”.

⁴¹ **James Ephraim Lovelock (1919)**: cientista e ambientalista inglês, conhecido por ser o autor da Teoria de Gaia. Atualmente vive no centro de uma polêmica por defender que apenas usinas nucleares podem os livrar de um desastre. É membro honorário da Assocation of Environmentalists for Nuclear Energy (para maiores informações, consulte o sítio www.ecolo.org). A *IHU On-Line* nº 171, de 13 de março de 2006, publicou o artigo *A vingança de Gaia*, de autoria de Lovelock. (Nota da *IHU On-Line*)

Filme da Semana

Caché

Os filmes apresentados nesta editoria já foram vistos por algum colega do IHU. A Revista IHU On-Line recomenda esse filme.

Ficha técnica

Nome: Caché

Nome original: Caché

Cor filmagem: Colorida

Origem: Alemanha - Áustria - França - Itália

Ano produção: 2005

Gênero: Drama - Suspense

Duração: 117 min

Classificação: livre

Direção: Michael Haneke

Elenco: Juliette Binoche, Daniel Auteuil

Sinopse:

Georges (Daniel Auteuil) é um bem-sucedido apresentador de programa literário na TV. Um dia, passa a receber fitas de vídeo que mostram que alguém o está espionando. Nos dias seguintes, enviam-lhe também desenhos ameaçadores. A segurança familiar fica abalada. Georges procura explicações em seu passado.

Caché: lendo Imagens

Por Alessandro Varela

O texto, a seguir foi produzido para a *IHU on-Line* por Alessandro Varela, jornalista, formado na Unisinos. Varela faz crítica de cinema no site www.cinemaniaco.com.br

Caché (2005), dirigido pelo austríaco Michael Haneke é um filme que instiga a inteligência do espectador. Propõe um suspense com inúmeros focos anexados ao enredo central. A nova película de Haneke incomoda por nos fazer refletir.

A história se desenrola numa França atual, onde entramos no cotidiano do apresentador de televisão Georges (Daniel Auteuil), casado com Anne (Juliette Binoche) que trabalha como editora. Os dois têm um filho adolescente, Pierrot, que completa a família de classe alta francesa. O

inusitado entra na trama quando o casal começa a receber anonimamente algumas fitas de vídeo colocadas na porta da sua casa. São imagens do local onde eles moram e outras mais privadas dos dois. A impressão que temos é de que a família de Georges está sendo vigiada por alguém. No decorrer do filme, as imagens que pareciam inofensivas tornam-se ameaçadoras.

Percebe-se, então, que as fitas passam a ter uma ligação com a infância de Georges, como se cada nova

fitas fosse denunciar um segredo, fazer uma revelação. Com as fitas, começam a ser enviados também cartões postais com desenhos mórbidos. A primeira suspeita do casal é de que o culpado possa ser um fã de Georges, pois seu programa de literatura na televisão tem uma crescente audiência. O que nos causa, contudo, estranheza é que quem envia as fitas sabe do passado do apresentador.

O mais interessante deste filme é que existem outras histórias dentro da história original. O espectador é levado a interpretar outras questões impostas pelas imagens. Georges vai ter de lidar com suas lembranças e uma possível vingança. A ironia entra no enredo quando observamos o protagonista que trabalha na televisão ser acuado pela sua própria imagem. Sem mencionar, ainda, os interesses que tais imagens começam a afetar. Há um conflito político e familiar originado pelas fitas. Aliás, a seriedade, a confiança, os ciúmes, todos surgem com peso na história. Georges é colocado contra a parede quando um fato da sua infância vem à tona. É quando entra um irmão adotivo argelino, de quem Georges sente ciúmes, e acaba provocando a sua

saída da família. O garoto acaba sendo enviado a um orfanato. Temos aqui um problema político, vamos dizer um fantasma político até hoje mal-encaminhado entre França e Argélia.

O filme tem planos longos que nos colocam o tema da verdade da imagem. O que é real? O que é irreal? Como lidamos com a nossa própria imagem? Somos vigiados também? O certo é que o filme dá voltas e voltas e não quer acabar. Ou melhor, ele não precisa terminar, ter um fim convencional. Estamos diante de um diretor que já havia levado às telas *A Professora de Piano* (2001), no qual tratou de fetiches sexuais. Aqui, em *Caché*, há um *voyeur* solto. E se esse espião somos nós mesmos? O correto é que Haneke trata da liberdade que nós temos diante das imagens. Estamos diante de um filme aberto à discussão. O espectador fica exposto à falsidade das imagens, ou não.

Caché recebeu no Festival de Cannes 2005 os prêmios de melhor Diretor, Crítica e do Júri. E, no European Film Award 2005, foi agraciado como melhor filme, melhor diretor, melhor ator (Daniel Auteuil) e melhor montagem.

Outros comentários:

Neusa Barbosa, no www.cineweb.com.br comenta:

“Há sempre um componente de surpresa a cada novo trabalho do diretor austríaco Michael Haneke – o que o torna um dos cineastas mais interessantes do cinema atual.

É inegável que há intenções políticas por trás do filme, que pode ser lido como uma aguda reflexão sobre o choque racial e social que hoje abala a França, país há grande percentual de imigrantes de todas as origens. Ao falar da dificuldade do personagem central

de assumir culpas passadas – em relação a um argelino (Maurice Bénichou) – e presentes (como demonstra seu descontrole no quase confronto com o ciclista afrodescendente), a narrativa esclarece o modo de preparo do caldo de ódio permanente, capaz unicamente de preparar tragédias.

O final do filme é, aparentemente, simples – mas, na verdade, muito misterioso. É otimista ou pessimista?

Sugere o apaziguamento do conflito ou projeta sua continuidade para as próximas gerações? Ver mais de uma vez o filme parece abrir sempre novas possibilidades de interpretação, ao invés de fechá-las, o que é mérito de um diretor no auge da forma.

Falando em auge, a densidade e qualidade de emoção que Juliette Binoche é capaz de projetar num simples olhar é dessas coisas que só uma câmera muito sensível pode captar. Que atriz magnífica na maturidade é a bela Juliette e sua melancolia poética essencial.

Um comentário de Hélio Nascimento, publicado no *Jornal do Comércio*, 2-6-06.

“Dos quatro filmes do diretor Michael Haneke, exibidos no Brasil - os anteriores foram *Funny Games*, *Código Desconhecido* e *A Professora de Piano* -, este *Caché*, que agora está sendo mostrado ao público é o mais impressionante deles e confirma que o cineasta é um dos maiores em atividade no momento. Nascido na Alemanha, depois fazendo carreira na Áustria e atualmente trabalhando na França, sempre em regime de co-produção, o diretor nos brinda agora com uma espécie de mescla de Ingmar Bergman e Alfred Hitchcock. Esta pode ser uma definição para *Caché*, mas de qualquer forma o elogio não esgota as virtudes e a importância deste relato extraordinário. Estamos diante de um dos maiores filmes contemporâneos e de uma obra que, por explorar de forma brilhante e inteligente todas as possibilidades da narrativa cinematográfica, sem que em nenhum momento a realidade da cena seja alterada, se coloca entre os maiores títulos do cinema nas últimas décadas e de todas as décadas, desde que os Irmãos Lumière rodaram seus primeiros filmes. A primeira lição desta obra incomum é que, ao falar dos dramas da família humana e dos problemas enfrentados pelo mundo atual, nunca deverá ser abandonado o personagem, em nenhuma hipótese deverá o cinema se afastar da criatura verdadeira. Assim, esta obra, que mistura o suspense clássico com inovações que a todo o momento surpreendem o espectador, fala da crise do relacionamento humano, das

conseqüências do colonialismo, da desumanidade praticada pela insensibilidade, do sentimento de rejeição, dos ressentimentos gerados pela observação da crise. E tudo isso sem a utilização do discurso e sempre pela capacidade de olhar com inteligência para qualquer gesto e o mínimo olhar.

Haneke é um realizador interessado em flagrar a fera acobertada pelas leis sociais e pelas imposições ditadas ao comportamento. Seus filmes anteriores expressavam isso com bastante clareza. Ele sempre procura o oculto, que é o título original em francês, conservado para as exibições brasileiras. A cena da discussão após o quase atropelamento pela bicicleta mostra isso com perfeição. Mas há outra cena, aparentemente banal, que também expõe tal tema. É aquela na qual um amigo do casal, um pouco antes de o jantar ser interrompido por mais uma mensagem de origem desconhecida, conta a anedota na qual teria sido comparado a um cachorro e que tem um final inesperado. No conjunto e no desenvolvimento do relato, o fato de o casal protagonista ser ligado à literatura, pertencer, portanto, a um mundo civilizado, tal temática é prolongada e aprofundada. Os recados misteriosos colocam os dois em presença de um mundo para eles estranho e que surge para exercer a vingança. O cineasta, no entanto, não é um panfletário vulgar. Fala com inteligência sobre o mundo e os indivíduos. Desde a primeira seqüência, é perfeitamente

sentida a hostilidade que existe entre os protagonistas. Há qualquer coisa de errada naquela vida familiar. Assim, a volta à infância não é apenas mencionada nos desenhos que acompanham os vídeos. Ela também está presente na atitude do menino, que certamente percebeu o processo de fragmentação de sua vida familiar. A hostilidade não vem apenas do passado e dos efeitos do colonialismo. Ela também se faz presente no interior da família humana. Os planos fixos da casa e principalmente aquele que documenta o que havia acontecido no começo de tudo, quando a criança é expulsa, e também o do final, quando os ressentimentos se unem, são

exemplares. E como elogiar suficientemente a cena com a velha mãe? Esta cena também evidencia outra virtude maior de Haneke: a capacidade de transformar cada ator ou atriz em personagem real. Eis o cinema em toda a sua grandeza.

Le spectre du colonialisme, l'actualité du néocolonialisme postcolonial (O espectro do colonialismo, a atualidade do neocolonialismo pós-colonial) é o título do longo artigo de Saad Chakali, comentando o filme *Caché*, de Michael Hanecke, publicado no sítio www.cadrage.net/films/cache.htm. Vale a pena conferir!

Destaques On-Line

Essa editoria traz referências às entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) durante a última semana. Elas podem ser conferidas na editoria *Notícias Diárias* do sítio, nas datas indicadas no final de cada texto.

Título: Um panorama sobre o cultivo de monocultura de árvores

Entrevistada: Luiza Chomenko, bióloga

Entrevista: A bióloga Luiza Chomenko trabalha, desde 2002, no Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Graduada em Ciências Biológicas, Luiza é mestre em Ecologia e doutora em Biogeografia, com dupla ênfase, em Ecotoxicologia e Avaliação Espacial (gestão ambiental). Na entrevista, publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU do dia 30/05/2006, a professora traça um panorama sobre diversos pontos relacionados ao cultivo de monocultura de árvores no Rio Grande do Sul.

Título: O entrelaçar humano entre razão e emoção.

Entrevistado: Humberto Maturana, biólogo chileno

Entrevista: Humberto Maturana foi entrevistado no dia 29 de maio, na UFRGS, durante o Seminário Internacional *Pare e Pense*, uma iniciativa da Parceiros Voluntários, que teve como tema *O futuro do ser humano é ser cada vez mais humano*. Maturana é co-fundador, co-diretor, pesquisador e docente do Instituto de Formação Matriztica, onde, segundo ele mesmo diz, "criamos um laboratório humano". Estudou Medicina no Chile e Biologia na Inglaterra e

Estados Unidos, doutorando-se em Biologia na Universidade de Harvard, desenvolvendo trabalhos científicos inovadores. Ao voltar para o Chile, instalou seu laboratório na Faculdade de Medicina da Universidade do Chile, para, posteriormente, ser um dos fundadores da primeira Faculdade de Ciências no país. Criador da Biologia do Conhecimento e da profunda compreensão do que constitui o viver de todo o ser vivo - pela Autopoiese - Maturana desenvolveu uma das noções científicas de maior impacto na história da ciência moderna. Confira a entrevista com o biólogo nas *Notícias Diárias*, do sítio do IHU, no dia 31/05/2006.

Título: Integração energética na América do Sul é fundamental.

Entrevistado: Darc Costa, engenheiro, ex- vice-presidente do BNDES

Entrevista: Para o engenheiro Darc Costa, deveria haver uma união de esforços para integrar os países da América do Sul, sobretudo no campo energético. Sobre a economia brasileira, ele disse que sua política econômica não tem, no momento, vocação para o crescimento, mas para o controle da moeda. Darc Costa é graduado em Engenharia Civil e especialista em Técnico em Análise de Sistemas pela PUC-Rio. Tem, ainda, especialização em Altos Estudos de Política e Estratégia pela Escola Superior de Guerra (ESG), mestrado em Engenharia de Produção pela PUC-Rio e doutorado em Engenharia pela UFRJ. Atualmente, leciona na ESG. Foi vice-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). É autor de *Brasil: defesa do Estado*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos, CEBRES, 1996. A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU, no dia 31/05/2006. Também pode ser conferida na presente edição desta revista, na editoria *Brasil em Foco*.

Título: Rap, jovens marginais e elites enclausuradas na cidade fragmentada.

Entrevistada: Eda Góes, historiadora

Entrevista: Um forte sentimento de religiosidade e o fascínio pela morte e pela violência podem ser encontrados nas letras de rap, onde o cotidiano das periferias e favelas dos grandes centros é apresentado como um estado permanente de combate. O assunto foi abordado pela professora da Universidade Estadual de São Paulo, Eda Góes, durante o **1 Simpósio Dimensões do Urbano**, no trabalho intitulado *Rap, jovens marginais e elites enclausuradas: elementos para o debate acerca da cidade fragmentada*. Eda Góes, graduada, mestre e doutora em História, fala sobre sua pesquisa nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU de 1/06/2006.

Título: Dialética para todos. Aristóteles com o controle remoto na mão.

Entrevistado: Carlos Cirne-Lima, filósofo

Entrevista: O próximo dia 12 de junho, às 19h30min, no Auditório Central da Unisinos ocorrerá o lançamento do cd-rom *Dialética para todos*, do professor Carlos Roberto Velho Cirne-Lima, do PPG em Filosofia da Universidade. O cd-rom, uma versão multimídia do livro **Dialética para principiantes**, de autoria de Carlos Cirne-Lima, apresenta a dialética e a história da Filosofia em linguagem atual e dinâmica, com muitos recursos multimídia. O cd-rom alia um acabamento técnico de imagens e esquemas explicativos com uma exposição sintética do conhecimento filosófico dialético presente nos pré-socráticos, em Platão, em Hegel, até os dias atuais. Por iniciativa do Ministério da Educação, mais 50.000 exemplares serão distribuídos aos secretários de Educação de outros Estados da Federação. A distribuição gratuita é feita somente às escolas

públicas do Brasil. Demais interessados em adquirir o cd-rom, como escolas particulares e pessoas físicas, poderão fazê-lo no Studio Clio e em algumas livrarias, entre elas, a Livraria Cultural, da Unisinos. Durante o lançamento, haverá um estande da livraria disponibilizando os CDs aos interessados. Cirne-Lima falou sobre o cd-rom na entrevista publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU, de 2/6/2006.

Título: A rebelião dos pingüins

Entrevistado: Oscar Dávila, sociólogo

Entrevista: A fim de compreender melhor a situação que vive o Chile com a manifestação de estudantes por melhores condições do ensino no País, entrevistamos por e-mail o sociólogo Oscar Dávila León, de Valparaíso, no Chile. Tem trabalhado e publicado artigos sobre temáticas de atores sociais populares, políticas sociais, juventude urbana popular e política de juventude, além de ser o editor permanente da Revista Última Década que a CIDPA edita semestralmente. Dávila é também autor do livro *Sectores populares. Entre los claroscuros de la integración y la humanización* (Edições CIDPA, 1998).

Deu nos jornais

Diariamente a página do IHU (www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias Diárias*, apresenta uma síntese das notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. Abaixo algumas notícias selecionadas, extraídas desse link do sítio do IHU.

A rebelião dos pingüins

A América Latina novamente foi movimentada na semana passada. Quem diria, desta vez, foi o Chile, tão cantado em prosa e verso por sua estabilidade econômica e sendo governado, há menos de 100 dias, por uma mulher e socialista, Michelle Bachelet. Mais de 600.000 estudantes secundaristas do Chile fizeram greve no dia 30 de maio, por melhores condições na educação pública, na maior manifestação estudantil do país desde 1972. Protestos nas proximidades do Palacio de la Moneda, sede da presidência, em Santiago, terminaram em confrontos com a polícia. Houve 12 feridos e, segundo o jornal argentino *Clarín*, mais de 700 presos. O protesto provocou a maior crise dos quase três meses do governo da presidente Michelle Bachelet. A presidente demitiu o responsável pela repressão.

A greve chilena manifesta o caráter concentrador e excludente do modelo econômico chileno e que se reflete na elitização da educação.

A rebelião se ampliou e fez com que a presidente, em cadeia de rádio e televisão, propusesse mudanças que, no entanto, foram rejeitadas pelo movimento estudantil. Hoje, segunda-feira, está previsto um dia de paralisação “para reflexão”. Jornais chilenos neste final de semana

especulavam sobre uma fissura na direção do movimento estudantil. As *Notícias Diárias* dos dias 31 de maio e 1 e 2 de junho acompanharam os acontecimentos. Uma entrevista especial com Oscar Dávila, sociólogo chileno, foi publicada nas *Notícias Diárias* do sábado, dia 3 de junho.

E na Colômbia, Álvaro Uribe se reelegeu para a presidência da República. Segundo o jornal argentino *Clarín*, dia 29-5-06, desta maneira os EUA garantem a continuidade dos programas de "mão dura" no combate à guerrilha e ao narcotráfico. Os contribuintes americanos pagaram mais de 4 bilhões de dólares desde o ano 2000 para a manutenção do Plano Colômbia.

Timor Leste

Por sua vez, o Timor Leste, recém-saído de uma duríssima guerra com a Indonésia, esteve à beira do caos esta semana. O sonho de independência de Timor Leste depois de viver quase 500 anos de colonialismo português e mais 25 de brutal ocupação por parte da Indonésia parecia uma utopia ante o aparato intimidatório representado pela ocupação militar efetuado por forças da Austrália e dezenas de militares malásios que patrulhavam Dili para garantir sua precária segurança. A disputa entre os "loromonu" e os "lorosae" transforma Timor em um inferno e o medo fez 100 mil habitantes fugirem do país. Um grupo de professores brasileiros também teve que sair do país. Uma análise do conflito e sua gênese podem ser lidas nas *Notícias Diárias* dos dias 30 e 31 de maio e 1 e 2 de junho deste ano. Tentamos uma entrevista com um antropólogo jesuíta e um militar brasileiro, mas foi impossível devido às precárias condições de segurança, ou seja, não podíamos expor as pessoas.

Sem-terra acampados já somam 1 milhão

A quantidade de sem-terra acampada explodiu neste ano eleitoral. Levantamento recente feito pelo governo federal revela que cerca de 1 milhão deles está espalhado pelo país, morando debaixo de barracos de lona à espera de um lote de terra da reforma agrária. Confira as *Notícias Diárias* do dia 29 de maio de 2006.

Um estudo no governo federal propõe a inclusão de trabalhadores rurais sem terra no programa transferência de renda, o Bolsa-Família. O objetivo seria trocar as cestas básicas pelo cartão do programa. Em 2005, o governo distribuiu 1,3 milhão de cestas a 226,2 mil famílias acampadas. Cada cesta tem um custo de R\$ 45,00. "Seria melhor para os acampados e para o governo", segundo o ministro Guilherme Cassel - Desenvolvimento Agrário. Confira as *Notícias Diárias* do dia 30 de maio de 2006.

José de Sousa Martins, sociólogo, em artigo publicado, ontem, no jornal *Estado de S. Paulo*, 4-6-06, analisa o impacto social e político de tal medida. O artigo pode ser lido nas *Notícias Diárias* de hoje, 5 de junho de 2006.

Relatório do CIMI mostra aumento de mortes de indígenas

"A extrema exclusão social e a ausência de uma ação governamental que proteja efetivamente os direitos dos povos indígenas podem ser apontadas como causas das violências sofridas por estes povos. Os casos relatados no Relatório "Violência Contra os Povos Indígenas", lançado no dia 30 de maio, em Brasília, mostram, inclusive, que há uma situação de genocídio no Mato Grosso do Sul", informa o sítio do CIMI Conselho Indigenista Missionário, 30-5-06. O documento denuncia um genocídio no Mato Grosso do Sul. Confira as *Notícias Diárias* do dia 2 de junho de 2006. As *Notícias Diárias* desta semana voltarão ao tema.

Lula comemora o crescimento do PIB e pensa no segundo mandato

O crescimento do PIB no primeiro trimestre deste ano foi intensamente comemorado por Lula. Pensando firmemente no segundo mandato, Lula estaria buscando um acordo político com o PSDB que garanta um espaço para um diálogo congressual que permita as novas reformas que são necessárias ao equilíbrio do Estado brasileiro, especialmente a da Previdência. Veja as notícias diárias do dia 1 de junho de 2006.

Ao mesmo tempo, a foto de Lula com Quércia, Tarso Genro e Aloísio Mercadante foi a explicitação da busca da aliança com o PMDB. Segundo alguns jornais, quando Quércia deixou o Planalto, assessores de Lula não escondiam o clima de comemoração. Confira as *Notícias Diárias* do dia 1 de junho de 2006.

Além de oferecer a vice-presidência ao partido, o governo confirmou o senador Romero Jucá do PMDB de Roraima como seu líder no Senado. Ato consecutivo, Michel Temer, presidente do PMDB, até então um dos principais defensores da candidatura própria do PMDB à Presidência, sepultou esta possibilidade. Veja as *Notícias Diárias* do dia 1 de junho de 2006.

Em entrevista ao jornal Germano Rigotto, governador do Rio Grande do Sul, começa a falar da criação de um novo partido de centro-esquerda. Confira as *Notícias Diárias* do dia 3 de junho de 2006.

Bento XVI em Auschwitz-Birkenau. Silêncios. Repercussões

"Por que Deus se escondeu? Como ele pôde tolerar este triunfo do mal?" se interrogou Bento XVI na visita ao campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau. O Papa provocou um início de polêmica ao insistir na responsabilidade dos dirigentes nazistas e não na do povo alemão e por não ter pronunciado a palavra anti-semitismo. A palavra **Shoah** foi pronunciada mas introduzida, segundo fontes vaticanas, na última hora. Confira as *Notícias Diárias* do dia 29 de maio de 2006.

Mas o Papa na audiência geral da quarta-feira, dia 31 de maio, falou explicitamente do anti-semitismo. Segundo os vaticanistas, isso mostra como ele é atento à opinião pública. Ao mesmo tempo, emerge a pergunta: Por que não o fez em Auschwitz? Confira as *Notícias Diárias* do dia 1 de junho de 2006.

O mundo das mulheres, segundo Alain Touraine

Em *Le monde des femmes* (O mundo das mulheres). Paris: Fayard, 2006, seu último livro, o sociólogo Alain Touraine teoriza a nova identidade das mulheres. O jornal francês *Libération*, 25-5-06 publica uma resenha de Yannick Ripa que traduzimos e publicamos nas *Notícias Diárias* do dia 31 de maio de 2006.

Unisinos abre curso superior de formação de escritores e agentes literários

A iniciativa foi matéria de capa do caderno literário do jornal **Globo**, 3-6-06. A matéria ensejou uma enquete na edição eletrônica do jornal. Confira as *Notícias Diárias* do dia 3 de junho de 2006.

Frases da semana

O poder do PMDB de Sarney, segundo Simon

”Se não tivermos candidato, assume imediatamente o ministro da Saúde, do Renan, e o dos Transportes, do Sarney, que já tem Minas e Energia, e sei lá mais o quê. É uma situação feia essa. O PMDB se desmoralizar, se humilhar.” - Pedro Simon, senador - PMDB-RS - *Folha de S. Paulo*, 29-5-06.

”Sarney não teve tanto poder nem quando era presidente. Ele não tinha o poder que tem hoje.” - Pedro Simon, senador - PMDB-RS - *Folha de S. Paulo*, 29-5-06.

Churrasco de demônio

”A Bíblia diz: ou se serve a Deus ou ao capital. Quem serve ao capital vai virar churrasco do demônio.” - Heloísa Helena, senadora, ao ser lançada como candidata à presidência da República pelo PSOL - *Estado de S. Paulo*, 29-5-06.

Direito adquirido

”Se aplicássemos o conceito de direito adquirido como ele é concebido por determinados setores na época da escravidão, os descendentes daqueles escravos seriam escravos até hoje por uma questão de direito adquirido.” - Tarso Genro, ministro das Relações Institucionais - *Globo*, 31-5-06.

Pedro Simon. Candidatura anacrônica

”A candidatura de Pedro Simon é extemporânea, anacrônica e não tem vínculo com a realidade.” - Romero Jucá, senador - PMDB - líder do governo - *Zero Hora*, 1-6-06.

Polarização Coca/Pepsi

”A polarização Coca-Cola/Pepsi-Cola entre Lula e Alckmin é um fato consumado, com ampla vantagem para o primeiro.” - Paulo Nogueira Batista Jr., economista - *Folha de S. Paulo*, 1-6-06.

Lula, Quércia e Jucá

”As eleições parecem funcionar para a classe política como um tempo de perdoar e esquecer. A turma da coluna não vai nem lembrar o passado de Orestes Quércia e Romero Jucá. Ao primeiro foi oferecida a vaga de vice na chapa de Lula. Ao segundo foi dada a liderança do governo no Senado. Os apertos de mãos com os dois são prova do quanto Lula e o PT mudaram. Com todo o respeito.” - Ancelmo Gois, jornalista - *Globo*, 2-6-06.

”A credibilidade dos homens públicos, comigo ao menos, está ao rés do chão. Olho para certas fotos e não consigo levar a sério o ato de que participaram os personagens. Caso, por exemplo, do encontro entre Lula, o senador Aloizio Mercadante, o ministro Tarso Genro e o ex-governador Orestes Quércia. Eu sei o que disseram uns do outro e o outro dos uns.” - Clóvis Rossi, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 2-6-06.

”Lula disse à coluna que pretende assistir aos jogos do Brasil na companhia dos veteranos das Copas de 58 e 62 que ainda estão vivos. É por isso que a coluna cruzou, no gabinete presidencial, com Quércia e Delfim Netto. Vai ver que foram receber pessoalmente o convite.” - coluna do jornalista Jorge Moreno, *O Globo*, 3-6-06.

2010

”Como os tucanos inventaram um novo calendário eleitoral para o Brasil, a sucessão presidencial só vai começar mesmo em 2010.” - coluna de Jorge Moreno, *O Globo*, 3-6-06.

”É impressionante como a derrota de 2002 subiu à cabeça dos tucanos” - coluna de Jorge Moreno, *O Globo*, 3-6-06.

Chile e o neoliberalismo

O Chile é dado pelos economistas neoliberalóides como atestado da maravilha que são as políticas por eles defendidas. O Chile está tomado por manifestações e conflitos: só na terça-feira, quase 800 presos e 30 estudantes e jornalistas feridos pela polícia. Cerca de 1 milhão de pessoas, em várias cidades, cobram verbas para educação, transporte menos caro e melhoria salarial.” - Janio de Freitas, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 2-6-06.

São Paulo x Curitiba

”Se você mora em São Paulo, provavelmente circula três horas por dia a mais do que eu. São vinte horas por semana e mil horas por ano. A cada oito anos você perde um atrás de um caminhão numa marginal. Como a expectativa de vida é de 72 anos, a pergunta que eu te faço é: você quer salvar nove anos da tua vida? Então venha morar em Curitiba”. - Jaime Lerner, arquiteto, ex-prefeito de Curitiba - *Valor*, 31-5-06.

IHU em Revista

Eventos pg. 59
IHU Repórter pg. 77

Mina de Fé e Justiça em exibição **Cinema BR em Movimento**

O Prof. Dr. Álvaro Filipe Oxley da Rocha, docente na Unisinos, é o debatedor do **Cinema BR em Movimento**, que, na terça-feira, 6 de junho, exhibe os filmes *Mina de Fé e Justiça*, um curta e um longa-metragem, respectivamente. A atividade ocorre das 8h30min às 12h30min, na Sala 1G119 do IHU. Toda a comunidade acadêmica pode participar - a entrada é franca.

Rocha é graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela PUCRS e mestre em Ciência Política pela UFRGS. É doutor em Direito para Universidade Federal do Paraná (UFPR) com a tese *As ações diretas da inconstitucionalidade dos partidos políticos de oposição no Supremo Tribunal Federal: uma abordagem em Sociologia do Direito*. Escreveu as obras *A magistratura no espelho*. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2002 e *Judiciário e política*. Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2003.

Economia de Comunhão e Economia Solidária Alternativas para uma outra economia

Dentro da programação do evento **Alternativas para uma outra economia**, está marcada para 6 de junho a palestra *Concretizando alternativas: Economia de Comunhão e o Projeto Cooesperança, de Santa Maria/RS*. Representantes do Movimento dos Focolares e do Esperança/Coesperança serão os palestrantes. Marque em sua agenda: é na Sala 1G119, das 19h30min às 22h.

A coordenadora do Projeto Esperança/Coesperança, Irmã Lourdes Dill, conversou com a **IHU On-Line** por telefone. Na entrevista, ela conta

detalhes sobre a atividade ligada à economia solidária, iniciada há 25 anos na Diocese de Santa Maria. Atuando como educadora popular do cooperativismo e da economia popular solidária, Irmã Lourdes é graduada com Licenciatura Plena em Economia Doméstica e especialista em Extensão Urbana e Rural pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Possui diversos cursos ligados ao cooperativismo, ao associativismo, a relações humanas, à psicologia, à teologia popular, à economia popular solidária e formação de lideranças e políticas públicas. Entusiasmada, ela comemora os progressos que a economia solidária vem fazendo no Brasil, provando que uma outra economia é possível, sim.

A força da economia solidária

Entrevista com Lourdes Dill

***IHU On-Line* – Em que consiste o projeto Esperança/Cooesperança e quais são suas principais atividades?**

Lourdes Dill – O projeto Esperança/Cooesperança é um programa da área social da Diocese de Santa Maria que trabalha com vários eixos: a economia solidária, a agricultura familiar, a comercialização direta, o trabalho com os catadores, as diferentes etnias, com os povos indígenas, as cooperativas das quilombolas. É um trabalho bem articulado na região central do Rio Grande do Sul. São 30 municípios dessa região, ligados a essa atividade. É um trabalho que visa a fortalecer a economia popular solidária e a geração de trabalho e renda de forma cooperativada e associativa.

***IHU On-Line* – Quantas pessoas estão envolvidas nesse trabalho?**

Lourdes Dill – Aqui na região são 220 grupos associados, mais ou menos quatro mil famílias diretamente beneficiadas. Indiretamente, são cerca de 18 mil pessoas que estão se articulando nesse trabalho, ou pela produção,

ou pelo consumo, comercialização e também pela formação. É uma multidão de pessoas beneficiadas por esse trabalho.

***IHU On-Line* – A senhora poderia contar alguns detalhes sobre o surgimento dessa idéia? Quem a lançou?**

Lourdes Dill – A economia solidária tem, no Brasil, aproximadamente 25 anos de existência, enquanto Cáritas, Igreja. Agora o governo federal também está participando, bem como o municipal e o estadual. No Rio Grande do Sul, aconteceu uma política pública encaminhada no tempo do governo Olívio Dutra. Temos 25 anos de economia solidária na Diocese de Santa Maria, junto com a Cáritas brasileira e gaúcha e começou tendo por base um livro chamado *A pobreza e a riqueza dos povos*. 2ª ed., São Paulo: Cidade Nova, 1982, de Albert Tévoédjéré. Essa obra iluminou a perspectiva da reinvenção da economia, que para nós é a economia popular solidária. Estudamos esse livro, construímos uma proposta, e ela se deu nessa

idéia dos projetos alternativos comunitários. Nós, na diocese de Santa Maria, já colocamos essa idéia como um programa, chamado *Projeto Esperança*, e depois na *Cooesperança*, que é uma cooperativa central, na qual todos os grupos associados se articulam em rede. Dentro disso, temos a *Teia Esperança*, que é uma rede de empreendimentos solidários associados ao Projeto *Esperança/Cooesperança* que hoje congrega aproximadamente 40 pontos fixos de comercialização direta.

IHU On-Line - Como a senhora relacionaria esse tipo de economia desenvolvida pelo Esperança/Cooesperança com um projeto nacional de economia solidária? E qual é sua avaliação sobre a economia brasileira hoje?

Lourdes Dill - Estamos muito animados e a perspectiva é promissora, no sentido de que nós temos, agora, uma Secretaria Nacional de Economia Solidária, já participamos de um grande mapeamento nacional. A economia solidária tem cerca de 15 mil empreendimentos no Brasil já cadastrados. A meta é chegar em outra etapa e verificar aqueles que não foram mapeados. Haverá conferências sobre o assunto. Nós já realizamos a nossa regional. Em 2 e 3 de junho, acontece no Parque Harmonia, em Porto Alegre, a Conferência Estadual de Economia Solidária. De 26 a 29 de junho, teremos a Conferência Nacional de Economia Solidária, em Brasília, na qual será criado o Conselho Nacional de Economia Solidária, para que, de fato, essa proposta, possa se tornar uma política pública. O Conselho irá ajudar a fomentar essa política. Não queremos uma política pública

fomentada apenas pelo governo. A sociedade civil tem que se apoderar, participar e ajudar a construir essa política pública. É isso que nós estamos fazendo, as entidades apoiadoras, a Unisinos também é uma delas, a sociedade civil, os empreendimentos e o governo. Precisamos caminhar juntos. Esta é a nossa grande animação: ainda nesse ano poderemos ter, no Brasil, uma política continuada de economia solidária. Muitas vezes, acontece que um governo instala um programa e depois ela pára, como o caso que aconteceu no Rio Grande do Sul. Hoje muitas universidades no Brasil têm departamentos nos quais se trabalha diretamente com incubadoras⁴². Isso é muito promissor. A economia solidária está se articulando cada vez mais no Brasil e na América Latina, e no mundo, naqueles países que acreditam que esse é um grande caminho, promissor e alternativo para eliminar o desemprego que hoje é uma realidade.

IHU On-Line - Quais serão os principais assuntos trazidos para o evento do dia 6, no IHU?

Lourdes Dill - Levaremos nossa experiência, mostrando como ela se construiu, como se constrói, e também mostraremos o material da XIII Feira do Cooperativismo e a II

⁴² Na Unisinos, exemplo disso é o projeto Tecnologias Sociais, que funciona no Instituto Humanitas Unisinos (IHU) e é diretamente ligado à Diretoria de Ação Social e Filantropia. Suas atividades promovem o acompanhamento contínuo de grupos de geração de trabalho e renda buscando construir sua autonomia e inclusão social. Para maiores detalhes sobre o Tecnologias Sociais, confira o **IHU Repórter** da edição 182 da **IHU On-Line**, de 29 de maio de 2006, com o administrador de empresas e mestre em Ciências Sociais Aplicadas Lucas Henrique da Luz, bem como o site www.unisinos.br/projetos-sociais/empreendimentos-solidarios/

Feira de Economia Solidária do Mercosul, que acontecerá em Santa Maria, de 7 a 9 de julho, um grande evento latino-americano. Além disso, divulgaremos o livro *O Projeto Esperança/Coesperança e a construção da economia solidária*

no Brasil. Relato de uma experiência. Santa Maria: Sociedade Vicente Palotti, 2006, organizado por Ana Mercedes Sarria Icaza e Marcelo Ribeiro de Freitas. Essa obra conta a nossa trajetória.

Economia de comunhão, uma cultura do dar

Entrevista com Celso Beppler

Uma economia centrada no ser humano, no respeito pela sua dignidade, na prática do bem e da fé, e não no capital, no lucro, pura e simplesmente. Assim é a economia de comunhão, surgida dentro da espiritualidade do Movimento dos Focolares. É sobre esse assunto que o empresário Celso Beppler, graduado em Administração de Empresas e um dos sócios proprietários da Metalsul, irá falar no evento **Alternativas para uma outra economia**, neste 6 de junho. Especializada na fabricação de ferramentas para profissionais da indústria metal mecânica, construção civil, marcenarias e serviços em geral, a Metalsul foi fundada em 1º de junho de 1996 em Joinville, Santa Catarina. Maiores informações sobre a empresa podem ser conferidas no site www.metalsul.joi.com.br.

Beppler dá detalhes sobre o surgimento dessa nova idéia de economia e de como vivencia tais práticas em seu cotidiano. Por telefone, ele falou à *IHU On-Line* de como uma nova proposta como essa pode tornar mais justa a relação entre funcionários e patrões e a própria economia. Confira!

***IHU On-Line* - Em que consiste a Economia da Comunhão?**
Celso Beppler - Celso Beppler - A economia de comunhão é um segmento dentro do mercado surgido por meio do Movimento dos

Focolares⁴³, da Igreja Católica e

⁴³ **Movimento dos Focolares:** Nascido e aprovado na Igreja Católica, o Movimento dos Focolares, atualmente, está presente em 182 países, com mais de 120 mil membros internos e mais de 2 milhões de aderentes e simpatizantes. Aberto a todos, reúne - pelo seu ideal de unidade, de fraternidade universal, além dos católicos, cristãos de várias

aberta a todos os credos. Dentro dessa espiritualidade, sentiu-se a necessidade de se fazer alguma coisa pelos necessitados. Embora as pessoas que já viviam essa espiritualidade, vivessem a comunhão entre elas, essa comunhão não era suficiente para atender às necessidades dos mais pobres que faziam parte do movimento. Um dia, a fundadora do movimento, Chiara Lubich⁴⁴, sugeriu, num congresso em São Paulo, que os empresários ali presentes participassem com um pouco do lucro de suas empresas a fim de auxiliar as necessidades das famílias que participavam do Movimento dos Focolares. No mesmo instante, todos os empresários aderiram à proposta, achando-a muito interessante. E o que engloba essa participação das empresas ou dos empresários que lá estavam? Eu, como pessoa física, posso decidir pelo sim ou pelo não rapidamente. Uma pessoa jurídica, ou seja, uma empresa, ela tem uma reação diferente, porque está inserida num mercado extremamente capitalista, no qual o

denominações, fiéis das grandes religiões e pessoas que não professam uma fé religiosa. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁴ **Chiara Lubich** (1920): fundadora e presidente do Movimento dos Focolares. No início da década de 40, com pouco mais de vinte anos de idade, trabalhava como professora em escolas primárias de sua cidade natal, Trento. Ingressou no curso de filosofia da Universidade de Veneza. Procurava a verdade profunda das coisas, justo no clima da Segunda Guerra Mundial, uma época plena de ódio e violência. Enquanto desmoronavam casas, homens e todas as coisas, descobre que Deus era para ela o único ideal que não passava. Divide então esta descoberta com outras companheiras e juntas formam um pequeno grupo, constituindo assim o primeiro núcleo do futuro movimento. Em 7 de dezembro de 1943, sozinha em uma capela, faz uma promessa a Deus de doar somente a Ele, e para sempre, toda a sua vida. Esta data é considerada hoje, o início do Movimento dos Focolares. (Nota da *IHU On-Line*)

ter é mais importante que o ser, e o dar não existe. Essa economia de comunhão veio fazer o inverso. No lugar da economia do ter, pregamos e vivemos a cultura do dar. Essa cultura do dar significa partilhar tudo o que a empresa vive. Eu, como gestor de uma empresa, tenho que ser ético com meus concorrentes, fornecedores, clientes, funcionários. Preciso usar ética em tudo, ser transparente, honesto, inclusive na questão fiscal, a qual sabemos que é muito séria em nosso país. Para você hoje contribuir com tudo e subsistir, é difícil.

O ser humano como o centro

Os empresários daquela época aderiram à proposta de mudar a cultura, a gestão da empresa, a maneira de administrá-la. O ser humano passaria a ser o centro, e não mais o capital. O capital deve ser fruto do relacionamento que existe entre gestor e empregado. Outro objetivo era quebrar esse tabu que foi construído com muito sacrifício pelos sindicatos, há muitos anos, de criar uma inimizade entre patrão e funcionário. Queríamos quebrar também esse paradigma. Nós dependemos uns dos outros. Eu preciso do empregado, que também precisa de mim como patrão. Sozinhos, não vivemos, é recíproco. Aí entra a reciprocidade, que na linguagem do movimento é traduzida como amor recíproco, que vai e que vem. É um dar e receber. A cultura seria essa. O homem como centro é tratado como ser humano, com respeito, dignidade, sendo ouvido. Esse é objetivo principal. Na Unisinos, iremos ao Encontro sobre Alternativas de Economia para falar a experiência da empresa Metalsul no seu cotidiano. Sou um dos sócios proprietários da Metalsul, e darei o testemunho do nosso cotidiano.

***IHU On-Line* – O que caracteriza a economia de comunhão?**

Celso Beppler – O maior parâmetro da economia de comunhão é a valorização do ser humano. É tratar a pessoa humana como ser humano, com respeito. As empresas devem distribuir seus lucros em três partes. Uma parte é destinada para investimentos na própria empresa, para ela poder subsistir, fazer seus investimentos no mercado; uma segunda parte vai para a formação do ser humano, a formação de homens novos, de uma cultura nova, que dali para frente tentariam viver essa nova realidade; e a terceira parte para distribuir entre os pobres. A economia de comunhão tem um caixa único no Brasil e outro em Roma, onde tudo isso é administrado. A partir daí, é feita a distribuição conforme a necessidade de cada região. Isso não quer dizer que o dinheiro do Brasil volte para o Brasil. Nesse ponto, nosso país está deficitário. Recebemos mais ajuda do que damos. Em suma, o que vejo de mais importante nessa nova cultura, é a relação que se cria entre as pessoas, quando não existe mais distinção. Claro que existe o respeito, as funções de cada um dentro da empresa, mas isso não quer dizer que a pessoa deva ser tratada de uma forma inferiorizada, ou não, conforme sua função. Todos devem ser tratados com dignidade.

Qualquer empresa pode participar da economia de comunhão. Entretanto, só vai entender o real objetivo ou a profundidade desse projeto quem viver a espiritualidade do Movimento dos Focolares, porque ela nasceu desse contexto. Se não sei a tabuada, não vou saber fazer contas, é mais ou menos assim. É preciso, então, aprender a tabuada, para depois fazer a minha conta. Vejo que a cultura da economia de comunhão, se não tiver a vivência da espiritualidade, será difícil praticá-la

no dia-a-dia, porque é um eterno recomeçar. Assim como todo dia é preciso recomeçar na sua área de profissão, todo dia temos que pensar que será melhor do que ontem, e amanhã melhor do que hoje.

***IHU On-Line* – A economia de comunhão foi pensada para pequenas comunidades ou pode ser implementada em uma gestão pública?**

Celso Beppler – Se o governante for uma pessoa que tem um pensamento diferente, aí seria possível de praticá-la num governo. Se na minha empresa, é possível de ser aplicado, é possível também fazê-lo em qualquer gestão, pública ou privada. Vejo que isso pode ser empregado numa escola, faculdade, em qualquer empresa, desde que, quem esteja no comando, tenha essa nova cultura, consiga colocá-la em prática. Mas repito: se não tivermos os princípios de um pensamento diferente, de uma cultura nova, não conseguimos. Tem que partir da própria pessoa, e ajudar que a empresa siga esse caminho. Eu poderia fazer economia de comunhão não apenas como empresário, mas como pessoa física também. Não é só para pessoa jurídica.

***IHU On-Line* – A partir da economia de comunhão que críticas o senhor faria à política econômica do governo Lula?**

Celso Beppler – Na verdade, o que aconteceu com o governo Lula é que ele pregava uma coisa da qual ele não tinha experiência. Isso comprova o que eu falei antes. Só se consegue levar um projeto desses adiante quando existe um fundamento, uma formação da pessoa. Por que nosso governo não conseguiu dar seqüência a tudo que ele disse, prometeu na campanha política? Por que era uma realidade que ele não

tinha vivido, estava apenas no papel. Por isso é que vamos à Unisinos. Falaremos sobre o que é a economia de comunhão, o que esse projeto significa e eu, como empresário, vou contar como vivo esses princípios. Existe a prática e a teoria, mas elas devem caminhar juntas. A economia de comunhão é uma idéia que é diferente de qualquer outra coisa que existe na nossa sociedade. Ela nasceu na prática, e não na teoria. Primeiro os empresários praticaram, depois surgiram teses de doutorado,

dissertações, projetos sobre essas práticas. No entanto, o aspecto mais importante de quem vive a economia de comunhão é a fé em Deus, que está em nossas vidas, é nosso sócio, que se faz presente sempre que necessário. Ser economia de comunhão é acreditar firmemente em Deus, que está em nossas vidas e faz aquilo que não podemos fazer. Eu, pessoalmente, tenho vivido intensamente essa experiência, nos mais variados aspectos.

Joan Robinson e a economia da concorrência

II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

Estudar o pensamento da economista inglesa Joan Robinson (1903-1983). É com esse objetivo que acontecerá a próxima palestra do **II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, a ser ministrada pelo Prof. Dr. Pedro César Dutra da Fonseca (UFRGS), em 7 de junho, das 19h30min às 22h, na sala 1G119 do IHU. Estará em análise a principal obra de Robinson, *A economia da concorrência imperfeita*, de 1933. Por e-mail, o pesquisador concedeu a entrevista que segue à *IHU On-Line*, adiantando alguns aspectos sobre o pensamento dessa economista.

Vice-reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), graduado e mestre em Economia por essa instituição, Fonseca é doutor na mesma área pela USP, com a tese *O discurso em perspectiva e o capitalismo em construção*. É autor dos seguintes livros: *RS: Economia e Conflitos Políticos na República Velha* (Prêmio BNDES Dissertação de Mestrado, 2º lugar, 1981). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983; *Vargas: O Capitalismo em Construção* (Prêmio Haralambos Simeonidis – Categoria Teses de Doutorado e Livro sem - Menção Honrosa). São

Paulo: Brasiliense, 1989; *BRDE: da Hegemonia à Crise do Desenvolvimento*. Porto Alegre: Gráfica Metrópole 1988; *A Junta Comercial no Contexto da Economia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. Fonseca palestrou em 24 de agosto de 2004 no evento **A Era Vargas em Questão: 1954 – 2004**, promovido pelo IHU, com o tema *O modelo econômico da Era Vargas: impactos na sociedade brasileira*.

Nascida em Surrey, Inglaterra, Robinson é uma das principais economistas do século XX. Tornou-se conhecida por sua vasta contribuição à teoria econômica, integrando e liderando o time de economistas da Cambridge School, onde lecionou desde 1931. Em 1958 tomou parte na Academia Britânica e em 1962 foi eleita membro do Newnham College. Foi professora, também, no Girton College, King's College. Apenas em 1965 conseguiu ascender ao título de professora catedrática. Inicialmente ligada à economia neoclássica, partidária das idéias de Marshall, Robinson mudou de posição após se familiarizar com os trabalhos de John Maynard Keynes, tornando-se membro destacado das escolas neo-ricardiana e pós-keynesiana. Introduziu a teoria da concorrência imperfeita na sua famosa obra de 1933, *The Economics of Imperfect Competition*. Destacou-se também pela atenção que deu aos problemas do subdesenvolvimento. Escreveu diversas obras, entre elas, *Prática de análise econômica*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960; *Um estudo de economia marxiana*. Lisboa: Dinalivro, 1977; *Filosofia econômica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979; *Contribuições à economia moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979; *Introdução à teoria do emprego*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984. A obra *A economia da concorrência imperfeita*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, foi originalmente publicada como *The economics of imperfect competition*. London: Macmillan, 1933.

Reflexões sobre a história econômica do século XX

Entrevista com Pedro Cezar Dutra da Fonseca

IHU On-Line - Quais são as principais idéias da obra *A economia da concorrência imperfeita*?

Pedro Cezar Dutra da Fonseca - A principal novidade foi tentar formalizar como as firmas atuam em mercados imperfeitos, oligopolizados

e de poucas firmas, de modo que o consumidor pode escolher de quem comprar e se deixar influenciar por publicidade. Até então a teoria convencional só tratava de dois mercados ideais e opostos: a concorrência perfeita e o monopólio puro. A necessidade de estudar mercados "realistas" fica evidenciada, porque, em 1933, o mesmo ano em que Joan Robinson publicava *A Economia da Concorrência Imperfeita*, Chamberlin⁴⁵, nos Estados Unidos, publicava *A Teoria da Concorrência Monopolista* - um não sabia da publicação do outro. Até hoje se discute até que ponto esta obra de Joan Robinson rompia com o paradigma neoclássico, mas o fato é que esta é a obra dela mais respeitada e reconhecida pela ortodoxia econômica. Ela mesma, porém, mais tarde criticou sua obra, julgando-a insuficiente, o que mostra uma honestidade intelectual não comum na academia.

IHU On-Line - Qual seria a contribuição de *A economia da concorrência imperfeita* para as economias na pós-modernidade?

Pedro Cezar Dutra da Fonseca - É uma obra clássica, ou seja, uma referência teórica obrigatória para quem estuda o comportamento dos mercados. No entanto, muita coisa mudou desde a década de 1930, tanto nas teorias, que avançaram, como no mundo... Para se ter uma idéia: uma das preocupações de Joan Robinson era mostrar que uma firma poderia maximizar lucro mesmo com capacidade ociosa, sem utilizar plenamente seu estoque de capital - hoje algo corriqueiro. Fica, todavia, a proposta metodológica: mais que

⁴⁵ **Edward H. Chamberlin** (1899-1967): economista americano, autor de *The Theory of Monopolistic Competition*. Fez diversas contribuições à moderna teoria econômica, particularmente naquilo que diz respeito aos tipos de competição, na teoria da competição monopolística. (Nota da *IHU On-Line*)

formalizar um mundo ideal, a teoria econômica deve procurar responder problemas concretos.

IHU On-Line - Como o pensamento de Robinson pode contribuir no caso específico da economia brasileira?

Pedro Cezar Dutra da Fonseca - A parte de sua obra que mais poderia contribuir seriam as referentes à teoria do emprego e do desenvolvimento econômico. Joan Robinson sempre teve como preocupação básica o desemprego - algo que herdou de Keynes⁴⁶. Disso não abria mão e era intransigente. Discordava dos neoclássicos e liberais porque entendia que o Estado não poderia ficar ausente ou desconhecer o problema; não havia nenhum mecanismo de mercado que levasse ao equilíbrio com pleno emprego. Discordava, porém, dos marxistas porque entendia que era um problema que poderia ser enfrentado dentro do capitalismo. Assustava-se também com o stalinismo e julgava que a democracia era um valor inestimável, o qual não poderia ser abandonado. A busca permanente de uma saída para a tensão entre igualdade e liberdade, como buscar uma sociedade mais equilibrada sem cair em tentações autoritárias e

⁴⁶ **John Maynard Keynes** (1883-1946): economista e financista britânico. Sua *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* (1936) é uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômicas, e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não-comunistas. De Keynes, publicamos um artigo e uma entrevista na 139ª edição, de 2 de maio de 2005, outra entrevista na 144ª edição, de 6 de junho de 2005, dois artigos na 145ª edição, de 13 de junho de 2005, e um artigo nos *Cadernos IHU Idéias* número 37, de 2005, intitulado *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes*, de autoria do Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho. (Nota da *IHU On-Line*)

messiânicas está ainda na ordem do dia, no Brasil e no resto do mundo.

IHU On-Line - De que forma a influência de Keynes pode ser verificada em Robinson?

Pedro Cezar Dutra da Fonseca -

Toda a obra de Joan Robinson é influenciada por Keynes. Mesmo quando enfoca o longo prazo não abandona estas raízes. Sua problemática é sempre keynesiana: demanda efetiva, ciclo, crise, desemprego. Seu marco de incerteza, risco, instabilidade. O único autor que ela defendeu até a morte foi Keynes. Mesmo quando se aproximou do marxismo, no pós-Segunda Guerra, não hesitava em afirmar que Keynes superara Marx⁴⁷ em vários aspectos. Ela revisou a *Teoria Geral*, a pedido de Keynes, antes de sua publicação.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Pedro Cezar Dutra da Fonseca -

Joan Robinson é uma autora instigante, extremamente crítica e criativa. Mesmo quando não se concorda com ela, nota-se sinal de inteligência e profundidade. Foi provocativa, não poupava seus adversários. Publicou quase 30 livros e escreveu mais de uma centena de artigos. Faz parte da Era de Ouro de Cambridge, com Keynes, Sraffa⁴⁸,

⁴⁷ **Karl Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.^a Dr.^a Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O **Caderno IHU Idéias**, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁸ **Piero Sraffa** (1898-1983): economista italiano, marxista, amigo de Antonio Gramsci, foi

Kalecki⁴⁹, Kahn⁵⁰, Robertson⁵¹, Kaldor⁵²... Ninguém melhor que ela vivenciou, refletiu e escreveu sobre esta importante fase da história econômica do século XX que são os 50 anos entre 1930 e 1980.

levado por Keynes a Cambridge nos anos 1920. Sua crítica da teoria de Marshall influi em muitos economistas, entre eles a economista inglesa Joan Robinson. Piero Sraffa é considerado um dos gigantes da economia do século XX. Suas principais obras são *The Works and Correspondence of David Ricardo* (1951); e *Production of Commodities by means of Commodities, Prelude to a critique of Economic Theory* (1960). Também escreveu sobre inflação, moeda e bancos. Sobre Sraffa o IHU promoveu, em 10 de maio de 2006, o evento **Quarta com Cultura Unisinos - Repensando os Clássicos da Economia**, na Livraria Cultura, em Porto Alegre. A palestra esteve a cargo da Prof.^a Dr.^a Maria Heloisa Lenz, da FEE. A mesma atividade foi trazida ao **II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, na Unisinos, em 17 de maio. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁹ **Michał Kalecki** (1899-1970): economista polonês, especialista em macroeconomia. Seus trabalhos de 1933 a 1935 introduziram proposições de Keynes. De suas obras, citamos *A Theory of Commodity, Income and Capital Taxation*, de 1937, e *The Last Phase in the Transformation of Capitalism*, de 1972. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁰ **Richard Ferdinand Kahn** (1905-1989): economista inglês. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵¹ **Sir Dennis Holme Robertson** (1890-1963): economista inglês. Trabalhou com Keynes nas décadas de 1920 e 1930. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵² **Nicholas Kaldor** (1908-1986): economista húngaro, um dos mais famosos de Cambridge no período pós-guerra. Desenvolveu o famoso conceito de compensação. (Nota da *IHU On-Line*)

Negações e silenciamentos no discurso acerca da juventude

IHU Idéias

Cátia Andressa da Silva, graduanda em História pela Unisinos, apresenta nesta quinta-feira, 8 de junho, a palestra *Uma análise do discurso acerca da juventude no ensino da História*. O tema é originado de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), aprovado com distinção pela Universidade.

Cátia, que também é bolsista no Observatório Juvenil do Vale, no Instituto Humanitas Unisinos (IHU), disse em entrevista por e-mail à *IHU On-Line* que a juventude não é prioridade dentro do discurso da História, e as razões para essa omissão estão centradas em “fatores que a Modernidade se encarregou de construir.” Para chegar a essa conclusão, a pesquisa enfocou a juventude alemã hitlerista, de 1930, e a brasileira no ano de 1968. O ponto em comum entre ambas juventudes, comenta Cátia, é que viveram momentos totalitários, a saber, o nazismo e a ditadura militar, respectivamente. Confira a entrevista na íntegra.

“Não podemos mais aceitar o discurso da hegemonia”

Entrevista com Cátia Andressa da Silva

***IHU On-Line* - Quais as principais conclusões a que chegou com a análise do discurso acerca da juventude como sujeito político na História?**

Cátia Andressa da Silva - Foi possível concluir que a agência política da juventude⁵³ não é prioridade, absolutamente, no discurso da História. As razões para esse silenciamento passam por vários fatores que a Modernidade se encarregou de construir. No meu

trabalho, afirmei que nossos conceitos são representações sociais que se constroem no campo do discurso, e isso se confirma quando vamos analisar a razão moderna, por exemplo. Esta razão não apresenta claramente algumas questões, e os discursos tradicionais escondem o que esta não traz à luz, não interessando às suas metanarrativas como se produziam outros discursos específicos. Entretanto, como Michel Foucault⁵⁴ mostrou, as evidências

⁵³ **Agência política da juventude:** termo através do qual designamos a juventude na condição de ator participante na política e na sociedade. (Nota da entrevistada)

⁵⁴ **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês, foi professor no Collège de France. Sua obra tem um enorme impacto na academia, pois perpassa principalmente pelas áreas humanas

que não satisfazem, merecem ser investigadas com maior propulsão. Percebi que mais interessante do que descobrir os motivos do que é apresentado nos discursos historiográficos hegemônicos (meu primeiro objetivo quanto ao trabalho), é investigar o que é silenciado e negado. Quando o desenrolar dos fatos foi sendo estudado, a primeira constatação foi a evidência de sua diferença, sua contraposição aos discursos tradicionais, repleta de especificidades, enquanto as metanarrativas possuem uma homogeneidade de conceitos, de análises que tornam os conhecimentos tão arraigados que saem do campo investigativo e entram no campo do senso comum. Propus-me no trabalho a apresentar as juventudes alemã hitlerista (1930) e brasileira (1968) como agentes de momentos históricos que possuíam uma característica comum: viveram em tempos totalitários, o nazismo e a ditadura militar, respectivamente. São jovens com distintas formas de atuação, ora entendidos como exército da disciplina, outrora entendidos como perturbadores da disciplina. De maneiras diferentes, a educação esteve sempre presente na sua agência, e o caráter revolucionário de ambas as juventudes pode ser comprovado pela maneira como eram produzidos novos paradigmas culturais (comportamento, música, poesia), políticos (poder pela disciplina, manifestações públicas), e sociais (pureza da raça, consciência de pertencimento). Não foi apenas pela

e das ciências sociais, mas também pelas demais áreas de estudo. É autor de, entre outros livros, *História da loucura*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. A matéria de capa da 119ª edição da *IHU On-Line*, de 18 de outubro de 2004, foi dedicada a esse pensador. O IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento **Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault**. (Nota da *IHU On-Line*)

coerção que a *Hitlerjugend* teve oito milhões de jovens. Continuar afirmando tal discurso seria uma falácia, seria legitimar a homogeneidade. Também não foi a juventude de 1968 apenas mais um elemento na multidão ou uma classe cultural. É teimosia de alguns historiadores repetirem tais equívocos.

***IHU On-Line* - Quais as maiores negações e os maiores silenciamentos detectados?**

Cátia Andressa da Silva - Eu estudei dois momentos históricos específicos, que mencionei anteriormente. Dentro do primeiro, começamos a perceber os silenciamentos quando vamos recorrer à historiografia tradicional, aos autores mais respeitados (pelo público e por seus pares) e não encontramos absolutamente nada sobre um exército jovem que mobilizou mais de oito milhões de indivíduos. A *Hitlerjugend* é um caso claro onde o silêncio e a negação andam lado a lado. Onde sua existência é reconhecida, nega-se sua importância política com a afirmação (vazia) de que eram jovens manipulados pelo poder de Hitler⁵⁵. Quanto aos jovens de 1968, são apresentados ora como apenas expectadores culturais ora como apenas mais “uns” na multidão. Na

⁵⁵ **Adolf Hitler** (1889-1945): ditador alemão, líder do Partido Nazista. Suas teses racistas e anti-semitas, bem como seus objetivos para a Alemanha ficaram patentes no seu livro de 1924, *Mein Kampf (Minha Luta)*. No período da sua ditadura, os judeus e outros grupos minoritários considerados "indesejados", como ciganos e negros, foram perseguidos e exterminados no que se convencionou chamar de Holocausto. Cometeu o suicídio no seu Quartel-General (o Führerbunker) em Berlim, com o Exército Soviético a poucos quarteirões de distância. A edição 145 da *IHU On-Line*, de 13 de junho de 2005, comentou na editoria *Filme da Semana*, o filme dirigido por Oliver Hirschbiegel, *A Queda - as últimas horas de Hitler*. (Nota da *IHU On-Line*)

historiografia, estes jovens não são reconhecidos como agentes políticos dos movimentos ocorridos. Como não? Estavam se opondo a um Estado totalitário, sofriam perseguições políticas, eram vistos como inimigos da ordem. Isso é fato comprobatório de sua agência, mas nega-se historicamente sua presença. Não eram apenas expectadores culturais, produziam cultura quando produziam comportamento, quando produziam arte “engajada”, quando inspiravam a produção musical, por exemplo. Não podemos mais aceitar, como estudiosos da juventude e suas representações históricas, o discurso da hegemonia, o discurso das metanarrativas. E a “nova” historiografia, que veio surgindo a partir das décadas de 1970 e 1980, que privilegia “outros” agentes políticos, como o jovem, a mulher, o negro etc., veio como um avanço na análise e compreensão dos processos históricos.

IHU On-Line - Quais seriam as relações de poder implicadas nessas negações?

Cátia Andressa da Silva - As forças de produção, as lutas de classes e a estrutura ideológica determinam também as formas de subjetividade. Essas formas são fenômenos derivados, conseqüências de processos econômicos e sociais. Os mecanismos de submissão devem ser estudados dentro, ou com, os mecanismos de dominação e exploração. São relações completas e circulares. As produções de saber, muitas vezes, fazem circular erros ou omissões de forma sistemática na história. É no discurso que se constroem as relações entre história e verdade, e o saber histórico é fundamental na relação de poder entre os que o assimilam e, sob sua égide, constroem sua subjetividade coletiva e os que são seus detentores. E é no discurso historiográfico que

deve ser “focada” a análise das relações de poder. É necessário que prestemos atenção na vontade de poder querendo tornar-se A Verdade.

IHU On-Line - Como as negações e silenciamentos aparecem na juventude hitlerista e nos militantes brasileiros de 1968?

Cátia Andressa da Silva - Veja bem, não são negações e silenciamentos que aparecem nestas juventudes, mas negações e silenciamentos que aparecem nos discursos acerca delas. Lembrando que nossos discursos são interpretações culturais que variam ao longo do tempo e do espaço, necessitando, portanto, de investigação histórica. Precisamos “reavaliar” nosso discurso a respeito de alguns aspectos sociais, levando-se em conta algumas premissas de Foucault, somos sujeitos constituídos de conhecimentos; somos sujeitos que atuamos sobre os demais; somos agentes morais. Discutir se a juventude se entende como objeto de conhecimento traz uma relevante contribuição para o estudo das sociedades modernas, em que a consciência histórica vai sendo delineada de forma ampla. Especificamente, como eu já havia dito anteriormente, a agência política da *Hitlerjugend*, tradicionalmente, é silenciada. Não se fala sobre seu exército, sobre seu líder⁵⁶, sobre sua organização paramilitar, sobre seu forte sentimento de pertença ao grupo. A juventude hitlerista tinha tal importância e autonomia na Alemanha Nazista que os jovens que a ela se opunham, assim como aqueles que se recusavam a ingressar em suas fileiras eram, por ela mesma, condenados à morte. Como

⁵⁶ Baldur Von Schirach era o chefe da *Hitlerjugend*. Figura carismática, liderança forte, autor de frases como: “*Caíam Fora Velhos!*”, defendia a idéia de que o jovem que marchava na juventude hitlerista não era apenas mais um número, era o “*soldado de uma idéia*”. (Nota da entrevistada)

silenciamos a respeito de sua importância histórica. Inclusive, no Brasil, foram “formados” jovens pela *Hitlerjugend*, mas nunca se fortaleceram de forma significativa.

Hitler e os jovens

A comunicação de Hitler com a sua juventude era constante, e em 1934, ele declarou o sábado como Dia Nacional da Juventude. Estes e outros importantíssimos aspectos validam a defesa de que estes jovens eram agentes políticos. O que acontece, contudo, com nosso discurso “reprodutor” da historiografia? Prefere o silêncio, que é menos incômodo. E 1968? Um exemplo tão recente na história do nosso país. Lembra-se de José Dirceu, de Luis Travassos, de Edson Luís, de Honestino Guimarães entre outros? Foram jovens extremamente importantes, responsáveis por momentos de tensão e enfrentamento. Junto com a Igreja, os estudantes representavam a absoluta maior parte das dores de cabeça governamentais. José Dirceu e Travassos foram presos em Ibiúna em 1968 e só foram libertos em 1969, no pagamento de resgate exigido pela ALN e o MR-8, que haviam seqüestrado o embaixador norte-americano, Elbrick.

Edson Luís foi um estudante morto pela polícia em 28 de março de 1968, no restaurante Calabouço, e em cujo enterro, compareceram mais de 50 mil pessoas, além de uma missa de sétimo dia histórica. Honestino Guimarães veio a desaparecer na década de 1970, mas, como estudante da UnB, foi caçado, junto com outros quatro colegas, considerados subversivos, pela polícia. Sua captura foi justificada como imprescindível à segurança nacional. Estamos falando de 1968, de 38 anos atrás, quando muitos de nós presenciamos estes momentos. E o que temos retratado na maioria

dos discursos? No discurso de um livro didático de história – lembre-se que este discurso é o que produz nossas subjetividades e consciências coletivas, reprodutor do discurso maior – sua importância é reduzida com afirmações como: “foi a participação política de milhões de brasileiros de todas as idades, incluindo crianças e jovens, que ajudou a promover mudanças no Brasil nos últimos cinquenta anos”⁵⁷. É possível, com apenas esta pequena amostra de fatos, negar a sua agência política? Aqui não há um silenciamento, a historiografia fala sobre os jovens de 1968, de forma bem ampla, inclusive. Entretanto, nega-se, ainda, que sejam responsáveis por produzir nossa memória coletiva, nossa consciência histórica acerca de nós mesmos.

IHU On-Line - De que modo você percebe hoje a participação da juventude na política em nosso país? Continua acontecendo essa negação e esse silenciamento por parte da história oficial?

Cátia Andressa da Silva - Olha, hoje precisamos estar atentos às oportunidades de tornarem-se agentes políticos, sociais, históricos que os jovens estão conquistando por meio das Políticas Públicas de Juventude que estão sendo implantadas no país, e que foram construídas em suas bases, mediante uma grande representação de jovens de inúmeras procedências. Foi um amplo debate, jamais, friso, jamais, ocorrido na História do Brasil, em que as suas necessidades, as suas pautas deram o tom do debate. Eu gosto da participação da juventude na política no País, assim como sua participação nas artes, na academia.

⁵⁷ Refiro-me à obra mais tradicionalmente usada nas salas de aula: PILETTI & PILETTI. *História e Vida Integrada*. São Paulo: Ática, 2005. (Nota da entrevistada)

Hoje temos jovens que, longe de serem os “coitadinhos” da história, ou os nostálgicos da geração 1960/1970, estão procurando as suas formas de agir politicamente na sociedade. São novas manifestações, advindas das suas realidades, da sua forma de governo (democracia), da sua forma de economia (neoliberal, capitalista). São jovens que, não necessariamente estando nas ruas em mobilizações ímpares, estão

jogando com as regras que lhes são oferecidas. Descobre-se que não basta o sonho, é necessário que, na prática, suas ações lhes tragam o mínimo de bem-estar. Ainda é cedo pra analisar se há, ou haverá, uma negação de sua presença, mas pelos avanços que vão se delineando, acredito que os novos discursos serão outros, bem diferentes dos que refutei no meu trabalho.

Em discussão o filme *O Tronco*, de João Batista de Andrade

História do Brasil e Cinema

O Prof. Dr. Flávio Madureira Heinz, da Unisinos, é o debatedor do filme *O Tronco*, dirigido por João Batista de Andrade. A produção será exibida em 10 de junho das 8h30min às 12h30min, na sala 1G119 do IHU, como parte integrante do evento **História do Brasil e Cinema**.

Heinz, professor e coordenador do PPG em História da Unisinos, é graduado em História e mestre em Sociologia Rural pela UFRGS. Cursou doutorado em História do Mundo Contemporâneo na Universidade de Paris X (Paris-Nanterre), na França. Sua tese intitulou-se *Les fazendeiros à l'heure syndicale: représentation professionnelle, intérêts agraires et politique au Brésil, 1945-1967*, publicada em 1998 pela Presses Universitaires du Septentrion, em Villeneuve-d'Ascq. É um dos autores de *O Parlamento em Tempos Interessantes: breve perfil da Assembléia Legislativa e de seus deputados*. Porto Alegre: CORAG, 2005 e organizou a obra *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. A entrevista que segue foi concedida pessoalmente à **IHU On-Line**, no gabinete de Heinz.

FICHA TÉCNICA

Título Original: O Tronco - A Chacina dos Coronéis

Gênero: Aventura

Origem/Ano: BRA/1999

Duração: 109 min

Direção: João Batista de Andrade

Sinopse: A ação se passa em 1919, no interior do Estado de Goiás e narra a disputa pelo poder entre grandes fazendeiros do Sul, que comandam o Governo, e coronéis do Norte do Estado. O coletor de impostos Vicente Lemos, homem de confiança do Governo, é enviado para região a fim de combater o domínio absoluto exercido pela família do patriarca Pedro Melo, cujo filho é ex-deputado e ex-aliado dos coronéis sulistas.

Idealista, Vicente Lemos sonha em exercer sua autoridade e levar os poderosos da região, dos quais também é parente, a aceitarem uma sociedade de justiça e respeito às leis. De início, o parentesco dá uma certa liberdade a Vicente para organizar a coletoria. Mas essa paz dura pouco. Vicente é desrespeitado e sua coletoria incendiada. Ele comunica o fato ao Governo, que envia para a região Norte uma tropa com soldados comandada pelo astuto e carreirista Juiz Carvalho que manda invadir a fazenda. Todos são presos menos Arthur Melo que escapa, escondendo-se.

Temendo a represália, o juiz Carvalho foge da região, deixando a tropa e os cidadãos sob fogo cruzado. Inclusive Vicente, que fica dividido entre os dois lados dessa guerra. De um lado, a selvageria dos jagunços, que resolvem fazer sua guerra, agindo individualmente ou em pequenos grupos que invadem a Vila e apavoram os soldados com seus malabarismos em cima dos cavalos. Do outro lado, a violência dos soldados, que aprisionam os familiares e agregados do coronel Pedro Melo ao tronco, no porão da sede da fazenda, sob a ameaça de matá-los um a um, caso os jagunços não se rendam.

Um filme histórico verossímil

Entrevista com Flávio Madureira Heinz

***IHU On-Line* - Qual é o enredo do filme *O Tronco* ?**

Flávio Madureira Heinz – O filme é baseado no livro *O Tronco*, de Bernardo Élis⁵⁸, e conta a história de um conflito que acontece durante a República Velha, no Brasil, ou seja, entre o final do século XIX e os anos 30 do século XX. É um conflito que acaba opondo o poderoso coronel do interior de Goiás com as autoridades do centro do Estado, da capital. O filme fala sobre esse conflito com diferentes personagens que acabam participando dele. Há uma autoridade muito forte centrada no coronel do interior, com personagens que se somam ao longo do filme e que são, basicamente, parentes próximos seus: Vicente Lemos (Marcos Palmeira), um jovem funcionário do governo estadual, modernizador, renovador, e que acaba entrando em conflito com esse chefe local. Há, ainda, o juiz encarregado de coordenar a ação do Estado com suas tropas, no papel de Antônio Fagundes.... São personagens do Brasil do período da República Velha, auge da época do coronelismo.

***IHU On-Line* - Quais são os principais pontos que destacaria na transposição do livro para o cinema?**

Flávio Madureira Heinz – Penso que a literatura, por ter uma linguagem completamente diferente do cinema, permite mais

aprofundamento, uma densidade maior na caracterização de personagens, situações dramáticas etc. O cinema tem uma necessidade de síntese muito maior, precisa fazer sentido como um todo rapidamente. Nesse aspecto, acho que o filme é muito feliz, apesar de pouco visto - não teve muita repercussão, como todos os filmes brasileiros da mesma época, e passou despercebido. Contudo é um filme bom como relato histórico. Não se pretende uma obra de História, uma vez que seu fundo é uma obra ficcional, mas consegue-se fazer o que chamaríamos de romance histórico. Os personagens são profundamente credíveis, estão bem situados. Como solução cinematográfica, parece-me um filme muito adequado.

***IHU On-Line* - Como o filme retrata a questão do coronelismo no interior de Goiás no início do século XX e quais as semelhanças guardadas com os dias de hoje?**

Flávio Madureira Heinz – Acredito que não haja eco do filme para a situação atual. Essa é uma discussão que se usa muito, sobre o poder dos coronéis em nossos dias, no interior do País. Na verdade, o período que vai do final do século XIX até 1930, é um período muito específico da história brasileira e que tem a ver com o momento em que, depois do final do império, o Brasil se organiza numa federação de Estados que são autônomos. Os governos estaduais passam a ser muito fortes no Brasil durante a República Velha. Aí se constitui uma relação em que, no interior, há um chefe local que, normalmente, conta com o apoio do governador do Estado. O que esse chefe local faz é garantir, pressionar

⁵⁸ **Bernardo Élis Fleury de Campos Curado:** escritor e poeta goiano. Publicou várias obras, dentre elas *Apenas um Violão*, *O Tronco* - que posteriormente virou filme -, e *Ermos e Gerais*, a mais premiada de todas. Foi o primeiro goiano a entrar para a Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando a cadeira de Machado de Assis, a n°1. (Nota da *IHU On-Line*)

as pessoas da cidade para dar seus votos para o partido governante. É o sistema que funciona em boa parte do Brasil, do Rio Grande do Sul, embora com outras características. Ocorre que esse é um sistema que, em regra geral, exige fidelidade absoluta desses chefes locais às autoridades no governo do Estado. O livro *O Tronco*, e logo o filme, retratam um momento quando isso não acontece. É mostrado um momento de crise, ou seja, é uma sociedade na qual o poder local e estadual está nas mãos do fazendeiro. Nesse momento, há uma espécie de ruptura. O governo estadual considera que esse coronel age muito por sua conta, autonomamente, e envia uma expedição punitiva em função de acusações, excessos que o coronel haveria cometido na região. A história do filme é a história dessa expedição e de como isso leva a um momento de conflito aberto. Morrem pessoas... O fundo dramático disso são as famílias, personagens, a mocinha, o rapaz que é coletor federal, mas que se envolve com sua prima. Essas situações dramáticas próprias do cinema é que costuram o enredo do filme.

IHU On-Line - O filme foi premiado como o melhor das comemorações dos 500 anos do Brasil. Quais seriam os maiores méritos dessa produção ao recontar a história de nosso país?
Flávio Madureira Heinz - Um dos pontos mais positivos do filme é que ele não é caricato. Uma das dificuldades quando se trabalha com filmes históricos, e temos vários exemplos nessa série promovida pelo IHU, é que muitos deles são caricatos. As pessoas até acham esses filmes interessantes do ponto de vista cinematográfico e como obra, mas tendem a fazer um pastiche da história, uma espécie de primado

pelo exagero, pelo excesso. Uma das coisas importantes num filme histórico é que ele seja verossímil. Não precisa ser verdadeiro, mas deve parecer verdadeiro. O que se parece com a verdade num filme como *O Tronco*? Mostrar que não há personagens bons ou maus, certos ou errados. Há personagens em situação na vida cotidiana, o que lhes confere mais ou menos poder. Nesse filme, há uma situação muito interessante da parte do Estado. Há o coronel e essa expedição punitiva que é chefiada por um juiz. Não se trata pura e simplesmente de levar a ordem, mas mostrar para o coronel que ele não pode fazer certas coisas. O filme mostra um pouco do entrelaçamento de razões que fazem a História e que, normalmente, são muito difíceis de contar numa obra cinematográfica porque é mais fácil fazer algo num estilo faroeste, quando há mocinho e bandido. Numa obra na qual o bandido não é tão bandido assim, e o mocinho está longe de ser um cara completamente bacana, é mais difícil explicar isso em duas horas. *O Tronco* consegue dar as tintas gerais do que foi o sistema coronelista, o que é bem difícil de explicar. Não há um primado pelo caricato e o enredo também é muito interessante.

IHU On-Line - Em relação ao elenco, como as atuações nessa produção potencializam e dramatizam a ficção de *O Tronco*?
Flávio Madureira Heinz - Com certeza o elenco desse filme ajuda a fazer dele uma produção ainda melhor. Rolando Boldrin, que é o coronel, Antônio Fagundes como o juiz, Letícia Sabatella como a filha do coronel, Marcos Palmeira como o coletor, são muito bons. O personagem do coletor é interessante porque sai dessas regiões remotas, agrestes, e volta após se formar na capital. Seu retorno acontece quando

ele tem um posto público, no governo. O rapaz não consegue aceitar as práticas do lugar de onde saiu – ele volta com outra cabeça, com a necessidade de exigir de seus próprios parentes e de seus padrinhos (porque esse coronel é

um padrinho político do contador). Ele exige um cumprimento mínimo da lei. É um conflito político e familiar que se coloca aí. O filme joga, a todo o momento, com esses dois níveis de conflito, o que acho que é de uma riqueza imensa.

IHU Repórter

Rodrigo Lentz



Em uma entrevista para estágio, perguntaram ao estudante de direito Rodrigo Lentz o que ele queria estar fazendo em 10 anos. Prontamente o jovem de 22 anos respondeu: “Quero ser presidente do país”. Embora não tenha sido contratado, Rodrigo não abria mão de seus desejos de mudanças políticas e sociais. Preocupado com as relações da sociedade com o trabalho e o mundo, Rodrigo diz que simpatiza com a

imagem dos malandros cariocas da década de 1970: “Eles tinham uma forma de viver despreocupada”. Criado pela avó, o jovem dirigente do DCE da Unisinos faz referências ao seu pequeno círculo familiar: a avó e mais três irmãos. Trabalhando no Projeto de Tecnologias Sociais do Instituto Humanitas Unisinos, Rodrigo conversou com a ***IHU On-Line*** sobre suas experiências de vida.

Origens- Eu nasci em Porto Alegre, em 1984, no dia 17 de janeiro. Tenho três irmãos: a Valessa, a Aline e o Ricardo. Sou o mais velho.

A minha família é complicada. Todos nós somos filhos da mesma mãe, mas de pais diferentes. Eu não conheço meu pai, porque ele foi embora antes de eu nascer. Já tentei saber dele, mas muito timidamente. Isso não me incomoda, mas sei que é diferente. Minha mãe, Suzana Pereira Lentz, foi uma pessoa muito importante lembro muito bem dela. Ela era faxineira e levava a gente para as casas onde trabalhava, e nós ajudávamos. Lembro de a gente sentar numa escada e comer pão com mortadela. Às vezes, ela pegava um bicho machucado

na rua e cuidava dele. Ela era muito humana. Percebo-a como alguém que me protege lá de cima. A minha mãe faleceu quando eu tinha 10 anos, no nascimento do Ricardo. Quem me criou foi minha avó, mãe da minha mãe. O nome da minha avó é Abelardina Pereira Machado, nome de que ela não gosta. Minha avó criou todos os irmãos menos o Ricardo. Ele teve problemas no nascimento e precisava de outros cuidados, então ficou com uma prima nossa que tinha mais grana. E hoje viraram os pais dele.

Morei até meus 10 anos em Cachoeirinha onde passei minha infância. Depois voltei para Porto Alegre Estou morando atualmente em São Leopoldo..

Estudos - Estudei em dois colégios, mas eu lembro mesmo é da Escola Pública Rubem Berta em Porto Alegre, onde fiquei da sexta série até o término do segundo grau.

Malandragem - Meu avô faleceu quando eu tinha três meses. O nome dele era Romeu Luiz Lentz. Eu não cheguei a conhecê-lo, mas eu gosto dele pelas coisas que a minha avó conta. Ele tinha duas famílias, naquela época era muito comum, no mesmo bairro. Ela conta isso rindo! Ela conta também que ele dava muita importância para dinheiro, mas ele sempre dava o que ele tinha. Sempre gostei dessa imagem de malandro, aqueles malandros da década de 1970 do Rio de Janeiro. Um malandro na forma de viver, totalmente despreocupado, que não sobrevive, mas vive.

Família - Considero que minha família é minha avó, que tem 66 anos, e trabalha como costureira. Considero-a minha mãe e meu pai. Sei que não tenho uma família tradicional. Nas comemorações de datas festivas, por exemplo, esse sentimento de união da família se perdeu. Por um lado, eu sinto um pouco de falta, por outro não. Às vezes, as famílias passam o ano todo falando mal dos parentes e se encontram nas datas festivas como se não tivesse nada acontecido. Eu não consigo ter este fingimento. Mas eu sei que é importante reunir a família. Hoje reunir a família significa, pra mim, reunir pessoas mais queridas e sinceras, ou seja, minha avó e meus irmãos.

Trabalho - Com 14 anos, fiz minha carteira de trabalho e fui em busca de emprego. Meu primeiro trabalho foi de empacotador do Zaffari. Trabalhei durante três meses lá. Eu ganhava muito pouco e trabalhava muito. Depois eu trabalhei com uma conhecida da minha avó como *office boy*. Eu ganhava mais e trabalhava menos. Não tinha aquela relação de patrão, cartão, fábrica. Foi uma mudança bem legal de emprego. Depois eu entrei em uma imobiliária, em um escritório de advocacia e contabilidade em Porto Alegre, também, como *office boy*. Fiquei dois anos trabalhando com carteira assinada e férias. Passei a estudar à noite no Rubem Berta. Quando entrei para a universidade, queria achar trabalho perto da faculdade, mas consegui um estágio em um escritório de advocacia que defendia banco em Porto Alegre, então vim ao IHU procurar estágio de direito, em junho de 2005 me chamaram e trabalho no setor de Tecnologias Sociais. Quando comecei a estudar à noite e trabalhar de dia, descobri um grande problema: a questão do horário. Eu não nasci para cumprir horário! Essa relação de horário eu acho que não é adequada. O horário não deve gerenciar o trabalho, e sim o trabalho gerenciar o horário. O importante é o que produzimos, e não quanto tempo ficamos no trabalho.

Direito - Eu saí do trabalho de *office boy* e pensei: “Agora vou entrar na universidade”. Peguei o dinheiro do trabalho e fiz cursinho. Entrei no curso de Direito da Unisinos. Eu queria fazer Administração de Empresas, mas no cursinho conheci um professor de história, que contava muitas histórias interessantes da vida política, e isso me influenciou na escolha do Direito. Depois eu tinha outras idéias: sempre vi os advogados, onde trabalhei, chegarem às 11 horas da manhã para trabalhar, o que me agradou. De início, achei que poderia transformar a sociedade por meio do Direito. Entretanto, com o tempo, percebi que nada mais é do que um instrumento de regulação de uma sociedade injusta. É um instrumento de quem domina para conter o povo, administrar a exploração. Se nos determos na Constituição, vamos ver vários direitos para todos, sem distinção. Quem, na prática, têm eles garantido? Quem tem dinheiro, quem tem poder. Estes têm saúde, educação, moradia, emprego, transporte, lazer, cultura. E se formos parar para pensar, quem sabe sobre leis, sobre direitos e a eles tem acesso? Mas todos têm que obedecer. Quer coisa mais sacana do que isso? A universidade é o lugar onde se produz conhecimento numa sociedade, tanto local como mundial. E para quem este conhecimento é produzido? Hoje, na Unisinos, por exemplo, é para quem banca e tem poder. Grandes empresas, grandes corporações protagonistas do modelo capitalista que vivemos. Este sistema precisa de conhecimento. Aí a universidade cede para esta força, reproduz este sistema, e as injustiças que traz como base do capitalismo. Não transforma a sociedade, apenas a reproduz. E isso é uma tremenda contradição, pois a universidade deve ser protagonista na mudança do mundo, a começar por onde está inserida, fazer cumprir os direitos mínimos empoeirados na Constituição pelo menos. O país tem 11 milhões de famintos, e por acaso ela produz conhecimento para estas pessoas mudarem isso? A universidade deve ir para a periferia, deve ser para maioria, que é pobre, negra e marginalizada pelo Estado.

Cena - No primeiro dia do curso, o professor perguntou por que estávamos fazendo Direito. Havia uns 50 alunos e só eu e mais outro menino dissemos que queríamos fazer justiça, e os outros tinham sonhos individuais, queriam ser promotores, juízes.

DCE- Logo que entrei na universidade me chamavam a atenção aqueles malucos e pessoas diferentes que ficavam naquele barracão do DCE. Já tínhamos tentado no colégio reabrir o Grêmio Estudantil, mas não deu certo. Então, sabia que tinha algo semelhante na universidade. Aí comecei a ir lá, conhecer as pessoas e participar do que acontecia. O problema é que não acontecia muita coisa, e eu tinha vontade de fazer algo. Comecei a questionar, procurar saber sobre a universidade, o movimento, os partidos, as festas, como funcionava, quem fazia... Foi um marco de mudança na minha vida. Tenho tranquilidade em afirmar que o movimento estudantil me abriu portas que não sabia que existiam, me fez ser crítico, ter uma visão coletiva da sociedade e da vida. Mostrou-me o que se passa “atrás das câmeras”. Quem manda no país e no mundo sutilmente e quem é explorado e manipulado, sem perceber. Com isso saí de uma cultura de massa, dos meios de massa, para construir minha própria posição. Há quatro anos, tentamos chegar ao DCE. Juntamo-nos para fazer um movimento político na universidade que, além de conquistar melhorias de assistência estudantil e mensalidades, quer provocar uma formação crítica dos estudantes e que esteja engajada em mudar o mundo, mas de um jeito diferente, sem o “polítiquês”. A principal identificação desta “galera” é o entendimento que o ME não é braço

de partido político. O nome da nossa primeira chapa foi PRA ACABAR COM A PALHAÇADA. Denunciamos isso fortemente, queriam nos "matar". É ir contra aquela idéia "odeio política" por causa dos partidos.

Política- Não é só partido que faz política. Dentro de sala de aula, fazemos política. Nunca me filiei em partido político, mas faço política onde vivo. Encaro que esta é uma emancipação, pois não quero que os outros decidam por mim. E quando o povo se der conta disso, ninguém segura... Nem precisa ir muito longe, se os estudantes, os professores e os funcionários se dessem conta do poder que tem: quem sustenta a universidade? Quem dá aula? Quem administra de fato? Quem faz a universidade acontecer? E quem manda? São as pessoas que fazem a universidade? Para mim chega a ser um desaforo. Sei que o processo é lento, mas isso já está muito perto de mudar. Uma hora vai cair. Foram três eleições até chegarmos ao DCE.

Desejos - Meu desejo maior é mudar o mundo!

Livro - Tem vários vou citar *A revolução das crianças* do Caco Barcellos.

Filme - Tem dois que eu gosto bastante: *Cidade de Deus*, do Fernando Meirelles. Sempre lembro muito da minha época de escola no Rubem Berta, que é uma escola de periferia, e todos os meus colegas eram negros e viviam aquele cotidiano da Cidade de Deus. Também tem um outro filme de que gosto que é para relaxar: *Todas as Mulheres do Mundo*, de Domingos de Oliveira

Futuro- Não quero mais ser presidente, aliás não quero mais que haja presidente !

Unisinos - Um mar de contradição. A universidade deveria transformar a sociedade e está apenas reproduzindo um sistema capitalista e mercantilista.

Instituto Humanitas Unisinos- Quem dera a Unisinos fosse o IHU. O IHU é a face humana desta Universidade.